

Eri Carmo



Série Livro-Texto



Esperando o zepelim passar

Eri Carmo

Esperando o zepelim passar

Universidade Federal de Pernambuco

Reitor: Alfredo Macedo Gomes

Vice-Reitor: Moacyr Cunha de Araújo Filho

Pró-Reitoria de Graduação

Pró-Reitora: Magna do Carmo Silva

Diretora: Fernanda Maria Ribeiro de Alencar

Editora UFPE

Diretor: Junot Cornélio Matos

Vice-Diretor: Diogo Cesar Fernandes

Editor: Artur Almeida de Ataíde

Comitê de avaliação

Adriana Soares de Moura Carneiro, Ana Célia Oliveira dos Santos, Andressa Suely Saturnino de Oliveira, Arquimedes José de Araújo Paschoal, Assis Leão da Silva, Ayalla Camila Bezerra dos Santos, Chiara Natercia Franca Araujo, Deyvylan Araujo Reis, Djailton Cunha, Flavio Santiago, Hyana Kamila Ferreira de Oliveira, Isabel Cristina Pereira de Oliveira, Jaqueline Moura da Silva, Jorge Correia Neto, Keyla Brandão Costa, Luciana Pimentel Fernandes de Melo, Márcia Lopes Reis, Márcio Campos Oliveira, Márcio Vilar França Lima, Maria Aparecida Silva Furtado, Maria da Conceição Andrade, Michela Caroline Macêdo, Rodrigo Gayger Amaro, Rosa Maria Oliveira Teixeira de Vasconcelos, Shirleide Pereira da Silva Cruz, Tânia Valéria de Oliveira Custódio, Waldireny Caldas Rocha

Editoração

Revisão de texto: Rostand Tiago Vasconcellos Filho

Projeto gráfico: Ildembergue Leite

Diagramação: Lucas Xavier de Aguiar

EDITORA ASSOCIADA À



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Catálogo na fonte

Bibliotecária Kalina Ligia França da Silva, CRB4-1408

C287e Carmo, Erinaldo Ferreira do. Esperando o zepelim passar [recurso eletrônico] / Eri Carmo. – Recife : Ed. UFPE, 2024.
(Série Livro-Texto)

ISBN 978-65-5962-205-4 (online)

1. Ficção brasileira. 2. Ficção histórica brasileira. 3. Literatura brasileira – Ficção. I. Título. II. Título da série.

B869.3

CDD (23.ed.)

UFPE (BC2024-009)

Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.



SÉRIE LIVRO-TEXTO

A Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), pautada pelos princípios da democracia, da transparência, da qualidade e do compromisso social, assume a Educação Superior como um bem público e um direito de todas e todos. Nesse sentido, estimula a melhoria das condições do trabalho docente, a inserção de metodologias de ensino inovadoras e a articulação dos conhecimentos teóricos e práticos nas diferentes áreas do saber como instrumentos de promoção de uma formação científica, humanística e artística que prepare nossos estudantes para a intervenção na realidade, segundo o compromisso com o desenvolvimento integral e sustentável, a equidade e a justiça social. Assim, a UFPE, por intermédio da Pró-Reitoria de Graduação e da Editora UFPE, oferta à comunidade acadêmica e à sociedade mais uma seleção da Série Livro-Texto, com o objetivo de contribuir para a formação da biblioteca básica do estudante de graduação e para a divulgação do conhecimento produzido pelos docentes desta Universidade. Em busca de uma melhor dinâmica para o recebimento de originais, este edital (Edital simplificado nº 22/2022 de incentivo à produção e publicação de livros digitais) estabeleceu janelas de submissão em momentos

distintos, oportunizando uma melhor organização por parte dos agentes envolvidos na elaboração e na edição desses materiais. Os livros selecionados, que contemplam diferentes áreas do saber, representam o esforço de discentes (de graduação e pós-graduação) e servidores (docentes e técnicos) e da gestão da Universidade em prol da produção, sistematização e divulgação do conhecimento, um de seus principais objetivos.

Alfredo Macedo Gomes

Reitor da UFPE

Moacyr Cunha Araújo Filho

Vice-Reitor da UFPE

Magna do Carmo Silva

Pró-Reitora de Graduação (Prograd)

Fernanda Maria Ribeiro de Alencar

Diretora da DIFI/Prograd

SUMÁRIO

Apresentação 7

Prólogo 9

1. A Cruz Sagrada seja a minha luz 30

2. Não seja o dragão o meu guia 51

3. Retira-te, Satanás! 72

4. Nunca me aconselhes coisas vãs 93

5. É mal o que me ofereces 114

6. Bebe tu mesmo o teu veneno 135

Epílogo 158

Ficha de leitura 183

APRESENTAÇÃO

Escrever um livro é sempre um traçado desafiador e ousado. Também é bastante exultante, quando esses adjetivos anteriores estão associados a uma ideia que remói a cabeça do autor e precisa ser transposta em texto escrito. Assim nasceu o presente livro, elaborado com o intuito de registrar tramas da vida de pessoas comuns em um dos mais importantes períodos de transformações marcantes na história do país.

No início do século xx, os ventos da libertação dos escravizados sopravam do Sul, mas no Norte os seus efeitos eram incertos. À época, uma mãe preta migrara para outros ares, deixando para trás uma criança, entregue aos cuidados de um velho religioso, na bucólica e paradisíaca vila litorânea de Maragogi. No local, a investigação de uma morte incomum revela segredos sórdidos escondidos entre paredes e tradições da velha igreja. Nesse contexto, a criança percorre os primeiros anos do século passado em uma trajetória de luta pela sobrevivência, busca pela liberdade e desejo de justiça. Com esse percurso de vida, até a sua fase adulta, o personagem discorre, de forma intimista, crítica e comovente, sobre a luta por direitos no período pós-abolição, acompanhando a história política e social da recém-proclamada República.

Este romance histórico retrata o conflito dialético de um homem simples entre a vingança e o perdão, tendo sua vida marcada por rejeições e acolhimentos, perdas e conquistas, fugas e enfrentamentos, assim como é a vida comum, feita de percalços e esperanças. Mistérios e investigações marcam esse enredo, circundado de relações de amizade, confiança e acolhimento. Protagonizam essa instigante história policial de época: o padre Françaís, que construiu uma relação de afeto e comunhão com os fiéis de sua paróquia; o prior Santino, que vive o confronto entre o sonho pretérito e a dura realidade presente; o delegado Antenor, que se dedica ao trabalho de maneira prioritária e imparcial; e o desafortunado Biu Noá, que tenta superar suas perdas e encontrar um sentido para a vida.

Na perspectiva de propiciar um momento de entretenimento e também de conhecimento crítico-reflexivo no contexto sociopolítico do século passado, desejo-lhe uma boa leitura e excelentes descobertas nessa viagem no tempo.

Com apreço,
O Autor.

Prólogo

Não tenho a habilidade da escrita, tampouco pretendia publicar trechos da minha memória. Entretanto, a idade avança sem que se perceba a sua trajetória e, de repente, a gente se reconhece nesse estado. Já não lembro com tanta facilidade, e em ordem cronológica, certos acontecimentos e narrativas, o que faz com que o esforço seja cada vez maior para encaixar as peças de um quebra-cabeça temporal. Por isso me propus, em tempo, a escrever o que vagamente volta às lembranças da infância, antes que a velhice chegue e apague, ainda mais, a memória e impeça, definitivamente, a sua transcrição.

Advirto a quem lê este escrito que não se trata de um romance autobiográfico, ainda que se confunda com um relato de vida, e não tem a pretensão de um trabalho de história oral, visto que esse é um método de pesquisar o passado produzindo relatos que sirvam de fontes na compreensão de determinado fato ou período. Evidentemente, uma criança não domina tal método, nem conhece as técnicas de entrevista. Assim, as informações que adquirir aos 12 anos de idade não receberam o tratamento adequado à época, nem podem ser assim tratadas hoje. Nesse longo hiato, até o nome de algumas pessoas foi esquecido e aqui modificado. Outros nomes foram propositalmente alterados para não identificar os sujeitos.

Claro que tempo e memória são variáveis correlatas, mas, após a saturação, tornam-se inversamente proporcionais. Isso significa dizer que não há precisão nas lembranças tão remotas. Por isso, esta obra merece um minucioso trabalho de crítica e, nesse caso, eu mesmo antecipo algumas: os fatos aparecem aqui como artefatos que foram, forçosamente, colocados em uma sequência de roteiro, mesmo sem a certeza da ordem do evento ocorrido e do seu lugar no tempo; a partir dos depoimentos orais colhidos foram desenhados cenários, entretanto, sabemos que às falas produzidas são possíveis diferentes interpretações e essas interpretações do autor e de quem presenciou e viveu o tempo e o espaço descritos são carregadas de subjetividades; a subjetividade, por sua vez, muda com a formação do indivíduo e suas experiências vividas, de forma que certos sentidos percebidos em uma época passam a ser referenciados de outro modo em outro momento.

O que eu quero dizer é que as minhas lembranças são formadas sobre as lembranças de outra pessoa, e essas sofreram alterações substanciais de percepções ao longo do tempo. Quase 70 anos separam o tempo do fato ocorrido e o tempo da primeira narrativa, quando o senhor Biu Noá enriquecia as noites com suas histórias vividas em um passado inimaginável no tempo presente de uma criança que as ouvia. O fato em questão diz respeito às trágicas mortes misteriosas que mudaram drasticamente o percurso de vida do narrador.

Além disso, mais de 40 anos se passaram entre aquelas histórias ouvidas na minha infância e a produção deste texto. Nesse largo período, duas pessoas vivenciaram acontecimentos e os reproduziram décadas depois: Biu Noá, ao expor sua vida desde a infância, e eu, ao divulgá-la aqui. Então, cerca de 110 anos separam esta transcrição e o acontecimento transcrito. Ressalto que esse fosso temporal também pode estar cheio de lapsos involuntários e alvitre fantasiosos que podem confundir o real e o imaginário, porém, sem embuste qualquer.

As lembranças que aparecem aqui são de um tempo vivido nas ruas calmas da vila costeira de Maragogi, quando alguns moradores mais antigos ainda a chamavam de Gamela, nas noites mal iluminadas por lâmpadas incandescentes na frente das casas simples, com suas calçadas altas repletas de crianças brincando de escolinha, garotos planejando aventuras para o dia seguinte, meninas falando de vestidos e festas dos sonhos, senhoras tratando da vida alheia e velhos jogando dominó.

Cada grupo estratificado por gênero e idade se confluía em calçadas distintas, mas o som dos diferentes diálogos se misturava e dominava a primeira parte da noite por toda a rua. E era assim nos arredores, nas outras poucas ruas da vila, por onde havia iluminação elétrica, menos na rua da praia, onde a escuridão do mar parecia assombrar a noite e assustar os moradores. Lá, ouvia-se apenas o som das ondas arrebatando nos recifes que margeiam a costa e do vento frio que evadia do oceano para refrescar a cidadezinha, depois de um dia de sol escaldante.

A altura das calçadas servia de proteção às casas nos dias de ressaca do mar. Nas noites calmas, servia de assento aos moradores. Os garotos ocupavam a calçada do Zé do Peixe, desde que esse não estivesse em casa, ou do doutor Cariolando, simpático veterinário de uma fazenda próxima e que também medicava gente, pois atendia em casa aos doentes de causas simples. O motivo dos garotos preferirem se reunir na frente da casa do Zé do Peixe era simplesmente o fato das garotas ocuparem a calçada do outro lado da rua, na casa do seu Ananias e suas duas filhas adolescentes.

Era comum ao pescador Zé do Peixe expulsar aos gritos os moleques barulhentos que o incomodavam em seu cochilo sagrado, antes de sua partida para o mar, ou o impediam de ouvir no rádio A Voz do Brasil. Por vezes, o pescador chegou a despejar xixi na calçada para impedir as reuniões dos meninos agitados. E todos corriam para a calçada do veterinário, na casa mais afeiçãoada da rua, mais próxima da praia, com uma varanda coberta que abrigava os conversadores, mesmo em noites de chuva fraca. Nas chuvas frontais de meio do ano, com o vento intenso, não adiantava se proteger no alpendre rodeado de lambrequins.

Para a sorte dos barulhentos paqueradores da rua, o pescador costumava passar a maior parte das noites trabalhando, a depender da fase da lua e do movimento da maré. Outro indicador da ausência do hostil Zé do Peixe, além da fase da lua, era a visibilidade do céu. Os garotos mais experientes olhavam para cima e pela quantidade de nuvens espalhadas definiam se o pescador estaria em casa ou no mar.

Como um código secreto, os meninos costumavam olhar o céu e, ao virem nuvens cumulus, anunciavam: “Hoje o mar está para peixe”. E todos entendiam que poderiam manter a reunião no mesmo local. Outras vezes, alguém passava discretamente em frente à porta da casa do pescador e, espichando o pescoço, espiava se a tarrafa estava estendida na parede, sinalizando aos demais que a presença da tarrafa significava o sinal proibido às conversas na calçada, olhando as garotas do outro lado da rua. E todos seguiam insatisfeitos à casa de alpendre.

Além da visão privilegiada das meninas bonitas sentadas na calçada do seu Ananias e da aventura de ser surpreendido com o retorno inesperado do pescador, os encontros dos adolescentes eram meio sem graça, sem assuntos interessantes e com muita agressividade. Qualquer discórdia virava uma briga de socos e pontapés, até os apaziguadores separarem os brigões. Apesar de estar na minha pré-adolescência, eu me sentia mais crescido que qualquer um daqueles maloqueiros, incluindo os meus primos, que tinham mais de 14 anos de idade e a cabeça de uma criança de menos de 12.

Descontente com as brincadeiras infantis daqueles adolescentes, que nos melhores momentos se limitavam a contar mentiras heroicas, falar mal dos colegas ausentes e descrever as aventuras na mata e os jogos de futebol na areia da praia, preferi explorar a vizinhança e subir a rua para vê-la de cima. Essa aventura me permitiu conhecer o senhor Biu Noá e dele ouvir as histórias mais empolgantes sobre uma época passada, o que resulta no entrecho que aqui exponho.

Havia uma casa no final da rua, na subida para a mata, e essa era bem mais modesta que as outras. Ela não tinha sequer calçada. Na sua frente nunca se via a concentração de pessoas de qualquer

grupo etário. E isso não ocorria exatamente pela falta de uma calçada ou por ser essa moradia um pouco mais distante das demais, mas por se tratar da casa do velho Biu Noá, certamente o homem mais idoso da localidade e cheio de histórias para contar e ninguém para ouvi-las.

Seu Biu, como era popularmente chamado, não tinha mais habilidade nas mãos para segurar um livro. Também a vista cansada não o ajudava na leitura. Diziam os vizinhos que a sua distração, no passado, era ler embaixo do sapotizeiro que ele mesmo tinha plantado, próximo ao oitão da casa, quando ali chegara para morar. Na velhice, com as mãos trêmulas, cessou as leituras e até deixou de frequentar a calçada da casa do senhor Neilson, onde se reuniam os homens da rua, desde que começou a deixar cair as pedras, mostrando o jogo aos adversários e fazendo com que ninguém o aceitasse como par. O velho se contentava agora em capinar o mato no entorno da casa, durante o dia, e à noite a colocar a cadeira de balanço no batente da porta para contemplar os movimentos nas calçadas rua abaixo.

Diziam também que ele estava biruta, pois ficava olhando para o céu, como se ainda aguardasse a passagem do zepelim. Era uma referência ao dirigível, que outrora fora visto sobrevoando a praia e permanecia na memória dos moradores mais velhos da vila.

Eu já conhecia as muitas histórias deslocadas que contavam sobre ele. Segundo boatos correntes, o velho Biu nunca foi visto trabalhando para ganhar dinheiro, desde que chegara para morar naquela rua, muitos anos atrás. Não saía para pescar, não trabalhava na feira, nem na usina e não aceitava mimos de candidatos em época de eleição. Falavam de uma fortuna conseguida misteriosamente e que o mantinha numa situação financeira constante por todos os anos vividos na localidade.

Contavam que se tratava de um homem rico, proprietário de casas alugadas no centro da cidade, mas que vivia ali disfarçadamente como pobre para não levantar suspeitas sobre a sua riqueza. Alguns garotos diziam ter ouvido dos pais que o senhor Biu encontrara uma botija ao escavar uma cova no cemitério da igreja. Outros afirmavam que a mesma botija agora estava enterrada na própria

casa do velho. Ainda, alguns comentavam de uma herança deixada pelo padre que o criara.

Ao passar em frente à casinha de taipa, sem pintura nas paredes externas e sem calçada, percebi que não fazia sentido algum o boato sobre a riqueza latente do velho. Contemplei disfarçadamente aquele senhor olhando para o nada, fumando lentamente o seu cigarro de palha e ouvindo o ranger da cadeira de balanço. Parecia mesmo esperar o dirigível. Ou parecia conversar consigo mesmo, perdido no vazio do tempo, alheio ao barulho que vinha lá de baixo, nas gritarias das crianças e batidas dos adultos na mesa de dominó.

Minha primeira tentativa de aproximação foi uma saudação comum aos adultos:

— Boa noite, compadre.

Eu não sabia exatamente o sentido da palavra compadre e achava que qualquer um poderia usá-la. Eu tinha percebido que ali todos os homens eram compadres e todas as mulheres comadres, pois assim se tratavam mutuamente.

O idoso não me corrigiu, também não se preocupou em responder coisa alguma. Apenas me olhou como se esperasse por alguma complementação na fala, o que me fez de imediato remendar a conversa:

— Como o senhor tem passado? — soltei a frase que chegou rapidamente na ponta da língua, de tanto tê-la ouvido nas conversas dos adultos.

A resposta esperada era: “Bem, graças a Deus” ou “Como Deus quer”. Sempre respondiam assim os adultos dali. Sem embargo, aquele senhor respondeu secamente com uma única palavra: “levando”.

Como é comum nas expressões coloquiais a supressão do *d* nos gerúndios, “levano” foi a pronúncia dele. Aquela resposta, mesmo curta, sem demonstrar interesse em estabelecer um canal de diálogo, já era o suficiente para me fazer ensaiar uma aproximação.

Eu não sabia o que perguntar na sequência, mas não tinha pressa. Não queria voltar às brincadeiras bobas que ocorriam lá embaixo e ainda faltava muito para as 20 horas, o horário em que

todos se recolhiam para dormir. Quase que automaticamente, todas as noites, às 18 horas, quando o rádio tocava a Ave Maria, as famílias se reuniam para o jantar e, após a refeição, saíam de suas casas para movimentar a rua. Depois de algumas partidas de dominó e muitas conversas cotidianas, como se fosse um efeito sincronizado, os adultos deixavam as calçadas e se recolhiam em seus lares, sempre no mesmo horário, sendo seguidos pelas crianças e depois pelos adolescentes e jovens. Vez por outra, uma mãe aparecia na porta chamando o filho atrasado. E ao mesmo tempo, toda a rua ficava em pleno silêncio, quebrado apenas pelos latidos dos muitos cães vira-latas.

Como ainda era bastante cedo, fingi observar e contemplar o lugar, enquanto pensava calmamente qual seria a próxima pergunta a ser feita ao dono da casa, quando fui surpreendido com o questionamento vindo daquele senhor, que me perguntou de quem eu era filho. É comum às cidades pequenas o conhecimento de todas as pessoas das famílias locais. Provavelmente, ele nunca tivera me visto antes, mesmo sendo o terceiro ano consecutivo de férias com os meus primos. De qualquer forma, ao que parecia, tínhamos iniciado um diálogo. E como ele não identificaria os meus pais, que moravam em outra cidade, preferi apresentar como referência alguém que ele pudesse conhecer.

— Ah, eu estou na residência do tio Dedé — respondi, mostrando-lhe com o indicador a casa branca, localizada no início da subida da rua.

O meu tio era bastante conhecido na vila. Tinha se mudado para aquela casa há quase cinco décadas, vindo de Maceió, assim que foi reformado da polícia. Quando era jovem, deixou a sua cidade natal, em Pernambuco, para trabalhar na força policial alagoana, tendo sido, inclusive, convocado para compor a tropa enviada a São Paulo para defender Getúlio Vargas frente ao movimento oposicionista. Ele sempre narrava esse fato com imodéstia e, provavelmente, algumas bravatas.

O senhor Biu disse conhecer muito bem o meu tio, o tenente André, acrescentando ter sido esse quem o convidara a morar na localidade. Afirmou serem amigos de longa data. Também foi o meu

tio o seu companheiro de caçada por muitas vezes, lembrando ainda que o militar tinha uma mira de dar inveja.

Isso devia ser mesmo verdade. Orgulhoso de sua trajetória na polícia, o tio Dedé não perdia uma oportunidade de mostrar as cicatrizes e recontar suas ações armadas em diferentes ocasiões, gabando-se de ser um exímio atirador. Não tinha remorso de falar quantas vítimas tombaram na frente do seu revólver. Todas malfeitoras, segundo ele. Assim, tornou-se uma autoridade respeitada e temida pelos moradores da vizinhança. Por vezes, desavenças de vizinhos eram trazidas para que ele ouvisse as partes e desse o veredito. Também ficou marcado pelo seu comportamento autoritário e dominador, ao resolver rixas com medidas extremas.

O velho me perguntou se o meu tio já tinha contado de uma certa vez em que, com um único tiro de espingarda soca-soca, acertou quase uma dúzia de rolinhas. Ele falou sinalizando positivamente com a cabeça, como se confirmasse a sua própria fala, e continuou a descrever o fato, pontuando que, enquanto André era capaz de acertar um bico-de-lacre voando, ele mesmo mal conseguia acertar um mutum parado. Riu de sua própria história e logo voltou a me arguir, dessa vez perguntando de onde eu era.

— Eu moro com os meus pais, em Recife — respondi, argumentando que, por ser filho único, fugindo do isolamento nas férias, estava passando uns dias na companhia dos meus primos. Também lhe expliquei que essa era a única oportunidade de brincar com eles, pois não havia a possibilidade do meu tio e seus filhos irem à minha casa em Recife. — Na cidade grande as moradias são pequenas — tentei explicar — e a casa dos meus pais não comportaria todos os meus primos.

A residência do meu tio era muito grande, fincada entre um enorme terreiro e um imenso quintal, bastante arborizado. E assim precisava ser para acomodar todos os seus filhos, noras, genros e netos. Parecia uma corte. Os filhos eram: três homens e duas mulheres, do primeiro casamento; dois adolescentes com um pouco mais de idade que eu, esses do segundo casamento; e uma recém-nascida, da terceira esposa. Após a segunda viuvez, o meu tio casou novamente com uma jovem de pouca idade. Aos sessenta e tantos

anos, quase setenta, agora planejava viajar com toda a família para apresentar a nova mulher e rever os parentes que ficaram em Recife. E reclamava que a casa do meu pai, o seu irmão, não era grande o suficiente para receber toda a sua prole.

O velho senhor afirmou conhecer a cidade grande. Disse-me que já morou em Maceió, também em São Paulo e até mesmo na capital do país. Reflexivo, com o olhar distante, em direção à escuridão da praia, sem se preocupar com as cinzas que ameaçavam cair, voltou a pôr o cigarro na boca e deu uma lenta tragada. Talvez o pulmão não lhe permitisse tragar mais forte. Então acrescentou que já rodou por muitos lugares, mas voltou para viver o resto de sua vida ali na terrinha, concluindo que não se encontrou em nenhuma outra parte.

Aquele homem, em sua expressão de desconsolo, naquele instante me fez vê-lo como alguém vivendo e morrendo cotidianamente procurando achar o sentido da vida. Por outro lado, ali parecia estar todo o sentido de sua existência: um cantinho para morar, o cigarro de fumo de rolo, a cadeira de balanço e a vista completa da rua que se estendia até se perder no mar. Claro que à noite não há mar no horizonte. A completa escuridão muda drasticamente a paisagem, deixando a imagem das casinhas como em uma tela de fundo preto. O campo de visão diminui no escuro e não há como distinguir a praia, o mar e o céu. Tudo fica um só breu, excetuando as noites quando se tem a lua prateando a água.

Percebi no meu interlocutor a ausência de incômodo com a minha presença e suas frases se tornando mais longas, como uma demonstração de interesse pela conversa. Daí aproveitei para me aproximar e lançar minha pergunta cuidadosamente pensada lá atrás. Minha primeira curiosidade não era sobre a botija de dinheiro, nem os mistérios de sua vida pouco conhecida, e sim identificar a razão do seu nome. Biu Noá não era um nome comum, nem mesmo entre as pessoas mais velhas, com seus apelidos esquisitos. Não era Noé, ou Noel, ou outro sobrenome qualquer do rol de nomes normais. Para mim, soava estranha aquela identificação e faltava uma explicação lógica, um esclarecimento que desse sentido ao termo Noá ou Noar. Seria em inglês, Noah?

— Ouvi dizer que o seu nome é Biu Noá. Por que Noá?

Eu tinha perguntado aos primos e colegas da rua e ninguém sabia a resposta. Apesar de todos os Severinos dessa região serem chamados de Biu e todos os Bius terem um complemento ao apelido, aquele caso não fazia o menor sentido. Procurei então contabilizar quantas pessoas eu conhecia com aquele nome.

Eu já havia conhecido o Biu do Pão, que obviamente era pai-deiro por profissão e morava nas proximidades; o Biu Coruja, que recebera essa alcunha pejorativa dos moleques da rua por ter uma fisionomia estranha, com olhos esbugalhados e nariz fino; Biu de Nena, filho mais velho da vizinha dona Nena; e Biu Gago, o único Biu jovem desses citados, que sofria nas brincadeiras dos colegas devido à dificuldade de formular uma única frase sem repetir forçosamente algumas sílabas. Os cinco Bius que habitavam as redondezas tinham um nome complementar ao apelido, mas apenas aquele senhor possuía um nome sem uma explicação razoável.

Ele disse apenas que era chamado desse modo desde pequeno. Respondeu-me externando um sorriso discreto, mantendo o cigarro no canto da boca.

Aquela resposta não atendia a minha curiosidade, mas por hora resolvi não insistir na inquirição para não incomodar o meu entrevistado. Só depois de muito tempo e longas histórias ouvidas nos dias seguintes, pude ter uma ideia da origem do seu nome. Custou-me entender o sentido da expressão que o identificava. Após saber de sua criação na igreja, por um padre francês, e da existência de duas crianças com o mesmo nome, Severino, sendo o outro um garoto branco, intuí que o seu apelido era procedente do francês *noir*, usado pelo padre para identificar o Severino negro.

Dei alguns passos adiante para ficar frente a frente com o senhor estranho de nome esquisito. Notei que a casa de taipa mostrava a cor do barro na parede. A frente da moradia tinha apenas uma porta e uma janela, semelhante às casas que conhecemos dos desenhos que as crianças fazem. Mesmo com a porta aberta, não consegui enxergar o interior, pois tudo estava escuro lá dentro e a única luz que iluminava o dono da casa vinha de uma lâmpada de baixa claridade pendurada na cumeeira do lado de fora. Dessa



forma, seguindo o balançar da cadeira, o rosto do senhor ora aparecia e ora desaparecia na escuridão.

Era um rosto magro ossudo, cabelos brancos enrolados, pele rachada como o solo seco. Quando o movimento da cadeira o projetava para a frente, eu percebia a sua idade avançada. Quando se afastava da luz, apenas a brasa do cigarro ficava visível. Com a voz trêmula, porém grave, ele quis saber a minha idade.

— Eu tenho 12 anos — respondi —, quase 13.

Ele anunciou que tinha 80 e deu graças a Deus, fazendo lentamente o sinal da cruz, tocando com o polegar a testa, os dois lados do rosto e o queixo. E após uma curta pausa continuou a falar, dizendo que quando tinha a minha idade, vivia na igreja lá do alto.

— A igreja de São Bento?

Mexendo a cabeça positivamente, confirmou. Em seguida, ele me disse que viveu lá uma parte de sua vida, até os 15 anos. Depois deixou a cidade e perambulou pelo mundo afora, voltando só quando homem feito.

Foi no ano anterior, numa empreitada aventureira com os meus dois primos adolescentes e outros meninos da rua, que eu visitei a antiga igreja, quase desmoronando. Do antigo templo só restava uma armação em ruínas. Mais dias e aquele prédio abandonado desabaria. Entramos no recinto pulando uma janela e quando lá dentro os colegas me mostraram uma grossa parede, o lugar que guardava, segundo as lendas locais, botijas escondidas cheias de tesouros pessoais da gente rica que ali se encontrava sepultada.

Mesmo não acreditando plenamente nessa história, achei que havia um pouco de verdade no que os colegas contavam com tanta crença. Também não duvidei completamente das histórias macabras de fantasmas que rondavam o local. Fiquei por um tempo olhando o teto prestes a cair e impressionado com o abandono de um templo que já fora referência religiosa e social aos moradores da cidade.

Aquela igreja, agora abandonada, erguida em data incerta com tijolos de barro queimado e pedras trazidas da praia, apresentava rachaduras e infiltrações que amedrontavam os que se atreviam a entrar nela. As largas fissuras nas paredes estavam preenchidas

por plantas e raízes expostas, causando maior temor que os contos mal-assombrados ditos pelos colegas. Até mesmo o cemitério da igreja, com a bela vista para o mar, parecia menos funesto que o interior do prédio.

Ao perceber que o velho interlocutor queria falar mais, sentei-me no chão empoeirado e esperei o desenrolar da conversa. Eu sabia que, provavelmente, receberia uma reclamação ao voltar para casa com o calção e as pernas sujas de poeira e que talvez fosse obrigado pelo meu tio a tomar um banho frio antes de ir para a cama, mas descansei por saber que ele era mais tolerante com o sobrinho visitante do que com os próprios filhos. Então me acomodei e fiquei atento à fala daquele idoso. Era preciso ter paciência, pois o ritmo da conversa era tão lento quanto os movimentos da cadeira de balanço e o passar do tempo naquele lugar.

Dizia o meu pai que os velhos têm sempre algo interessante a narrar, bastando ter quem lhes dê ouvidos. De fato, a relação dos idosos com o passado reside basicamente nas suas memórias. Assim, esses repassam suas histórias aos mais jovens com o sentido de preservá-las também na memória do outro.

Na continuação do diálogo, o senhor Biu Noá informou que ainda era criança, de quatro anos de idade, quando fora deixado por sua mãe aos cuidados do padre francês. François era o nome dele. O religioso o batizou e o integrou ao grupo de crianças enjeitadas, sendo ele o único negro. Entretanto ele fez questão de frisar que não se sentia abandonado, como os demais internos, pois tinha uma mãe, de nome Betina, que o criara. A mãe lhe explicou que o deixaria ali por uns dias, enquanto tentaria a vida em outras terras distantes e, também, porque queria que ele aprendesse a ler, escrever e contar, para que fosse gente livre quando crescesse, diferente dela, que tinha sido escrava a vida inteira.

Biu Noá nasceu 12 anos após a promulgação da lei de alforria. Ele possuiria esse direito à liberdade de toda forma, pois vigorava, antes mesmo da Lei Áurea, a lei que garantia a liberdade aos nascidos de escravas. Todavia essa liberdade não teve significado algum para ele, pois não poderia a criança ser livre se a sua genitora não fosse livre também, visto que a liberdade do infante está atrelada

à liberdade dos seus pais, e no caso daquele garoto deixado aos cuidados do padre, sua mãe sempre estivera na condição de escravizada, condição essa que foi mantida a milhares de negros, mesmo após o ato imperial de alforria.

Betina, não sendo beneficiada pela lei implementada no país, pois essa não foi seguida com muito rigor nas regiões mais remotas, fugiu para outras freguesias com outros negros, em bando, afastando-se da criança. Foi desse modo que o garoto viu sua mãe deixar a cidade depois de tê-lo salvaguardado na igreja. Betina e Biu foram livres de direito e escravos de fato. Aconteceu com eles o que era frequente aos negros no extenso período de escravidão. Era comum aos senhores promover a separação das famílias escravizadas, pondo os negros em trabalho forçado em campos e casas diferentes e distantes, afastando-os do contato desde cedo e rompendo a possibilidade de laço familiar mais estável. A separação fazia parte da rotina degradante a qual eram submetidos. E nessa condição, o vínculo entre mãe e filho tende a ser curto e frágil, como também são as referências aos antepassados. Um crime de apagamento.

Biu Noá respirou fundo e soprou a fumaça do cigarro parada sobre a sua cabeça para então continuar dizendo que a mãe teria ido para as bandas de Porto Calvo, mas também ouviu dizer que ela teria deixado o grupo e seguido para tentar a vida em Maceió, e de lá para o Rio de Janeiro. Ele contou que na casa onde a mãe era mantida escravizada, houve a recusa de aceitação da liberdade, quando a família fora notificada a cumprir a nova lei e com isso teria que pagar salário, caso quisesse que Betina continuasse trabalhando. A senhora que se dizia proprietária até da alma da negra gritou aos quatro cantos que não sustentaria uma preguiçosa com filho de colo. Não bastasse dar comida e dormida, ainda teria que gastar dinheiro com uma escrava que não se pagava.

Além de não saber o real paradeiro da mãe, outra tristeza que carregava consigo era não saber do seu pai. As pistas deixadas pela mãe o conduziram a diferentes possíveis genitores: um tal Severino da Venda, para quem a mãe costumava tecer elogios por não cobrar as dívidas e de quem teria possivelmente herdado o nome; o patrão, doutor Galvão, dono da casa onde a mãe esteve escravizada até

alguns anos depois da lei abolicionista; e o próprio padre François, flagrado em alguns momentos de intimidade com a mãe Betina.

O pequeno Biu Noá nunca teve coragem de tentar arrancar a verdade dos seus possíveis pais. Essa era uma situação comum a muitas crianças mestiças. Assim, passou a vida inteira desconfiando de todos, principalmente do padre, isso porque percebia o constante tratamento diferenciado que recebia na igreja. Diferente das outras crianças, ele não precisava fazer o serviço sujo e pesado, como lavar os penicos dos adultos e carregar lenhas. E diferente dos outros negros, não dormia no barraco, uma espécie de senzala fora do prédio paroquial, e sim no dormitório, dentro do prédio, junto às crianças brancas. O padre também lhe tratava com um carinho especial, uma atenção paternal que não atribuía a nenhuma outra criança, nem mesmo às brancas, incluindo o outro Severino, o seu colega de infância que ali estava internado desde recém-nascido.

Falando do passado no tempo verbal presente, como se estivesse vivendo o fato naquele instante, Biu Noá contou que ele e o outro Biu tiveram que se unir para enfrentar e se defender dos meninos maiores. Cresceram como irmãos, protegendo-se mutuamente das brincadeiras hostis e maliciosas dos mais velhos. Eram da mesma idade, do mesmo tamanho, igualmente franzinos, só a cor da pele era diferente. O Biu Branco já estava lá, antes do ingresso do Biu Noá, deixado na igreja assim que nascera, de mãe desconhecida. Era chamado apenas de Biu e só depois da chegada de outra criança com o mesmo nome recebeu a complementação do seu apelido. Os Bius aproveitavam a companhia do padre para denunciar as perversidades dos outros garotos, que por conta disso levavam uma bronca e à noite queriam se vingar dos dois menores aos beliscões. Assim, ambos passaram a dormir juntos, cuidando um do outro.

O padre François adoecera de forma muito rápida, sendo necessária a vinda de outro pároco, o irmão Santino, para assumir os trabalhos da congregação. Cego dos dois olhos, François passou a precisar de apoio e então, em vez de cuidar das crianças, eram as crianças quem cuidava dele. Cada uma sabia de sua responsabilidade na igreja e sempre tinha que ter alguém acompanhando o padre no seu deslocamento.

Eram, ao todo, oito meninos criados pelo padre. Dois mais velhos, quatro intermediários e dois mais novos. Como caçulas, os dois Bius tinham certas regalias e não faziam os mesmos serviços que os garotos maiores. E como protegidos do padre François, frequentavam a escola da igreja. Biu Branco estava aprendendo a ler e escrever e já usava a tabuada. O Biu Noá não tinha esse benefício, para não se sentar ao lado de estudantes brancos, o que chocaria as famílias que pagavam pela educação dos seus filhos, mas podia ficar na sala, auxiliando o padre no que precisasse, e assim, ao menos ficava livre do trabalho, no mesmo horário em que os demais internos estariam alimentando as galinhas, cuidando da horta ou pastoreando os porcos.

O dia na igreja começava às cinco horas da manhã. Biu Noá acordava cedo para receber o cocheiro que trazia o leite lá da vila da praia de São Bento. Depois, seguia para a cozinha, onde ajudava no preparo do café dos padres e demais internos. Em seguida, ia para a aula, com o Biu Branco e outros poucos meninos de fora. À tarde, enquanto os mais velhos iam buscar água na cacimba, ele e o outro Biu varriam a igreja e o pátio. E todos os dias eram assim, menos o domingo. Domingo era o dia de missa pela manhã e catecismo à tarde, quando ele podia se sentar ao lado das crianças brancas que vinham de todos os lugares para o ensino das Escrituras.

O velho trouxe o cigarro mais uma vez, desafiando a saúde com o vício, e limpou com o dorso da mão as cinzas caídas no colo. Pigarreou um pouco e sem pressa voltou a narrar. Relatou-me que, às vezes, também cuidava do cemitério, limpando catacumbas e colocando flores quando havia enterro. E se algum parente do defunto lhe desse uma moeda, ele não deixaria faltar flores na tumba até a missa de sétimo dia.

Quando terminava um cigarro, o velho iniciava todo o procedimento para confecção de outro. Com os dedos tremendo, abria o papel de seda, espalhava o fumo já cortado e guardado em uma caixa de latão, umedecia as bordas do papel com a língua e o dobrava como um canudo. A embalagem de fumo, o pacote de folhas de seda e a caixa de fósforos estavam sempre por perto, no pé da cadeira e alcance das mãos. Durante o ritual de preparação do cigarro,

reduzia ainda mais o ritmo da fala, prestando atenção no lento processo de montagem.

Continuando a narrativa, ele informou que aos domingos, enquanto os adultos estavam entretidos na missa, e ainda depois da missa, quando os padres François e Santino faziam o confessionário, ele e as outras crianças do internato fugiam para tomar banho de rio. Quase sempre no rio Maragogi e algumas vezes no Salgado. Certa vez resolveram ir mais longe, pois tinham ouvido falar da enchente do rio Una que arrancara até pontes.

Novamente acenou com a cabeça, concordando com a sua própria história. Nesses intervalos entre suas falas, aproveitava para tirar o cigarro dos lábios com a ponta dos dedos e soltar a fumaça para o alto. Às vezes demorava tanto a voltar a baixar a cabeça que quando isso ocorria toda fumaça já havia se dissipado. Parecia que olhar o céu estrelado era o seu jeito de reavivar a memória.

Seguindo a contação, disse-me que de manhã cedo, depois de ter chovido bastante por mais uma noite inteira, embrenharam-se pelo mato e caminharam ligeiro por mais de cinco horas até o Una. Os garotos ficaram impressionados, observando os troncos de árvores passando na direção da praia, conduzidos com rumo certo pela força das águas como se fossem leves. Ele fez um gesto com o dedo indicador mostrando um movimento em círculo, quando descrevia as árvores enormes arrancadas pela raiz, que boiavam como cortiças e se revolviam na correnteza formada entre as margens. Acrescentou que, naquele momento, os meninos combinaram que ninguém se atreveria a chegar perto da borda.

Outra baforada longa, seguida pela admiração do céu. Aquela pausa para soltar fumaça e a fala arrastada só aumentavam a minha curiosidade. Disse-me que os garotos calcularam mal a distância e o horário, percebendo que não daria para chegar à igreja antes do final das celebrações e em tempo para o catecismo. Quando decidiram voltar, viram um dos meninos, o outro Severino, indo no sentido oposto e entrando na água barrenta para ser imediatamente levado pela correnteza. Uma das crianças de mais idade ensaiou mergulhar para acudi-lo, sendo depressa agarrada e impedida pelas demais. Não havia o que fazer.

Assim que voltaram à igreja, muito tarde, o padre Santino já os aguardava com um cinto de couro curtido nas mãos. Receberam de imediato uma surra tão braba que não conseguiram nem falar. Depois, ao perceber a ausência de um dos meninos, o padre os questionou e então anunciaram, aos prantos, do afogamento do pequeno Biu Branco. Santino mandou buscar o cipó de boi e deu outra pisa em cada um, que dessa vez deixou cicatrizes nas costas e nádegas. Além da dor e das marcas no corpo, ele contou que sofreu com a falta do colega, ficando todo mufino por muitos dias e tomando tantas outras surras, quase que diariamente. Não conseguiu dormir por muito tempo e sempre sonhava vendo o companheiro sendo arrastado pelas águas turvas, com as mãos levantadas, mas, estranhamente, sem demonstrar medo.

Enquanto falava, levantou as mãos simulando a cena. E sua voz embargou nesse instante, quase cortando o final da frase dita.

Relatou-me que o Biu Branco não parecia pedir socorro e sim se despedir. Foi se afastando até desaparecer, sempre com as mãos para cima, e foi engolido pelo rio. Ninguém sabia como reagir àquela cena. Só choravam muito. Não souberam depois se o corpo chegou a ser encontrado, pois quando os adultos tratavam desse assunto com as autoridades policiais se certificavam de que não havia crianças por perto para ouvi-los.

Essa foi uma das características que eu passei a perceber e a admirar no senhor Biu: a capacidade de descrever o fato com sentimentos, como se o estivesse revivendo naquele exato momento da fala. Mesmo que pudesse parecer um sofrimento para ele falar daquele e de outros assuntos desagradáveis, eu me sentia bem, por acreditar que falar seja a melhor forma de dar vazão à dor represada que se sente. E nesse contexto, eu estava propiciando àquele senhor a chance de abrandar o martírio que o consumia por tanto tempo.

Outra característica própria do velho Biu era o uso de um linguajar menos rústico, ainda que coloquial, e bem construído, respeitando, inclusive, as regras gramaticais, assunto que eu estava aprendendo na escola. Pude perceber em suas alocações que se tratava de um homem com um vasto vocabulário, ainda que fosse um sujeito humilde e de baixa escolaridade, porém tinha lido muitos

livros e frequentado grandes cidades, incluindo a capital federal, onde conviveu com pessoas de culturas e hábitos diferentes e de variadas áreas de atuação. Embora tropeçasse no gerúndio e vez por outra usasse termos que, à época, eu não compreendia muito bem o significado, sua linguagem era bem clara.

Acho que era isso o que me fazia gostar de conversar com o senhor Biu Noá. Além das histórias interessantes, ele falava feito um professor. Até citava os livros lidos, alguns que ele ainda mantinha guardados a sete chaves, como relíquia. Eu aproveitava a ocasião para aprender com a sua experiência e ele para desabafar algumas de suas consternações. Quanto mais ele falava, mais parecia ter algo a dizer. Ainda que lentamente, estava mais falante, até reduzindo as tragadas e os pigarreados para não interromper a história contada.

Provavelmente, a solidão da velhice o deixava entediado, sem ter com quem partilhar suas memórias de vida. Ou, talvez, ninguém quisesse mais ouvir aquelas histórias tantas vezes contadas ao longo das caçadas com o tio Dedé e nas rodadas no jogo de dominó. Ou talvez, ainda, aquela fosse a primeira vez que ele se abria com alguém, que para a sua sorte e segurança, era um garoto estranho que logo mais iria embora e seus segredos permaneceriam guardados. Fosse o que fosse, passei a me sentir um privilegiado por ajudá-lo a desabafar e ao mesmo tempo conhecer um passado que nem os meus primos nativos dali conseguiam imaginar.

Sempre que eu voltava para a casa do tio, os meus primos e seus colegas me perguntavam o que o velho tinha dito naquela noite. Eu contava parcialmente trechos selecionados da história e todos se mostravam desinteressados. Eles não dialogavam com o senhor Biu, tomando a idade como barreira, e nem mesmo os seus pais trocavam mais assuntos com regularidade com o velho. Aqueles garotos não levavam a sério os contos de um senhor, supostamente caduco.

Dizia o primo Joel, o mais velho, que eu não deveria gastar as minhas férias conversando com um velho gagá e mentiroso. Falava isso zombando das minhas investigações reveladoras de um tempo remoto que todos desconheciam. A prima Conceição, que era a

diretora da escola local e com quem eu tinha maior contato, pois havia morado em minha casa na época em que estudava o magistério em Recife, dizia-me para nunca acreditar em quem muito fala, em referência ao velho Biu. Ceça costumava dizer, citando o pensamento atribuído a Tobias Barreto, que a um homem que tem a boca cheia de línguas, parece inadmissível que tenha a cabeça cheia de ideias.

Esses relatos, até aqui descritos, e os que se seguem neste livro, não foram coletados em um mesmo encontro ou nessa sequência apresentada. Eles resultam das longas conversas entre uma criança precoce e um velho solitário, que prosseguiram por quase todas as noites daquele mês de férias. Entre baforadas de cigarro, reclamações de dores nas costas pelo trabalho na capinação do mato crescido e queixas do isolamento do mundo, o senhor Biu Noá permitia uma viagem no tempo, com descrições bosquejadas de uma existência inteira de sonhos, conquistas e fracassos, como é a vida humana, feita de lutas, vitórias e derrotas.

No ano seguinte, o quarto consecutivo de férias na casa do tio Dedé, não encontrei mais o morador do final da rua, o contador das histórias do início do século passado. Biu Noá tinha falecido de adenocarcinoma e a sua moradia derrubada e reduzida a entulho tomado pelo mato. Os seus livros foram reduzidos a folhas soltas espalhadas pelo vento.

Ouvi o tio dizendo, ao se referir ao velho Biu, que o tabaco, o seu fiel companheiro na vida solitária, também o matara. Discordei prudentemente, para não o ferir em sua arrogância autoritária, discorrendo que aos 80 anos de idade a morte já não pondera mais entre fumantes e não fumantes. Preferi acreditar que se ele não fumasse, a ausência dessa droga de companhia na solidão o teria matado bem antes. Quanto ao fato daquela casa estar destruída, o tio sentenciou que fora derrubada pelos vizinhos à procura da tal botija de dinheiro. Nada foi encontrado, além de baús com livros velhos. E concluiu a sua fala, numa feição pensante, como se pronunciasse um axioma, que o mato que tanto o incomodava, havia tomado todo o casebre e o reduzido a monturo; e os livros que tanto guardou, não tinham mais serventia.

Assim acabou a vida, mas não a história, do velho que empolgara as minhas férias. O narrador de fatos inéditos e fascinantes da minha formação investigativa. Aprendi bastante com o senhor de vida simples que na verdade era um grande sábio anônimo. Um homem generoso e educado, apesar de pouca gente ter identificado isso nele, que guardava na lembrança profundas cicatrizes e conhecimentos da vida. Naquele momento eu sabia que o velho Biu tinha acabado de morrer cem por cento, pois já se considerava meio morto desde a sua prisão na Ilha Grande, quando estive no Distrito Federal.

Na sequência desse texto, deixo a cargo do próprio agente, Biu Noá, a narrativa dos fatos por ele mesmo vividos. Não seria prudente ao escritor da obra retirar do autor da história o poder de descrever as cenas e reproduzir os diálogos com maior realidade e clareza. Peço licença e apago-me aqui, enquanto autor, transferindo ao próprio personagem o direito à narração em primeira pessoa, que no presente do indicativo, como costumava falar, promoverá a altruísta e briosa condução dessa história que perpassa gerações.

1.

A Cruz Sagrada seja a minha luz

Chove forte no primeiro dia do ano. Dessas chuvas convectivas que caem de repente e deixam as ruas à mercê da enxurrada. Em um instante, o céu claro fica gris e as nuvens desabam em água feito cachoeira, com pingos tão grossos que doem quando batem na cabeça. Da janela do dormitório eu avisto uma cortina d'água caindo do beiral até o chão e ouço o barulho contínuo da chuva, acompanhado de frequentes e longos trovões, o que força as pessoas que estão comigo no alojamento a conversar em um tom mais elevado. Assim, não consigo ouvir de imediato os chamados do padre François.

O padre Laurent François está na igreja há tanto tempo que não é possível precisar a data de sua chegada, mas contam os serviços mais velhos, antigos escravizados, que ele apareceu repentinamente, ainda muito moço, vindo de algum mosteiro do Sul. Chegou em uma tarde chuvosa, como essa do dia primeiro, trazendo consigo uma ordem para assumir os trabalhos administrativos e cerimoniais, em substituição ao então padre Jessé, esse com idade bastante avançada e já afastado da rotina religiosa da igreja por problemas de saúde. À época, as missas não estavam mais ocorrendo

no templo e a comunidade buscava congregar em outras igrejas das paróquias vizinhas.

Mesmo sendo de origem francesa, o padre chegou à vila costeira já falando o português corretamente, interagindo com facilidade com os nativos. Apenas o seu sotaque o denunciava ser estrangeiro. Sem grandes dificuldades, adaptou-se rapidamente ao calor do Norte e, desde a sua chegada, nunca parou de trabalhar intensamente na melhoria das instalações da igreja.

O novato padre francês iniciou a reforma do velho templo e o reavivamento da pequena freguesia, conquistando a simpatia e a confiança dos moradores e voltando a reunir as senhoras nas novenas e os jovens nas quermesses. De imediato, promoveu uma grande transformação estrutural na igreja, que ganhou novos espaços físicos, pinturas internas, reboco na fachada, nova torre sineira externa e também a recuperação do cemitério, além da criação de um expediente escolar para alfabetizar as crianças e catequizá-las.

As festividades foram retomadas e ampliados os dias comemorativos, sendo esse o principal atrativo da paróquia como fonte de angariação de donativos aos pobres e recursos financeiros destinados às reformas do templo. François também inovou com a criação de acomodações para receber crianças órfãs abandonadas e uma estalagem com celas para abrigar clérigos viajantes e seminaristas em regime de semi-internato. Em pouco tempo, o padre ganhou notoriedade e tornou-se figura popular entre cidadãos comuns e autoridades da região. Sua reputação chegou às vilas mais remotas e aumentou o número de fiéis congregantes.

Quando tinha por volta de 40 anos de idade, passou a reclamar da dificuldade de enxergar as coisas mais distantes. Posteriormente, passou a não ver também os objetos mais próximos. E subitamente perdeu a visão dos dois olhos. Mesmo assim, manteve-se à frente de toda a rotina de trabalho na igreja e na comunidade, sendo auxiliado pelos dois seminaristas, internamente chamamos de noviços, e pelos oito filhos adotivos, até receber, ainda que com uma certa surpresa, o clérigo Santino Venâncio, vindo de Penedo, que se apresentou com uma ordem superior para assumir a gestão da

instituição, permanecendo o padre francês, devido ao forte apelo dos populares, com alguns dos rituais eclesiásticos.

Nesse instante chuvoso, o padre François encontra-se despachando na sala paroquial com o prior Santino. Um pouco antes de cair a chuva, ambos conversavam amenidades na presença de alguns serviçais e crianças, onde eu me incluo, e em seguida entraram em temas religiosos e administrativos, momento em que pediram para ficar a sós. Comumente é assim: quando o assunto fica mais sério, todos nós nos retiramos para o alojamento ou para os afazeres. Ou, ainda, ficamos ouvindo atrás da porta.

A chuva do final da tarde faz a claridade se evadir antes do esperado. Enquanto isso, permaneço no dormitório do alojamento por um longo tempo, aguardando as instruções do padre e escutando de longe a algazarra dos meninos, que contam anedotas e riem muito alto. Alto também é o barulho dos trovões que se prolongam como pedras rolando entre as nuvens por um extenso trajeto. Antes de cada estrondo, vê-se o clarão vindo do lado da praia. O último trovão vem acompanhado de um som grave atípico, como um baque.

Na sala paroquial, o padre também escuta o som diferenciado, em meio ao barulho estrondoso da trovejada. Um som seco e rápido que chama a sua atenção e então ele pergunta ao prior Santino do que se trata essa zoada estranha. Sem obter resposta, volta a chamar pelo prior e se dirige à porta externa da sala, em direção ao ponto de origem do estampido. Tateando a parede e conhecendo cada canto da sala, François chega à parte externa da igreja, na saída para o pátio, e daí começa a gritar por mim:

— Biu Noá, onde você está, menino? Cadê você, que nunca aparece quando eu preciso?

Ele continua gritando e resmungando, não sei há quanto tempo, até que eu consigo ouvi-lo e me levanto indo correndo em sua direção. Da porta do alojamento, nos fundos da igreja, consigo visualizar o padre na outra extremidade. Entre nós, algo estranho está no caminho. Não é possível identificar de imediato o que há ali, por conta da chuva forte que deixa a vista embaçada, mas se parece com uma pessoa deitada na grama. Estranhamente, está na posição fetal e sem roupas.



Penso não estar enxergando direito e então desligo todos os meus sentidos, deixando de ouvir os chamados do padre, o barulho da chuva e as risadas dos colegas, concentrando-me apenas na visão desse volume caído junto à parede da igreja. No alto da parede, no andar superior, uma das janelas encontra-se aberta e nela um tecido preto balança conduzido pelo vento. Resolvo caminhar na chuva até o corpo e, sem coragem para observá-lo apuradamente, passo direto, indo ao encontro do padre e o seguro pela mão.

— O que se passa, meu filho?

Eu não sei o que responder, então me mantenho em silêncio, apenas segurando mais forte a sua mão, como uma proteção diante do perigo. Não tenho certeza do que está acontecendo. Essa é uma cena inusitada. Desde a minha chegada à igreja, cerca de oito anos atrás, juro não ter visto nada parecido, por isso não sei bem como reagir à situação que se apresenta. No dia a dia, lido apenas com a calma do ambiente e a ocupação do trabalho, sempre dentro de uma rotina pouco mudável.

Nesses últimos anos, em minha atividade de guia de cego e nas caminhadas acompanhando o padre, visitando as casas dos fiéis na comunidade, é que tenho visto algumas coisas estranhas, que fazem parte do mundo dos adultos e eu não conhecia, chegando a presenciar cenas pouco comuns ao meu universo, como as agressões dos senhores às mulheres, crianças e negros, mas, ainda assim, nada parecido à cena presente. Nessas andanças, conheci a violência doméstica praticada silenciosamente nas boas famílias cristãs, bem como o perdão atribuído pelo padre ao agressor e o seu sermão de conformismo cobrado às vítimas. De todo modo, o acompanhamento com grande respeito e sem julgá-lo.

Nessa minha lida diária, conduzindo o padre, a dedicação tem sido muito mais afetuosa que laboral, pois o religioso tinha me adotado, a pedido da minha mãe. Desde então, ele tem externado todo um carinho especial por mim, numa relação paternal que eu procuro retribuir. E antes mesmo de ser adotado por ele, eu já o admirava, pois costumava visitá-lo na igreja, acompanhando a mãe Betina, quando ela fazia a faxina nos aposentos do padre. Betina me deixava na área descampada, onde eu podia correr na grama e

brincar com as crianças internas, principalmente com o finado colega Severino Branco, enquanto ela procedia ao trabalho de limpeza e arrumação da cela do religioso.

Quando a minha mãe me deixou aos cuidados do padre, por não ter mais onde morar, não senti tanto a mudança, pelo fato de já estar habituado ao ambiente e de ter um colega da mesma idade para brincar, algo que à época não era muito comum às crianças, pois desde cedo eram ocupadas com algumas tarefas laborais. Não que eu não tivesse obrigações dessa natureza desde criancinha: iniciei recolhendo os ovos no galinheiro e auxiliando na cozinha, descascando tubérculos. E quando cresci um pouco mais, recebi o meu primeiro presente, um instrumento de trabalho: uma faca velha e sem ponta, usada para arrancar o capim que insistia em crescer entre as pedras na calçada da igreja. Contudo, a minha rotina não se comparava ao trabalho das outras crianças negras da comunidade, que desempenhavam atividades mais árduas e pesadas. Por fim, assumi a missão mais cobiçada entre os garotos adotados: ser guia do padre em seu deslocamento pela igreja e vizinhança.

— Diga logo, Biu. O que foi esse barulho? E onde está Santino?

Respondo-lhe imediatamente que o prior vem chegando, como uma forma de me livrar de responder a qualquer outra pergunta. O prior Santino se aproxima às pressas, vindo pela porta do corredor e cruzando a sala paroquial.

— Santino, fale comigo! O que está acontecendo? — indaga o padre.

Certamente, o padre François não tem a mínima noção do que está ocorrendo. Deve imaginar que se trata de uma árvore caída ou de alguma parte do teto que desabara, como tinha ocorrido em outro momento semelhante no ano anterior, quando galhos de árvores tombaram com a ventania de agosto e a forte chuva que não dava trégua, atingindo diretamente o telhado. Entretanto, essa ocorrência não pode se repetir agora, porque as árvores do entorno da igreja estão todas podadas e o madeiramento do telhado recuperado recentemente.

— *Crux Sacra sit mihi lux* — apregoa o prior, formando o sinal da cruz três vezes, sobre a testa, a boca e o peito. Ele se aproxima

do padre François lhe dizendo com expressão de surpresa que há um corpo deitado no chão. Outra vez se benze e em seguida complementa o seu assombro: — Deus me livre e guarde de tamanha agonia. É melhor o senhor entrar e deixar que eu mesmo resolva tudo.

Nesse momento, começa a se formar uma pequena aglomeração de curiosos em volta da pessoa caída. Os seminaristas, os serviçais e até mesmo as crianças, todos estão chegando perto e alguns até tocam para tentar identificar a pessoa deitada no chão e verificar se há sinais vitais. O primeiro noviço a tocar o corpo grita com espanto que acha que a vítima está morta. O segundo vira o corpo de lado, lentamente, e, com um espanto ainda maior, olha em nossa direção e anuncia que se trata de uma mulher.

As pessoas ali parecem estar tão atarantadas quanto eu com o caso desconcertante. Observam o corpo e ao mesmo tempo se olham reciprocamente, procurando no outro alguma explicação ao fato. Poucos metros nos separam do corpo caído. Eu e os padres François e Santino permanecemos parados, de pé junto à porta lateral, evitando os pingos que caem do beiral. Próximos ao corpo estão os dois jovens seminaristas, mais cinco dos garotos internos, dois serviçais e, mais afastada, na porta da cozinha, a tia Zita segurando uma das crianças pela mão e a puxando para que não se molhe ou para que não visualize a cena trágica e intrigante. De algum modo, a criança consegue se desvencilhar da cozinheira e corre, percorrendo a grama sob a chuva, na direção dos demais curiosos.

O irmão Santino, vendo a movimentação ao lado do cadáver, agora anunciado como sendo uma mulher, deixa a nossa companhia e a passos largos se aproxima do grupo que rodeia o corpo, gesticulando bastante e exigindo que se afastem. Batendo palmas, muito fortes, grita para que saiam de perto da mulher. Ali, contempla o rosto feminino calmamente, passa alguns minutos em silêncio e até retira os óculos embaçados da chuva, agora amena, para enxergar melhor a vítima. Em seguida, aos berros, pede um lençol, sendo prontamente atendido pela tia Zita, que observa a cena de longe e imediatamente corre para providenciar um pano branco, trazendo-o ao prior e o ajudando a cobrir o corpo nu.

O tecido é instantaneamente ensopado pela chuva e logo toma a forma do corpo encolhido.

Padre François, visivelmente aflito e desconcertado, continua questionando o caso ocorrido, sem que haja alguém por perto para atendê-lo. O mistério sobre a mulher começa a gerar especulações comuns a todos nós, entretanto ninguém ousa pronunciar nada. Todos permanecem aguardando uma explicação para o que se parece inexplicável. Todos, exceto o padre Paulino, que não consta na relação descrita das pessoas que observam o corpo. Todavia isso não chega a ser uma surpresa. Paulino é um sacerdote que vive em contínua clausura e muito raramente aparece diante dos outros.

Ao pensar no padre Paulino, acabo por notar que os demais observadores apontam para o andar superior, onde o tecido preto continua balançando ao sabor do vento. Parece uma roupa pendurada, presa à janela, nos moldes de uma vestimenta de padre. Aquela é justamente a janela de sua clausura. E nesse instante, um noviço que tinha subido ao quarto para se certificar, volta correndo e esbaforido anuncia que a cela do padre Paulino está vazia.

— Todos em reunião na sala paroquial. Agora! — ordena François.

O prior Santino permanece ao lado do corpo, contemplativo e evitando que os curiosos se aproximem, até perceber o movimento na direção da sala paroquial. Em reunião a portas fechadas, ouvem-se poucas palavras. É como se ninguém ali dentro tivesse ou soubesse o que dizer.

Embora se trate de um encontro restrito aos religiosos, as crianças sabem que podem ouvir alguma coisa atrás da porta. E todas correm para lá, cada uma procurando o melhor lugar de escuta. Os adultos, sabendo das possíveis escutas clandestinas dos garotos, comunicam-se em voz baixa, quase sussurrando, procurando manter o sigilo da conversa.

Raramente um assunto pode ser tratado ali sem que possamos acompanhar pelas frestas da janela e das portas de madeira. A sala paroquial possui uma janela com vista para o pátio e três portas: uma de acesso à nave principal, outra que conduz ao corredor

e à escada que leva ao andar superior, e ainda uma outra, que liga a sala ao pátio da igreja. Assim, as crianças se dividem em diferentes grupos de escuta das conversas diárias dos adultos. Cada qual na melhor posição. Eu me mantenho na porta que dá para o pátio, agora que cessaram os barulhos da chuva e dos trovões, podendo me concentrar em ouvir e olhar os sacerdotes pela fresta.

— Alguém sabe quem é aquela mulher? — questiona François, percorrendo com a cabeça todo o vão da sala na esperança de ouvir qualquer informação dos presentes, o que não ocorre. — O que ela fazia aqui? — argui, notadamente abalado, ainda sem saber o que a vítima estava fazendo nos aposentos do irmão Paulino e o que a levou a se jogar do alto.

O referido padre Paulino é um homem muito misterioso que vive em isolamento. Algumas vezes, na verdade raramente, ele desce dos seus aposentos para caminhar um pouco na grama sob o sol e logo retorna à clausura. Paulino circula no pátio a passos lentos e evita mostrar o rosto, permanecendo o tempo inteiro com a cabeça coberta pelo capuz do capeirote. Como um ser estranho, ele não troca palavra alguma com qualquer pessoa e sempre faz as refeições no próprio quarto. Apenas o prior entra em seus aposentos, ainda que esporadicamente, e também as crianças que às vezes se encarregam de levar suas refeições diárias. Com exceção dos raros momentos do banho de sol, ninguém o vê fora da cela. Por ser de estatura baixa, gordinho e caminhar lentamente, vestindo o hábito, lembrando um escaravelho, foi apelidado secretamente pelas crianças de besouro preto.

O padre Paulino tinha chegado misteriosamente na igreja, trazido por Santino, cerca de cinco anos depois que esse assumiu o priorado. A sua presença foi anunciada como sendo um padre enfermo, que carecia de resguardo e preces. E pela sua enfermidade não podia se expor ao convívio com os demais. Achávamos que ele também era mudo, por não expressar qualquer palavra diante de nós. Em alguns raros momentos, porém, alguns garotos disseram ter escutado algumas palavras pronunciadas pelo padre besouro. Sempre que um dos meninos levava a sua refeição, ficava aguardando por alguns instantes antes de bater à porta, na expectativa de

ouvir algum som lá de dentro. Os que o ouviram, rezando ou cantando, disseram ser uma voz suave e um pouco aguda.

— Alguém localizou o irmão Paulino? — continua questionando o padre François.

— Não, senhor — respondem uniformemente os demais, olhando-se e acenando negativamente com a cabeça, em concordância com a resposta.

Na continuação da reunião, certo do desaparecimento, ou fuga, do pouco conhecido irmão Paulino, e diante da falta de respostas essenciais, o padre François, com a expressa concordância dos dois seminaristas, cobra do prior Santino providências rápidas no sentido de agilizar a vinda da polícia, designando um dos rapazes para levar urgentemente um recado ao delegado. Essa medida encontra dura resistência no posicionamento do prior, que tenta a todo custo evitar a chamada das autoridades policiais, alegando que essa medida causará grave e irreversível escândalo à igreja. O prior fala aos noviços, na busca por apoio à ideia de encontrar uma saída viável para evitar que o fato os exponha a uma crise inimaginável diante da sociedade.

— Proponho, antes de chamarmos a polícia, deitarmos a mulher no alojamento e consultarmos uma autoridade médica. Não temos a certeza de que ela esteja morta. Justificaremos a sua presença no recinto como alguém que nos procurou no ensejo de cura de sua enfermidade e aqui teve um ataque mórbido de insanidade, vindo a falecer sem que descobríssemos de quem se trata realmente — propôs o prior, friamente.

Padre François levanta-se subitamente e saindo de trás da mesa se põe a caminhar de um lado ao outro da sala, fazendo o seu sermão dirigido ao prior. O seu vulto passa na porta escurecendo as frestas com o seu hábito preto. Os dois jovens estudantes de padre presenciam a conversa, mas permanecem sentados em um canto da sala, sem interferir em nada na discussão. São os dois padres da instituição quem fala o tempo todo, até que depois de certo instante o estudante mais jovem, Euclides Neto, os interrompe:

— Caros reverendos, coloco-me à disposição para tratar o corpo inicialmente. — Espera um instante até que todos voltem a

atenção para ele. E continua: — Tenho algumas habilidades no trato médico, de tanto presenciar as práticas do meu pai e do meu irmão mais velho, ambos exercem a medicina no hospital da capital, e da minha mãe, que é enfermeira na mesma unidade de saúde. — Aguarda outra vez até perceber que os padres o ouvem com toda a atenção do mundo. — Quero dizer que, posso manipular o corpo para esconder quaisquer evidências de suicídio, se houver. Parecerá morte de causa natural.

O jovem noviço é o filho mais novo de uma tradicional família de médicos de Maceió, designado a estudar para ser o padre da família, atendendo a uma promessa dos pais feita a Nossa Senhora dos Prazeres. A mãe quase morrera no parto, tendo a vida salva graças à Santa. Quando adolescente, ele fora enviado ao mosteiro de Salvador e de lá fugiu antes de findar os estudos. Aos 18 anos foi então encaminhado pelo pai aos cuidados do padre François, para estudar em regime de semi-internato.

O que Euclides Neto deseja mesmo é seguir a carreira da família, percebendo em si uma inclinação para a medicina, muito embora os pais insistam na obrigação do filho de cumprir a promessa feita por eles. Assim, o jovem Euclides não se dedica tanto aos estudos religiosos, sentindo-se deslocado, pois ainda nutre o sentimento de que ficaria mais satisfeito se pudesse exercer a mesma profissão do pai e do irmão.

— Do que estás falando, criatura? Que pese sobre ti e tua língua qualquer blasfêmia que estejas pronunciando! — repreende o padre François.

— Perdão, meu padre. Pensei que assim pudesse ajudar — argumenta o rapaz.

— Espere um pouco — apressa-se o prior, segurando o padre pelo braço. Em seguida, fica em silêncio, ainda pensando em sua ideia repentina e formulando a sentença: — Não sabemos ainda o que aconteceu. E se...

— Fale! Fale de uma vez, homem de Deus. No que estás pensando? Fale! — Agora é o padre François quem tem pressa.

O prior Santino permanece segurando o braço de François, enquanto com a outra mão faz sinal para que os dois jovens deixem a

sala. Isso representa o nível mais secreto da conversa, quando apenas os dois sacerdotes se isolam na sala e passam a falar baixinho, o que exige um esforço bem maior para poder ouvi-los atrás da porta. Os seminaristas deixam a sala em direção ao corredor, causando o maior alvoroço aos meninos que ali estão escondidos.

— E se foi o irmão Paulino? — prossegue o prior com sua indagação, após a saída dos noviços. — A mulher caiu do quarto dele — fala calmamente, olhando nos olhos do padre, como se esse pudesse também enxergá-lo. — Ou foi lançada por ele. O irmão Paulino pode ser acusado de assassinato e sequer está aqui para ser ouvido.

Reflexivo, François põe a mão no queixo e se mantém deveras contemplativo ao raciocínio do prior, talvez esperando o desfecho do seu plano para só então poder retrucá-lo.

— Por isso devemos manter o assunto só entre nós, em pleno segredo, ao menos enquanto o irmão não for localizado para se explicar — complementa Santino.

— Calma, Santino Venâncio. O desespero agrava o problema e a sensatez o atenua — ajuíza François. — Precisamos agir com mais prudência em momentos de caos.

— Outra possibilidade é levarmos a mulher para a pensão da dona Rose. Pode se tratar de uma mulher sem dono. Lá, ela ficará escondida até darem por sua falta. E quando a localizarem, as evidências estarão apagadas pelo tempo, impedindo que se aprofundem as averiguações — continua argumentando o prior em seu plano funesto, envolvendo agora a conhecida Casa das Mulheres, um estabelecimento de recreação para os homens da cidade e viajantes. — Dona Rose e suas moças têm nos auxiliado bastante na organização das quermesses, está sempre disposta a nos ajudar e é bem-intencionada com as coisas da igreja.

Rose é, de fato, uma notável frequentadora da igreja, apesar de não ser uma devota exemplar, e sabe-se que ela desempenha com bastante zelo as festividades organizadas pelo prior, porém a sua reputação é bastante criticada pelas mulheres da freguesia, pelo fato do seu estabelecimento ser frequentado por moças de má fama, o que acaba atraindo para lá os homens da vizinhança, que se reúnem na taberna da hospedagem para beber, farrear e pernoitar.

Visando limpar a sua reputação difamada, a proprietária da hospedagem costuma frequentar as missas, muito embora fique isolada em um banco ao fundo da nave, desprezada pelas outras mulheres da congregação. Ela também patrocina os eventos religiosos e comemorativos da comunidade, principalmente os festejos juninos e a concorrida festa do padroeiro, ficando ela mesma, com o auxílio das suas moças ajudantes, encarregada das decorações do templo, do pátio e das festividades profanas.

A famosa Casa das Mulheres fica situada na beira da estrada, uma ótima localização para os carreteiros e caixeiros-viajantes que passam subindo na direção de Recife, Parahyba e Natal, ou no sentido oposto, descendo do porto do Recife a caminho de Maceió, Aracaju, Salvador ou do Sul. A posição estratégica da cidade de Maragogi, fincada exatamente no meio do caminho entre duas capitais, torna a pensão de dona Rose uma parada necessária para o descanso e restauro dos viajeiros e seus cavalos. Seguindo a caminho de Maceió, a próxima parada fica só em Porto de Pedras, onde se toma a balsa para atravessar o rio Manguaba; e indo para o Recife, há apenas uma parada próxima ao rio Persinunga, onde tem uma ponte de madeira fincada, que vez por outra desaba nas chuvas torrenciais. Na outra margem fica São José da Coroa Grande.

A senhora Rose e o seu estabelecimento voltarão a ser destacados nesta história mais adiante.

— Conheço bem as boas intenções dessa mulher, tal qual Sofia Palha, descrita por Machado de Assis em *Quincas Borba*, em sua vida de fazer caridades na Comissão de Alagoas para assim poder se projetar na vida social — esclarece o padre Françaiois, fazendo a comparação para comentar sobre a senhora Rose. — Pois saiba que não cederei em nada, tampouco acatarei um plano sórdido e malicioso — prossegue o padre, impondo-se diante da argumentação vil do prior. — Precisamos agir com serenidade e dentro das leis de Deus e dos homens. Não envolva dona Rose nisso. Já estamos em condição bastante delicada.

Alheio aos medos e inquietações do seu chefe paroquial, o padre Françaiois não se faz inferior à pressão recebida do prior e se mantém coerente no seu entendimento da situação criminal a ser

esclarecida. Sem arredar o pé da sua posição inicial sobre a morte misteriosa de uma mulher no espaço da igreja, insiste no desafio ao irmão Santino e o orienta a acatar a sua única alternativa, a de trazer a polícia para registrar e investigar o fato. Assim, ele recomenda que o pároco Santino Venâncio ordene imediatamente ao noviço a missão de levar o recado à polícia.

— Peça, no bilhete, para o senhor subdelegado ter pressa em nos atender, ainda neste dia, pois se trata de caso de extrema gravidade. E só ao chegar aqui lhe informaremos do ocorrido, sem alarde, pedindo que todo o sigilo seja preservado no sentido de manter a ordem pública e a reverência eclesiástica.

— Insisto, senhor. Deixe-me tratar do caso do meu modo. O senhor subdelegado, bem como o seu escrivão, são pessoas conhecidas da nossa congregação e por isso mesmo sabemos que não são lá pessoas de plena confiança. No mínimo, pedirão algo em troca para manter o segredo guardado com eles. E ainda assim, sem nenhuma garantia de que honrarão o trato — pondera o irmão Santino.

O padre François permanece intransigente e não aceita outra solução que não seja a comunicação do fato à polícia. Isso não impede Santino de continuar insistindo em sua proposta.

— E quanto aos serviçais? Mesmo que os ordene o silêncio, sabes o quanto são desobedientes e mexeriqueiros. Ninguém aqui tem a certeza da morte da mulher, até que um médico, ou a perícia policial, possa atestar isso. Portanto, ainda podemos transpor a mulher ao leito e ensaiar o seu tratamento médico, até que seja dada posteriormente como acarretada de morte natural. E todos saberão dessa versão. É essa a história que será contada pelos fofoqueiros.

— Cala-te, homem, em nome do teu juramento. O que queres esconder com tal mentira? — eleva o tom François, não se importando com os ouvidos alheios por trás das portas. Vai lentamente na direção do irmão Santino, tentando localizá-lo com a mão, toca o seu ombro e aproxima-se do seu rosto, como quem quer contar um segredo ao pé do ouvido, e então o interpela, agora em voz baixa: — Do que tens medo? — E por não surgir nenhuma resposta do prior, que não esperava por essa reação firme do padre, continua: — Como ousas propor tal indignidade a esta casa? Vejo que não o

conheço tão bem. Pois saiba que eu jamais concordaria, nem entre mil outras horrendas opções, com esse desatino. Não me faças ir ao bispo impetrar uma denúncia na Ordem contra ti — ameaça. E por fim, esbraveja: — Apressa-te em me atender e chame logo a polícia aqui. Avia!

Devido à ação enérgica e ameaçadora do padre François, e sem qualquer possibilidade de concordância dos seminaristas, então retirados da sala, o prior se sente isolado na discussão e forçado a recuar no seu plano, quando então convoca o mais jovem dos noviços para ir à delegacia da cidade. No momento não chove mais. Passou com toda a pressa das chuvas de verão, mas as estradas de barro enlameadas dificultarão o trajeto até o centro da cidade. Por isso o jovem se apressa em ir até a cocheira preparar a carroça o mais rápido possível para a viagem.

Já na cocheira e agindo rapidamente com a ajuda dos serviçais, Euclides engata o carro ao cavalo e procede a amarração. O rapaz prende a canga ao pescoço do animal e a amarra ao cabeça-lho. Demonstrando certa habilidade na preparação do veículo, ele apruma o arreo, retira o calço que impede a locomoção do carro e bate com o macete no aro e nos raios de cada roda para verificar se continuam adequadamente fixos ao eixo. Enquanto isso, o cocheiro enche o candeeiro com querosene e o traz ao noviço.

— Aqui está o lampião, seu moço — informa o serviçal, prendendo o candeeiro aceso à barra dianteira da carroça.

— Obrigado, Damião.

— Vossa mercê tenha cuidado com o cavalo na estrada. O bicho derrapa muito fácil na descida e às vezes nem adianta soffrear — recomenda Damião, preocupado.

— Não tenha zelo, pois eu conheço muito bem esses terrenos.

— Liga não, Damião. O moço da cidade pensa saber tudo — interfere na conversa o segundo serviçal, o Cosme, repelindo a ousadia e arrogância de Euclides. — Chegou aqui outro dia e mal sabia apear a égua. Agora, cheio de enxerimento e desaforo, quer fazer tudo sozinho. Isso só deixa o coitado do padre François apherreado. Estou vendo a hora dele ter um troço. Deus me defenda!

— Pois bem, Cosme. Agora, nem para guiar a carroça a gente serve mais — protesta Damião, enciumado e se sentindo preterido.

Deixando os dois arengueiros para trás e sem dar ouvidos às lorotas irônicas, o rapaz segura as rédeas e assovia, pondo a carroça em movimento. Ao passar pela lateral da igreja, onde o corpo da vítima permanece imóvel, o jovem aprendiz de padre reduz um pouco mais a velocidade, aproxima-se do prior para receber o bilhete que deverá ser entregue ao subdelegado e, sem parar a carroça, segue a viagem.

No caminho para tomar a descida, rumo à estrada principal, Euclides abre o pequeno alforje de couro pendurado ao pescoço para nele guardar a carta, protegendo-a de ser molhada, caso volte a chover repentinamente. Antes de guardar a encomenda, diante da baixa iluminação procura ler o envelope, onde as letras bem desenhadas do prior parecem se mexer com a movimentação da luz do lampião no balanço do carro:

— Ao Exmo. Dr. Subdelegado Faustino Souza. Em mãos.

Cerca de quatro horas depois, na plena escuridão da noite, o som da carroça volta a ecoar quebrando o silêncio e o subdelegado finalmente chega à igreja, saltando como um acrobata e se dirigindo rapidamente à sala paroquial, onde é aguardado pelos clérigos François e Santino. Sem conseguir relaxar, os dois passaram as horas em aflição, aguardando a chegada da autoridade policial.

— Boa noite, reverendos — anuncia o subdelegado. E tomando a mão do padre François, beija o anel e vai logo se explicando: — Vim assim que recebi o chamado.

O noviço também não perde tempo em se explicar:

— A lama dificultou o acesso. Não tinha como ser mais rápido no galope. E o senhor subdelegado nem estava na delegacia. Fui buscá-lo em sua casa.

— Está dispensado — declara Santino, fazendo gesto para a saída do aprendiz, no que foi de imediato atendido.

Na sala fechada, os padres e o subdelegado conversam em voz baixa por poucos minutos e com brevidade a autoridade policial sai acompanhando o prior até o local onde o corpo permanece desde a queda, ainda coberto por um lençol encharcado da chuva.

Na quietude tenebra ouve-se até o espremido do capim úmido sob os seus passos. O prior, aproveitando a oportunidade de aproximação com o subdelegado, sem a ciência de François, o convence, com supostas promessas de vantagens financeiras, a abreviar a investigação e agir discretamente, evitando macular a imagem e o prestígio dos religiosos.

De cócoras ao lado do corpo, o subdelegado pede com gestos ao prior para aproximar a luz do candeeiro a querosene e começa os procedimentos: pressiona com os dedos indicador e médio o pulso da mulher, na tentativa de sentir os batimentos cardíacos; repete a ação na lateral do pescoço, sobre a veia carótida; suspende um braço da vítima e o solta do alto, observando a queda livre sem reação; vira o rosto da mulher para a luz, tentando ver a coloração dos lábios, em vão; sente a temperatura do colo e do ventre, muito mais baixa que a temperatura do ambiente; abre a boca e vê dentes tramelados; levanta as pálpebras para observar as pupilas dilatadas; e move o corpo para um lado e depois para o outro à procura de sinais.

Faustino ainda constata que a mulher está descalça e sem marcas recentes de calçados nos pés; não usa brincos, nem trancelim; os cabelos loiros são muito curtos e eriçados, não se parecendo em nada com os cuidados triviais das mulheres com a moda e a beleza; tem sangue coagulado no canto da boca, no nariz e nos ouvidos; e no pescoço há hematomas arroxeados que parecem de esganadura, mas podem ter sido provocados pela queda, pela pancada na janela, ou mesmo serem de dias anteriores, de alguma agressão resultante da briga com outras mulheres ou com algum freguês na pensão da dona Rose.

— Lembro-me de já ter visto esse rosto antes — revela, pensativo. — Seria uma das criadas da Casa das Mulheres? — questiona o subdelegado, tentando identificar o rosto familiar.

— Não, senhor! — responde com ímpeto o prior.

Admirado com a pronta resposta, Faustino volta a sua visão para o religioso e o contempla contra a luz, o interrogando:

— O senhor conhece bem as moças de lá, santo padre? — pergunta o subdelegado com ar de ironia, deixando o prior bastante encabulado.

— Não como o senhor está maldando... — procura as palavras.
— É que...

— Nem fique amuado, meu caro padre Santino. Estou só abusando com o senhor — provoca, com uma ponta de sorriso sarcástico. E se levantando, tendo afastado o candeeiro do seu rosto, gesticula que está findo o exame de corpo de delito. — Já podem retirá-la daqui. Eu vou voltar para a sala e aguardar o dia raiar.

No primeiro clarear do sol, antes das cinco horas da manhã, um senhor montado a cavalo chega à porta da igreja. O homem de chapéu velho amassado, tanto quanto a sua roupa esgulepada, desce do cavalo branco sujo e o puxa pelo cabresto, enlaçando a corda ao tronco do cajueiro, onde o animal começa a comer da grama ainda molhada do orvalho. O homem se dirige à lateral da igreja e vai até a primeira porta aberta. Ali o subdelegado o aguarda.

— Bom dia, doutor Faustino.

— Bom dia — responde secamente o subdelegado, conduzindo o conivente escrivão diretamente ao interior da sala. — Vamos começar o trabalho imediatamente.

— Sim, senhor.

Nesse instante, Santino apressa os irmãos Cosme e Damião, que cavam uma sepultura no cemitério da igreja. Amanhece cedo na faixa norte do litoral, principalmente nesses poucos dias passados após o solstício de verão, e as pessoas costumam acordar antes do sol por essas bandas. Daí a pressa do prior Santino e a necessidade desses homens agirem rapidamente, antes que a vizinhança desperte e do nada apareça alguma beata curiosa, perguntando quem morreu e por que razão está ocorrendo um sepultamento tão cedo do dia.

Passado o feriado do dia um, hoje as pessoas voltarão à vida de trabalho normal. Cortadores de cana estão sem emprego na entressafra, mas as lavadeiras, os pescadores e os agricultores já surgirão pelas ruas. Apesar da igreja ficar afastada dos aglomerados de moradias, há algumas poucas famílias mais humildes que habitam o entorno, em pequenas casas de taipa e mocambos. E há também os passantes que utilizam o caminho da igreja como atalho em direção

a outros destinos. Por isso é preciso concluir o trabalho de sepultamento com brevidade.

Na sala paroquial, os policiais se articulam em mais uma trama. Sabem que um papel e uma caneta nas mãos de um escroque podem produzir resultados mais poderosos que suas algemas, grades e armas de fogo, e que as mentiras grafadas em um documento oficial adquirem caráter de verdade. Esses agentes do governo, que atuam com aleivosia, tornam-se os piores inimigos da *res publica*, pois agem contra o próprio Estado com a autoridade do cargo, a força da fé pública e a conivência dos incautos.

— Um moleque enviado pela senhora sua esposa me avisou ontem à noite de que o senhor tinha se dirigido para cá e que me aguardava cedinho, assim que o dia amanhecesse. Pois aqui estou — diz o escrivão.

— Temos mais um trabalho daqueles a fazer. Coisa de muita confiança e alguma recompensa — anuncia o subdelegado.

— Pois foi o que eu imaginei. Por isso vim o mais ligeiro que pude. É só o doutor me dizer o que fazer, que eu faço logo.

O escrivão toma acento na escrivantina da sala paroquial e sem pestanejar retira o livro de ocorrência, caneta e tinteiro de sua mala velha. Enquanto se organiza, acompanha com o olhar o seu chefe, que se encarrega de conferir o fechamento das portas e janela da sala. Na sequência, um a um, os dois padres, são chamados a prestar depoimento como testemunhas do caso.

Separadamente, os dois clérigos são submetidos ao interrogatório produzido pelo subdelegado e registrado pelo escrivão de polícia. As perguntas são as mesmas para ambos: “O senhor conhecia a mulher? O senhor já tinha visto essa mulher por aqui anteriormente, alguma vez? O senhor presenciou a morte da mulher ou sabe exatamente como ela veio a falecer?”. E como as respostas são negativas a todas as questões, as testemunhas são dispensadas logo em seguida. Todo esse interrogatório não dura mais que alguns poucos minutos.

O laudo começa a ser construído a partir do texto ditado pelo subdelegado e da escrita rabiscada do escrivão. Em pouco tempo o documento fica pronto. Nos apontamentos consta que uma

vítima sem identificação, aparentando 30 anos, provável mulher sem dono, em estado de embriaguez profunda, foi encontrada morta por causas naturais, não detectadas, nas proximidades da igreja. A referida senhora não identificada teria sido vista por anônimos subindo a ladeira, sem vestes e com fortes indícios de crise de delírio, de certo advinda da festa de *réveillon* na casa de má reputação localizada abaixo.

O documento pericial registra que foram realizados os procedimentos de primeiros socorros na tentativa de salvamento da vítima. Entretanto, sem sucesso. Acrescenta que a morte fora oficialmente confirmada, tendo o perito policial realizado o procedimento de verificação e, assim, atestado o óbito por meio da descoloração dos lábios, baixa temperatura do corpo, dilatação da pupila e falta de respiração e pulsação. A perceptível falta de rigidez cadavérica indica o tempo recente da morte.

E nada é acrescentado ao documento sobre questões importantes, como: o desconhecimento do verdadeiro motivo da morte; a possível queda da janela do andar superior; as marcas visíveis no pescoço, sugerindo esganadura ou estrangulamento; e nem sequer uma linha escrita sobre o emblemático desaparecimento do suspeito padre Paulino.

Ainda no amanhecer, com o sol prometendo ser escaldante em mais um dia de estio, o corpo é enterrado em uma vala comum aos indigentes no terreno lateral da igreja, sem homilia, usando um dos caixões da caridade da congregação. No momento em que o subdelegado e o escrivão se empenham em agilizar a parte policial do processo, ali bem ao lado, no cemitério da paróquia, o sepultamento é rapidamente consumado com o acompanhamento apenas dos dois padres e dos dois noviços, em um ritual aligeirado e bastante discreto.

Concluído o trabalho de registro burocrático dos autos processuais, o escrivão deixa a sala e toma o seu cavalo tordilho sem perda de tempo, dirigindo-se à descida da ladeira com notável habilidade no manejo do animal, para não escorregar nas poças de lama deixadas pela chuva do dia anterior. Ele leva para a delegacia a documentação já preenchida e as escusas e orientações do senhor

subdelegado para os necessários encaminhamentos cartoriais e o consequente arquivamento compulsório do processo.

Reservadamente, após a conclusão do funeral, o reverendo prior e o doutor subdelegado se encontram mais uma vez.

— Obrigado por tudo, Faustino. Conto com o seu apoio e discricção.

— Fiz constar nos autos a morte sem causa definida de uma mulher inominada. O arquivamento é de praxe. O caso nem será levado à capital, que poderia designar alguém para dar prosseguimento à investigação — justifica o subdelegado ao prior Santino, apertando a sua mão como no fechamento de um acordo.

O sol nasce e se põe nos dias seguintes com a regularidade da ordem do universo, com esses homens vaticinando normalidades, como se apenas o destino pudesse criar vicissitudes e as ações protegidas sob sigilo pudessem anular o ato ou apagar aquele dia. Contudo o acaso cria o seu próprio curso, revelado pelo imponderável, o que faz com que aqueles que fingem dormir noites tranquilas carreguem consigo o medo inconsciente, que sempre ressurge, culpando o desconforto do travesseiro.

2.

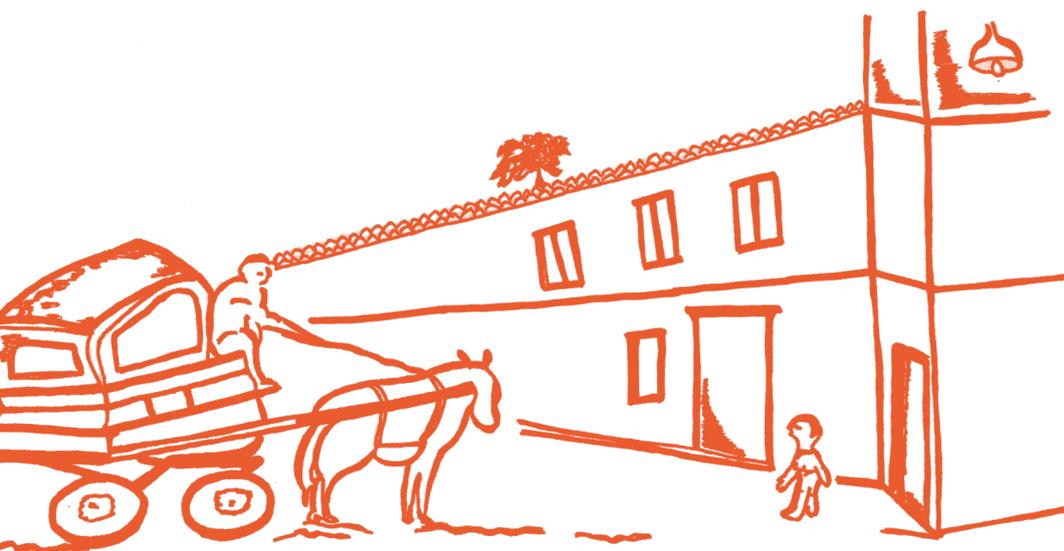
Não seja o dragão o meu guia

A carruagem chega ao topo da colina ainda em alta velocidade, impulsionada pela pressão colocada sobre o cavalo para subir a ladeira sem recuar. Faz a curva à direita rapidamente e se mantém no caminho estreito, seguindo para a igreja. No percurso, um homem maltrapilho caminha vagarosamente sem perceber o veículo que se aproxima atrás de si. O condutor grita forte e, ao mesmo tempo, puxa as rédeas habilmente, desviando o cavalo do passageiro distraído.

— Ora, que sujeito mais esquisito! — resmunga o condutor, olhando para o homem desleixado, após livrá-lo de um trágico atropelamento.

Seis meses e dez dias se passaram desde a misteriosa morte daquela mulher desconhecida e só agora, quando ninguém mais se lembra do episódio, é que aparece um delegado de polícia da capital para dar prosseguimento às investigações.

Elegante em seu terno chá, que esconde um pouco a poeira da estrada, ele desce do carro assim que o cavalo é freado no pátio da igreja, bem ao lado da torre sineira. Passa a mão na roupa para tirar um pouco do pó e se põe a caminhar diretamente à porta da



fachada frontal, que se encontra escancarada. O homem adentra a nave principal e no seu interior percebe algumas mulheres que conversam enquanto trabalham na ornamentação do templo, fixando flores de alamanda amarela entre os bancos de madeira. O delegado fica por alguns instantes parado no corredor da nave até ser percebido por uma delas.

— Boa tarde, meu senhor. O que um homem tão garboso faz aqui, sendo que a festa é só amanhã à noite? — interpela uma delas, segurando a trepadeira nas mãos.

A fala da primeira mulher chama a atenção das demais e, de repente, todas colocam a atenção sobre aquele homem alto, de cabelos grisalhos e usando traje requintado. Não chega a ser estranha essa visita. Nesse período festivo do padroeiro, é normal a vinda de autoridades diversas para participar de algum momento das celebrações, seja nos rituais sagrados dentro do templo, seja nos eventos profanos realizados no pátio e nas redondezas.

Durante a novena de preparação dos festejos, as senhoras rezam diariamente pela manhã, nos nove dias que antecedem a procissão, e somente no dia do padroeiro, 11 de julho, é que todas elas participam das atividades que duram todo o dia, culminando com a condução do andor até o vilarejo, indo até a casa de uma família devota, onde a bandeira fica guardada até o ano seguinte. Esse momento da procissão costuma ser acompanhado por ilustres autoridades políticas, religiosas e militares. Também costumam participar das festividades os candidatos divergentes, para se fazerem vistos ao povo antes da eleição, ou os eleitos, para agradecer a vitória após o pleito. Vêm homens e mulheres de todas as partes, das mais importantes famílias, incluindo gente de outros estados.

As beatas foram informadas de que para esse ano está sendo esperada até mesmo a vinda do tenente-ajudante das Forças Militares de Polícia, integrante da comitiva do presidente do estado e o representando na caminhada. Por isso, a presença do elegante cidadão com pinta de autoridade não surpreende, exceto pela antecipação do dia.

— Rose, ao seu dispor — apresenta-se a mulher, sob os risos escondidos das demais. — É o senhor o representante do presidente?

— Não, senhora — ele responde, deixando-a confusa sobre sua identificação. — Voltem ao trabalho, senhoras. E parabéns! Está ficando muito bonito o enfeite — diz o homem, após ter avistado a porta da sala paroquial, ao seu lado esquerdo, e se dirige para lá, não sem antes exprimir um sorriso e inclinar a cerviz em sinal de polidez e atenção àquelas mulheres.

Da porta da sala paroquial, ele visualiza o prior em sua escrivaninha, fazendo qualquer anotação em um caderno comprido que toma quase toda a mesa. Repete o mesmo gesto de inclinação da cabeça em cumprimento ao pároco.

— Boa tarde, padre. Creio ser o senhor o reverendo Santino Britas de Limeira Venâncio. Estou certo? Sou delegado de polícia, incumbido de missão nessa paróquia. Meu nome é Antenor — identifica-se e complementa: — Antenor Ferreira Ermenegildo, vindo de Maceió, enviado pelo doutor chefe de polícia do estado de Alagoas para apurar uma morte ocorrida aqui. Assim, pretendo ter a sua colaboração para conduzi-lo em um novo interrogatório.

— *Non draco sit mihi dux* — fala o prior em voz baixa e com ar de surpresa, enquanto fecha o caderno e acomoda a caneta no tinteiro.

— Vejo que o senhor está mergulhado em suas ocupações. Mesmo assim, preciso tomar um pouco do seu precioso tempo.

— Estou a conferir certos registros de matrimônio e batistério — explica-se o prior. — Quase nada a fazer. Foram-se os tempos em que a igreja fazia tantos registros, também os de óbito. E o que trouxe a república, além de separar Igreja e Estado? Assim começamos o novo século, com os frutos dos pensamentos modernos, sempre com a política se sobrepondo à fé. Não bastassem os erros de séculos anteriores, desde a Revolução Francesa até a Revolução dos Padres... — estende o diálogo com esses argumentos retóricos e, percebendo que o visitante não está sequer interessado na prosa, prossegue com perguntas para as quais já sabe as respostas: — E vossa senhoria, o que quer aqui? Qual é mesmo a sua graça?

A visita do delegado deixa o prior bastante desorientado. Ele não contava que um assunto encerrado no passado fosse revolvido pela polícia da capital, menos ainda na véspera do principal evento da igreja, que demanda muito de sua atenção na organização das

atividades. Quando o visitante responde aos questionamentos, repetindo o seu nome e a sua identificação de ofício, o religioso parece estremecer, em um misto de medo e ódio, retraindo-se no assento e apertando as mãos contra o tampo da mesa.

Você deve estar se perguntando, como esse caso fugiu do sigilo acordado entre Santino e Faustino e chegou ao conhecimento do chefe de polícia e do delegado lá da capital? Então, vejamos isso agora:

Por dez anos, aproximadamente, a polícia alagoana vem investigando o desaparecimento de uma mulher de família abastada da cidade de Penedo, chegando até mesmo a enviar cartazes para todas as delegacias e comissariados da circunscrição estadual. No mês anterior, quando o novo presidente assumiu o governo do estado, o delegado Antenor Ermenegildo foi convocado e incumbido de acompanhar diretamente e resolver essa investigação.

Como a desaparecida é de família influente, filha mais velha de um dos principais oligarcas do estado, comerciante do ramo alimentício, produtor de arroz em Piaçabuçu e proprietário de embarcações de baixo calado usadas na navegação do rio São Francisco, e ainda por cima apoiador da campanha do candidato eleito, o novo presidente tomou como ato, já em seu primeiro mês no cargo, cumprir o favor devido ao amigo correligionário. Por isso, o delegado tem percorrido todo o estado à procura de pistas possíveis.

O conhecimento da morte ocorrida na igreja no início do ano se deu pelo fato do escrivão, responsável pelo registro da ocorrência, encontrar-se detido por assassinato e outras práticas delituosas que chegaram ao conhecimento do chefe de polícia na capital alagoana, que assim determinou o seu imediato afastamento das funções policiais e o deteve temporariamente na penitenciária estadual, até a conclusão do inquérito e o julgamento do delito, já impetrado no Tribunal Correccional do Estado por crime contra a segurança pública e a ordem social.

O crime que originou a prisão do escrivão e as descobertas subsequentes teve início no seu desentendimento com o subdelegado Faustino pela divisão de 10 mil francos, cerca de 4 contos de réis, recurso oriundo de ato de corrupção entre os dois, e, na contenda, o

escrivão sacou a arma e acabou por atingir o seu superior imediato com um tiro certo no peito. Como resultado, o subdelegado foi a óbito e o escrivão à prisão.

Em sua vinda à bela e pacata Maragogi, o delegado Antenor trouxe consigo os devidos documentos oficiais para dar prosseguimento às investigações e assim averiguar se a vítima anônima encontrada na igreja era, por alguma circunstância, a pessoa que ele procura em missão adjudicada pelo recém-empossado presidente de Alagoas. Desse modo, entrega o ofício de autorização para a nova investigação criminal ao prior, que o recebe com certa surpresa e uma aparente cólera.

— No momento do interrogatório feito na capital, o escrivão assassino, réu confesso, também nos informou que o crime ocorrido aqui teve o laudo falseado, não se sabe o porquê, e a morte da mulher não recebeu a devida apuração naquele exato momento, nem nos dias que o sucederam — esclarece o delegado Antenor. — O senhor sabe de alguma motivação que tenha levado o subdelegado a induzir o escrivão ao falseamento do laudo pericial?

— Por que eu saberia de acordos escusos entre policiais? Por acaso o senhor está insinuando algum envolvimento meu nesse suposto conluio entre o subdelegado e o escrivão?

— De forma alguma, reverendo. Apenas busco esclarecer alguns fatos que se mantêm nebulosos — explica-se Antenor. — Naquela ocasião, o senhor afirmou que não conhecia a mulher encontrada morta aqui. Geralmente, com o passar do tempo, distante do choque gerado pelo momento, a gente consegue lembrar alguma coisa que possa revelar algo sobre a vítima ou sobre o ato, alguma informação adicional que não tenha surgido à época. Pode ser algum detalhe, uma marca de nascença no corpo, a cor dos olhos, do cabelo, da pele, ou qualquer episódio suplementar que não tenha sido relatado naquela ocasião. Então, passado esse interstício, do dia da morte ao dia de hoje, volto a lhe fazer a mesma pergunta, antes feita pelo escrivão na tomada do seu depoimento em inquérito: o senhor conhecia a mulher?

— Não! — afirma o prior, de forma categórica, ante a arguição afrontosa.

— Então, o senhor não sabe nada da mulher? — Olha algumas anotações na ficha que tem em mãos e prossegue: — Nesse caso, nem adianta lhe perguntar as questões seguintes: o senhor tinha visto essa mulher por aqui anteriormente? E, o senhor presenciou a morte da mulher ou sabe como ela veio a falecer? — lê as perguntas, mesmo assim. — Tenho uma questão a acrescentar nesse interrogatório: o senhor sabe algo a respeito da origem do dinheiro que causou a contenda entre os dois policiais que estiveram aqui? Ambos estavam em um hotel de Maceió para cambiar francos em réis, quando se desentenderam com a partilha do referido valor.

— Aonde vossa excelência quer chegar? — questiona o prior, fulminando o inquiridor com os olhos, feito serpente acuada e pelejando para dar o bote. — Isso chega a ser uma afronta! Irei me reportar ao chefe de polícia por tamanha agressão. Peço que o senhor se retire agora, por obséquio. Não vê que tenho outros afazeres?

— Entendo as suas atribuições, reverendo. Desculpe-me pela deselegância e frieza do interrogatório. Sabemos que as tratativas e os encaminhamentos policiais são sempre desagradáveis. Deixarei o senhor em paz em sua lida. E desejo-lhe sucesso na direção dos festejos do padroeiro — relewa o fleumático delegado. — Entretanto, vou permanecer na cidade até concluir a minha missão, inclusive com a escuta do outro padre, o reverendo François.

— Mas não agora. O padre François não está bem-disposto nesses dias, por conta da agitação dos recentes festejos juninos e dos preparativos para a procissão de amanhã. É um homem bastante doente e se recolheu cedo.

— Compreendo. De todo modo, o interrogarei amanhã, então.

— Escute-me, senhor... — Santino eleva o tom e faz uma pausa, tentando lembrar o nome do forasteiro. Ainda embaraçado, estremece, depois que o delegado o lembra do seu nome. — Senhor Antenor, esta é uma casa consagrada que não pode ser aviltada por força policial.

— Não tenho essa intenção — justifica-se o delegado.

— Sem querer desmerecer a sua autoridade, delegado, esse caso já foi devidamente autuado pela polícia local, encarregada

legal e legitimamente da investigação do fato — continua o prior, visivelmente abalado e se dirigindo ao policial com veemência e agressividade na voz. — No mais, o senhor precisaria de uma autorização eclesiástica superior para acessar esse recinto com um propósito desmedido de imputar qualquer dolo a uma autoridade religiosa.

O delegado não o interrompe dessa vez. E somente após a brava do religioso, deposita sobre a mesa outra folha de papel, retirada do bolso interno do paletó. Ao desdobrar o documento e visualizar o símbolo do bispado, o prior toma-se de pudor e volta a se sentar, fitando a folha para ler com minuciosa atenção.

— Olhe bem, padre Santino... Eu não viria aqui sem providenciar tal autorização — pronuncia o delegado, apontando para o papel sobre a mesa. — Quem diria, apenas pouco mais de uma década de criação do bispado alagoano e já surgiu o primeiro caso de investigação. E eu tive que incomodar sua excelência reverendíssima, o bispo de Alagoas, com o pedido desse documento, para ouvi-los na condição de testemunhas — ironiza o delegado.

— O senhor delegado já parou um instante para pensar que tem muitas coisas na vida que não podem ser reveladas? E isso acontece para que a humanidade reconheça que somos pequenos e só conseguimos enxergar o que o Pai quer nos mostrar, porque não temos que saber tudo. Somente Ele sabe todas as coisas. Aqui, o seu conhecimento pericial não o fará decifrar o que Deus não quer que seja decifrável. Há coisas que estão além da nossa capacidade de entendimento e há questões que não devem ser expostas, em nome de um bem maior — alega o prior. E finaliza: — Há mais mistérios entre o céu e a terra do que a filosofia dos homens possa imaginar.

— William Shakespeare, em *Hamlet* — confirma o delegado. E retruca: — E não há nada encoberto que não seja revelado.

— Marcos 4,22 — complementa François.

Esse é o instante em que François chega à porta do gabinete, vindo pelo corredor se segurando na parede com uma mão, e com a outra a inseparável bengala de madeira com castão em baquelite.

Por ter escutado o barulho da discussão, o padre entra indagando ao prior o porquê da voz elevada, que pode ser ouvida do fundo do prédio. Agora, o prior e o delegado se entreolham e, por razões distintas, surpreendem-se com a presença de François.

— Padre François, o que faz aqui, meu irmão? Pensei que estivesse em repouso — reage o prior, fingindo espanto, tomando-o pelo braço e o conduzindo à cadeira à frente da escrivaninha.

— E por que eu estaria em repouso no meio do dia, com tantas coisas a fazer? Eu estava na oficina, orientando nos preparativos do andor. E quem mais está aqui com você?

— Antenor Ermenegildo — pronuncia o delegado, identificando-se. — Reverendo Laurent Aubert Marion de François, tenho a honra de conhecê-lo pessoalmente. Perdoe-me o atrevimento de incomodá-lo em um dia agitado como esse, porém, sigo apenas o meu ofício.

— E em que o seu ofício nos envolve? — pergunta François.

A mesma explicação apresentada anteriormente ao prior Santino é agora repetida ao padre François, que compreendendo perfeitamente a atribuição do delegado, mostra-se preocupado com o desaparecimento de uma mulher da alta sociedade e se dispõe a ajudar a polícia no que a investigação demandar, inclusive ofertando ao ilustre visitante da capital guarida para pernoitar enquanto durar o tempo do seu trabalho.

— Eu fico feliz em saber que o senhor tem demonstrado a devida atenção a essa igreja, preocupando-se em explicar previamente a sua diligência ao bispo. Desejo que seja uma jornada alvissareira — diz François.

Esclarecido o motivo do rompante alarde do prior, François se despede do delegado e o informa que precisa voltar aos preparativos da festa do padroeiro. O marceneiro, em sua alegação, não fará um bom trabalho se ele não estiver por perto, orientando na confecção da charola. Assim, o padre estende a mão ao visitante, que o cumprimenta beijando-a, e se disponibiliza a prestar esclarecimentos no dia seguinte, quando poderá oferecer outro depoimento sobre o fatídico dia do acidente.

— Acidente ou crime, é o que investigaremos — pontua o incrédulo delegado. — Pois amanhã estarei aqui logo de manhã, pronto para ouvi-lo na versão do fato. Talvez alguma lembrança possa esclarecer dúvidas que trago comigo e ajudar-me a desvendar o mistério. Por enquanto, agradeço o convite, mas vou declinar. Não quero incomodá-los além do meu ofício e já decidi pernoitar na pousada que avistei logo abaixo. Eu e o meu condutor estamos acostumados a dormir em quartos de pensão pelas estradas.

Com a saída do padre François, o prior Santino salta do seu assento e logo volta a apunhalar o delegado com suas palavras agudas, feito lâmina de trinchete. Com a voz comedida, para não atrair de volta a atenção do padre, ele protesta, acusa e ameaça o delegado, até mesmo de excomungá-lo.

Inabalado, o delegado informa, em sua defesa, do seu soberano dever com as coisas do Estado e reafirma a desqualificação do inquérito anterior, por ora reaberto, devido às falhas no levantamento procedido pelo antigo subdelegado local, constituindo um documento cheio de lacunas a serem preenchidas e repleto de elementos dúbios. Com paciência descomunal, ele pontua:

— Por exemplo, o corpo possuía sinais de enforcamento, segundo o escrivão, que obteve essa informação em conversas regadas a vinho com o subdelegado Faustino — explica Antenor no seu mais natural estado de emoção. — *In vino veritas* — acrescenta o delegado. Ele também explica ao prior que tomou ciência, por meio do depoimento do escrivão, de que foram omitidos dados do estereótipo da mulher, talvez de forma intencional, assim dificultando a sua identificação posterior. — E, de fato, nada consta nos laudos lavrados sobre o aspecto físico da vítima.

Depois de mais alguns minutos de contestação do prior, alheio a qualquer explicação emitida pelo delegado, a autoridade policial resolve parar a inútil discussão e inicia a sua despedida. Agradece a Santino pela colaboração, mesmo não tendo acontecido essa prestação, e recolhe os documentos apresentados, dobrando-os e novamente guardando-os no bolso. Em seguida, toma a mão do pároco e beija o anel, em reverência, e por fim deixa a sala pela mesma

porta de sua entrada, percebendo a decoração concluída da nave principal e que não há mais mulheres trabalhando ali.

Voltemos agora à dona Rose, como eu disse que assim faria, em seu estabelecimento tomado de alegria em dia de festa na véspera da procissão.

Depois da ornamentação da igreja, as mulheres estão trabalhando e se divertindo no salão do pensionato. Tem sido assim há alguns dias, desde as festividades do mês anterior, nas comemorações dos dias de Santo Antônio, São João e São Pedro, e agora nos preparativos para a festa do padroeiro, São Bento. O salão continua enfeitado com fitas e bandeirolas, mesmo tendo passado o período dos festejos juninos, e a meia dúzia de mesas está tomada por dezenas de homens embriagados e mulheres animadas, segurando copos de cachaça ou cerveja.

— Ora, ora, ora, se não é o varão galante que outrora vi na igreja. — Aproxima-se a senhora sorridente, segurando um cálice. — Junte-se a nós. Se quiser esquentar, temos vinho original importado e a melhor aguardente pura da região. E se preferir se refrescar, temos até cerveja, que desce suave goela abaixo e não dá ressaca. Como o senhor desejar — oferece, apontando a prateleira repleta de garrafas por trás do balcão.

— Não, senhora. Muito obrigado. Eu e o Jeremias precisamos mesmo é de um quarto de dormida, e antes disso, um jantar caprichado.

— Estão no lugar certo. Cheguem para cá. Vou providenciar uma mesa enquanto esquento o ensopado. — Faz um passo na direção da cozinha e de repente dá meia volta. — Ah, como sou deseducada. Rose, caso tenha esquecido o meu nome, ao seu dispor — apresenta-se novamente, enxugando a mão no avental e a estendendo ao cavalheiro.

Feito isso, vai imediatamente até uma mesa no canto do salão e pede aos seus ocupantes que se levantem e se dirijam ao balcão, criando espaço para os novos fregueses. Em seguida, retira um pano encardido do bolso do avental e o esfrega sobre a mesa.

— Pronto, senhores. Venham aqui — grita a senhora, gesticulando aos dois visitantes. — Têm certeza de que não aceitam uma

bebida para abrir o apetite? E antes que eu me esqueça, já aviso que pouco mais teremos música aqui. Espero que os senhores tirem essas moças esbeltas para dançar. São de dar inveja às mocinhas da cidade grande.

— Tenho certeza disso, senhora Rose. Obrigado pela hospitalidade; porém não podemos aceitar a bebida, visto que ainda estamos a serviço. E quanto à dança, também não poderei. Sentirei muito se tiver que deixar alguma dama desapontada, mas nessa arte eu sou muito desengonçado.

— Pois, aproveitem a noite como bem queiram, mas não pensem na labuta, apenas. A felicidade também é necessária — argumenta a anfitriã — e ela pode ser inventada, quando e onde não exista — pondera. — Aqui eu trabalho, mas também me divirto. Os homens vêm aqui procurar a felicidade e sou eu quem a encontra.

— Muito bem, senhora Rose. Sobre a felicidade... — contra-argumenta Antenor — disse Guimarães Passos, poeta da terra, em seu poema Conselho:

Sonha que a tens no coração fremente,
Fecha os ouvidos ao que o mundo diz:
Para seres feliz, basta somente,
Que tenhas a ilusão de que és feliz.

Dona Rose, encantada com o homem culto, que até sabe versos de cor, retribui a gentileza com um sorriso escancarado e apressa-se em providenciar a ceia, desaparecendo no fundo do salão por uma porta que conduz à cozinha. Enquanto isso, os dois homens tomam assento à mesa reservada, observando tanta gente se divertindo aos abraços e gargalhadas. Em pouco tempo, a mulher hospitaleira surge com uma tigela de peixe de coco e a põe sobre a mesa com dois pratos e talheres.

Também em pouco tempo o salão fica lotado e já não comporta tanta gente quando os tocadores começam a se apresentar, animando ainda mais a turma bastante agitada. As pessoas começam a se aglomerar do lado de fora, preenchendo todo o terreiro, até a beira da estrada. Candeeiros e tochas colocadas em colunas de madeira fincadas no chão contornam o espaço onde os casais

dançam, levantando a poeira que sobe até a luz e se transforma numa nuvem amarelada.

Após terminar o jantar e acompanhar por alguns instantes os tocadores e os casais dançantes, o delegado e o seu condutor se recolhem ao aposento da pensão. O quarto é muito pequeno e mal comporta as duas camas de solteiro, uma ao lado da outra. Um pouco da claridade dos candeeiros penetra pelas frestas da parede de tábuas, deixando o recinto ainda iluminado.

O delegado cobre-se dos pés à cabeça e procura se acomodar na cama estreita, ainda tentando abafar o barulho com o travesseiro. Após uma hora movendo-se de um lado para o outro sem conseguir pegar no sono, Antenor percebe que vai ter uma noite incerta, isso depois de uma fatigante viagem. Não bastasse o colchão de capim perfurando as costelas, além do barulho das cantigas lá fora e do zumbido dos pernilongos, ele ainda precisa ouvir os grunhidos e assovios do seu companheiro de quarto que ronca desmedidamente todo o tempo, desde que caiu na cama, ainda trajando a mesma roupa do corpo.

No primeiro raiar do dia, o delegado Antenor levanta-se de sua cama torturante, veste-se com um novo terno riscado, retirado do fundo da mala, e deixa o quarto silenciosamente, carregando suas olheiras expostas no rosto como dois caçuás, e se dirige ao banheiro coletivo, fora do prédio, onde molha o rosto com água fria para se despertar da sonolência. Pronto para retomar o trabalho, ele deixa de lado a carroça e o seu subordinado Jeremias, resolvendo caminhar até a igreja, subindo a íngreme ladeira a pé.

Do alto da colina, posicionado ao lado do poste de hasteamento da bandeira, o delegado contempla a vista que não conseguiu admirar no dia anterior. A claridade amarelada do sol começa a brotar do fim do horizonte, na linha que divide o céu e o mar, quando o reflexo da luz sobre as águas deixa acender um azul cintilante, riscado do branco das ondas, aparentemente calmas. Na praia, a areia se veste com espumas alvejantes que surgem e desaparecem instantaneamente com o vai e vem da lâmina d'água.

Apreciando a beleza natural do lugar, Antenor circula a igreja e chega ao pequeno cemitério, onde para e limpa os olhos com o

verde que se estende do alto da colina até uma larga faixa branca de areia, onde o azul da água começa e se prolonga até o alto mar, e a partir daí fica mais brilhoso e se mistura ao azulado celeste, ligeiramente pincelado com alvas nuvens esparsas.

Mirando a paisagem como a uma tela, o delegado nem percebe a minha aproximação entre os sepulcros. Quando nota que tem companhia, ele toma um leve susto e de pronto me interroga:

— Quem é você, garoto? E o que faz aqui?

Falo ao homem que o meu nome é Severino. E acrescento que ele pode me chamar de Biu Noá, pois todos me chamam assim. Logo em seguida, informo que não consegui dormir direito e me levantei no cantar do galo. Foi quando o vi chegando à igreja. Ele também se apresenta, dizendo o seu primeiro nome, Antenor, e volta a admirar a natureza. Então eu lhe digo que já sabia o seu nome e que ele é o delegado vindo de Maceió.

— Como você sabe disso? Ah, você estava ontem acompanhando o padre François. Pois vim aqui justamente para falar com ele. A que horas ele costuma acordar?

Respondo-lhe que os padres descem às cinco horas para a primeira reza do dia, que dura até as seis. Isso faz com que o delegado me informe que vai ficar aguardando ali mesmo. Depois, em consulta ao seu relógio de algibeira, por identificar que ainda faltam muitos minutos até a audiência com o padre, ele decide continuar a sua exploração do espaço, percorrendo o entorno da igreja. Saindo do cemitério, chega aos fundos do templo, onde se avista o anexo do prédio, uma construção de madeira, taipa e palhas na coberta. Ao notar a sua curiosidade com as instalações, explico-lhe que ali funcionam a cozinha, o dormitório dos serviçais e, bem ao lado do local de dormida, ficam a cocheira, a oficina, o galinheiro e o curral. Todos os serviços enfileirados em uma única edificação.

— Quantas pessoas, ao todo, vivem aqui?

Relato ao delegado Antenor que somente os três pretos forros dormem no anexo. Já a tia Zita passa o dia inteiro na cozinha, mas dorme em moradia fora do terreno da igreja, em um casebre nas proximidades. Acrescento que eu e os outros seis meninos dormimos nos fundos da igreja, no quarto do alojamento interno. Ainda,

justifico que não estou agora com os outros porque não consigo dormir direito, desde que perdi o colega Biu Branco em uma aventura traiçoeira no rio Una. Tenho noites de solidão e esse mal me persegue também durante o dia. Quando não estou guiando o padre François ou envolvido nos afazeres da igreja, permaneço isolado dos outros garotos de mais idade, refletindo sozinho entre as catacumbas no cemitério.

— Sinto muito pela morte do seu amigo. Não é fácil superar a perda de alguém importante — expressa sua gentileza, colocando a mão sobre a minha cabeça e mexendo-a de um lado ao outro, amassando o meu cabelo crespo. — Só mesmo o tempo para curar essa dor.

Até hoje tenho dúvida se é mesmo o tempo o que apaga qualquer sofrimento ou se é o novo o que faz submergir o anterior.

— Eu também dormi muito mal nessa noite passada — prossegue ele. — Então, estamos nós dois virando corujas. — Força um riso tímido e faz uma pequena pausa, procurando algo nos bolsos, até achar um pequeno bloco de papel. — Além dos serviçais e das crianças, quais as outras pessoas que vivem aqui?

Quase não prestei atenção na última pergunta, estando ainda comovido com o reconhecimento do delegado pelo meu sofrimento. É a primeira pessoa a me dizer que sente pela morte do coitado do Biu Branquinho. Fico me perguntando, como um homem estranho, uma autoridade importante, conforta o meu sentimento, enquanto pessoas mais próximas não tiveram essa preocupação?

Recomponho-me da emoção e lhe respondo que vivem nos aposentos internos, além das sete crianças adotivas, conhecidas como os filhos do padre, os dois noviços e os dois reverendos, François e Santino, esses últimos ocupam os quartos superiores, onde também vivia o padre Paulino. Ele anota tudo.

Ainda lhe informo que o vi chegando de carroça, ontem à tarde. E depois o vi indo embora, também de carroça. Após isso, o segui até a pensão da dona Rose, pois o prior me pediu para conferir se o doutor delegado estaria mesmo instalado na pensão.

— Você tem tino para investigador, pois juro que não percebi que estava sendo seguido — revela o delegado, impressionado

com a minha confissão. E em voz baixa, falando aos seus botões, complementa: — Só não entendo esse interesse de Santino pelos meus passos. — Fica reflexivo por um instante e depois resolve partilhar comigo a sua contemplação da paisagem: — Você está vendo aquela ponta da praia lá além? — Sinaliza com o indicador. — Faz alguns anos, ali morreram muitos homens. Os rebeldes fugiam de um conflito em Barra Grande e alcançaram aquela praia, já bastante feridos, e ali foram massacrados.

Movido pela curiosidade e interesse no assunto, pergunto se ele esteve envolvido no confronto, achando que tivesse sido uma ação da polícia com a participação do delegado.

— Foi o meu avô quem me contou da Guerra dos Cabanos — responde ele sorrindo da minha ingenuidade. E me convida a acompanhá-lo: — Vamos ver os serviços. Devem estar acordados, pois já escuto o tilintar das painéis e sinto o cheiro de café fresco.

Atendendo ao convite, eu o acompanho até a cozinha. O delegado Antenor bate à porta e escutamos a imediata resposta da tia Zita:

— Arrodeia!

Ela pensa se tratar de um dos serviços. Tia Zita chega cedinho para preparar o desjejum dos padres e dos estudantes de padre. Até as seis horas tudo deve estar pronto para servir a primeira refeição dos religiosos. Em seguida, é a vez das crianças e dos serviços se servirem dos preparos da cozinheira. Quando eu anuncio que é o delegado quem bate, a senhora se apressa em abrir a porta, já perguntando ao homem o que ele deseja em sua cozinha, pois sequer o café foi coado ainda.

— Pude sentir de longe o cheiro do seu café por demais aromatizado, o que acusa ser a senhora uma excelente mulher da cozinha.

— Ave Maria, assim o senhor me deixa encabulada — pronuncia a cozinheira toda ancha e esfregando as mãos na barra do vestido. — O senhor faça a gentileza de entrar e não repare tamanha desordem na cozinha. É que cheguei agora há pouco e ainda não acabei a arrumação.

Sentado em uma das quatro cadeiras da pequena mesa, entre um gole e outro de café, o delegado observa tia Zita correndo

agilmente entre o fogão, a mesa e o balcão de preparo da comida. Deixando a mulher à vontade, sem desconfiança de suas pretensões na investigação, o delegado troca palavras sobre coisas triviais. Lá pelo fim do segundo copo de café, ele se levanta e caminha até a porta, onde avista o vasto terreno do pátio e o oitão da igreja.

— A senhora está aqui faz quanto tempo, dona Zita?

— Ah, senhor, nem sei direito. Minha mãe foi escrava fugida, em Palmares, e depois foi acolhida aqui pelo padre Jessé. Eu era mocinha ainda e a ajudava nas coisas da cozinha, catando feijão, ariando panelas, varrendo o chão e cortando verduras. Quando a minha mãe faleceu, eu já conhecia todo o serviço e daí fiquei no lugar dela.

— Então, a senhora conhece todos os que vivem aqui, certo? Afinal, todos tomam do seu delicioso café — conversa, enquanto a cozinheira trabalha e bate-papo sem lhe olhar. — A mulher que faleceu tempos idos, bem ali na lateral da igreja, a senhora a conhecia?

— Juro por Deus, como eu queria ter sabedoria para entender o que aconteceu. — Nesse único momento, tia Zita para o que está fazendo e caminha até a porta, ficando os dois de pé, lado a lado, olhando o verde da relva, ainda úmida do sereno da madrugada, e então ela desabafa: — Pois naquele dia eu fiquei daqui mesmo, olhando com esses olhos que a terra há de comer, feito quem vê um anjo que caiu do céu. Acredite vosmecê, pelo amor de Jesus, era tão alva quanto esses seus olhos, do cabelo galeguinho, sem traje algum. Só podia ser mesmo um anjo. Eu não tenho outra explicação. O Damião, que chegou mais perto e viu o seu rosto, disse que era rechonchudo, feito os anjos do retrato da igreja.

Percebendo a inocência, ou ignorância, da tia Zita, Antenor não insiste em qualquer técnica de investigação. Agradece à mulher pelo café servido e se despede. Ela o convida a voltar mais tarde, pois será o tempo de ter preparado os bolinhos de goma. Na saída da cozinha, o delegado enxerga um homem maltrapilho deixando a igreja, pela porta dos fundos. O homem preto carrega um barril sobre a cabeça e segue na direção oposta ao caminho de chegada ao templo. Assim que o vê, o delegado aponta para o malroupido e me pergunta de quem se trata. Respondo-lhe que aquele é o Tião, encarregado pelo prior para os serviços sujos. Carrega as fezes e urinas

chocas, depositadas durante a noite nos penicos e no barril, para jogá-las no córrego abaixo do monte.

— Esse sujeito quase foi atropelado no dia anterior — lembra o delegado.

Informo que ele é mouco, por isso não ouviu o som da carroça se aproximando. E acrescento que não sei o nome correto dele, mas todos o chamam de Tigre Tião. Pela sua função, adquiriu manchas indeléveis na pele provocadas pelo ácido da urina que vaza do barril.

Nossa conversa sobre o homem tigre é paralisada quando Santino surge na porta da sala paroquial. Isso significa que acabou o tempo da oração e agora o padre sai para uma breve caminhada no pátio. Esse é o seu exercício matinal. Só não é assim quando está chovendo. E somente depois de dar uma volta completa no grama-do, ele vem tomar o café. O delegado Antenor resolve não esperar e se dirige apressado ao encontro do prior.

— Bom dia, reverendo prior. Vejo que o senhor terminou a sua primeira oração do dia. Posso acompanhá-lo em sua caminhada? — solicita o delegado, tentando uma aproximação. — Ou o senhor está indo ao café?

— Hoje estarei de jejum completo por todo o dia. Esse é um dia especial para nós da congregação, o dia do nosso santo padroeiro. E seria prudente ao senhor não trabalhar hoje — orienta o prior, em repreensão ao interesse do delegado na continuação do processo de investigação. Enquanto fala e caminha, procura esconder a mão esquerda, onde se vê um pequeno machucado no dedo. — O que faz o senhor aqui, nesse turno? Não seria melhor voltar apenas amanhã, tendo esse momento para descansar?

— Pareço estar cansado? Pois foi a noite em claro que passei — explica-se. — Infelizmente, preciso concluir a minha missão para poder voltar ao meu trabalho habitual. O dever se sobrepõe à devoção, por isso trabalho até nos dias santos, pois preciso honrar esse compromisso com a coisa pública e com o excelentíssimo senhor presidente, a quem sou subordinado oficialmente — Antenor completa a explicação. — E o senhor, parece ferido. O que houve com a sua mão?

— Nada que mereça a sua preocupação. Apenas imprensei o dedo na trâmela da porta — depõe o prior, dissimulado, metendo a mão entre o tecido da batina para escondê-la. — Pois vejo que o senhor é homem de confiança do nosso novo presidente do estado. Quando estiver despachando com o coronel, faça-o lembrar que ele foi eleito pelos comícios populares, por isso não pode se apartar do povo, precisando, assim, nos dar o prazer de sua visita na festa do padroeiro no próximo ano.

— Levarei o seu recado, reverendo. Ele é um homem católico e do convívio popular.

— Fiquei contente por ter sido ele o candidato vitorioso. Eu o apoiei declaradamente, quando se posicionou como alternativa para finalmente retirar os Maltas do palácio e para voltarmos a ter, pela segunda vez, um alinhamento dos FONSECAS nas presidências do Brasil e de Alagoas.

— Não o imaginei republicano, senhor prior — ironiza Antenor, externando a sua grata surpresa. — Com suas críticas de ontem à separação entre Estado e Igreja, o imaginei um saudoso monarquista irreparável.

— Nem tanto ao mar, nem tanto à terra — ajusta-se o prior. — Decidi apoiar o Fonseca desde o Dia do Quebra, que limpou a capital empestada de terreiros de Xangô.

— O senhor se opõe à liberdade religiosa? Isso não combina com o republicanismo.

Fica o prior encabulado ante a crítica de Antenor ao seu notório preconceito.

— Ontem o tomei por mal-humorado, enquanto hoje posso perceber que o diálogo é possível. Juro estar surpreso com essa nossa prosa — revela o delegado. — Isso indica que a primeira impressão não é a que define uma pessoa. Confesso que também o imaginei bastante vaidoso, com um fabuloso anel dourado, que não o vejo usando nesse momento. Desculpe a intromissão. É que não pude deixar de perceber ontem que a sua mão do coração ostentava um caro brilhante, enquanto o padre François usava um simples anel de tucum. Não tem como não fazer a comparação. Perdoe-me a franqueza. Acredito que o interpretei erroneamente.

— Certamente não sofro desse mal — afirma o religioso. — A vaidade é uma passarela por onde o homem desfila o seu ego — comenta, tentando impressionar o delegado com sua modéstia. — O anel de pedra dourada que tenho é o mesmo que uso desde a ordenação sacerdotal. Foi um presente do padre que me acolheu desde criança, o reverendo Anselmo. Está guardado neste momento — justifica-se — por imperiosa necessidade. E o senhor, delegado, qual o seu mal?

— O senhor acredita mesmo que o homem seja inclinado ao pecado e ao crime? Que cada um de nós tem um terror guardado, algo latente, pronto para ser exposto na primeira oportunidade?

— Ora, meu caro doutor, não há inocentes. O homem é, naturalmente, um animal predador. É a civilização o que o tira desse estado natural de agressor. O papel do Estado e da Igreja é, portanto, civilizá-lo. E isso só é possível se devidamente ensinado.

— Compreendo o seu raciocínio hobbesiano, estimado prior, muito embora discorde dessa vertente do estado natural, pois é justamente o homem civilizado, subordinado às leis da Igreja e do Estado, quem pratica as mais vis atrocidades, oprime o próximo e subordina o homem ao capital.

Algum tempo após a acirrada discussão filosófica, do bem e do mal, caminhando juntos e tendo completado uma volta inteira no espaço externo da igreja, o prior e o delegado param sob a sombra projetada pelo campanário. Conversam amistosamente e, nesse ato, Antenor avisa que deixará a companhia do prior, pois precisa dialogar com o padre François e crê que esse tenha concluído o seu rito devocional e quem sabe até já esteja na cozinha.

— Não foste visitá-lo ainda na cozinha? Pois pensei que o tivesse encontrado antes de mim, visto que não o vi ainda hoje, nem mesmo nas rezas matinais. Sendo assim, digo-te uma coisa: François é sempre o primeiro a chegar *pour le petit déjeuner*, antes de qualquer um de nós. Apressa-te, que sempre chegamos depois e ele já nos aguarda ranzinza. Se bem que hoje ele pode estar jejuando também.

Antes que o delegado se afaste, eu me aproximo desembestado e ambos se voltam para mim, quando ouvem os meus soluços.

— Quem está a chorar? — é o prior o primeiro a questionar, fazendo cara de incômodo.

— O que se passa contigo, rapazinho? — pergunta o delegado, estendendo o braço para me apoiar. E se agachando, para ficar com o rosto frente ao meu, com a mão sobre o meu ombro, volta a me perguntar: — O que se passa?

Controlando o pranto, enxugo os olhos e comunico aos dois que o padre François deve estar morto. A dedução se dá porque eu não o vi no oratório, nem na cozinha, como é habitual, então fui procurá-lo no quarto, para saber se precisava de alguma ajuda. A porta estava sem o trinco. Entrei, e depois de chamá-lo por muitas vezes, puxei o seu braço e ele não se moveu em nenhum instante.

3.

Retira-te, Satanás!

Nós três corremos até o quarto do padre François. O delegado Antenor vai à frente, com maior agilidade nos passos, seguido pelo padre Santino e por mim. Na subida da escada, o delegado ganha maior distanciamento graças às pernas compridas, que sobem dois degraus em cada passada. O prior suspende a batina para aligeirar os passos e usa a mão como apoio no corrimão preso à parede. Eu sigo na retaguarda, ouvindo a madeira dos degraus ranger com as pisadas rápidas dos dois adultos, sem pressa para alcançá-los, como não querendo confirmar a dura realidade que já sei sobre a perda.

Quando chego ao quarto, os adultos já observam o corpo. De busto para cima, ainda coberto, o padre François parece dormir. O braço esquerdo está descoberto e caído para fora da cama, resultado da minha ação de puxá-lo pela mão repetidas vezes para que acordasse. O delegado pede ao prior que abra a janela e na claridade que invade o ambiente começa a fazer os testes de verificação, até que anuncia o que eu tinha constatado: o óbito.

Com toda a movimentação no local, os dois moços estudantes também chegam à pequena cela, curiosos, e ficam olhando da entrada, pois dentro do apertado recinto estamos comprimidos e não

cabe mais ninguém. Da porta, assustado, o rapaz de menos idade, Euclides, comenta ser esse o século do temor, o outrora profetizado século 20, das mortes, guerras, conflitos e perseguições. Anuncia que tudo de ruim estará acontecendo no mundo e também aqui, já sendo essa a segunda morte na igreja e em um mesmo ano. O rapaz mais velho, Thomas, complementa o discurso apocalíptico anunciando que o mal ronda o lugar. E recita a Bíblia:

— Vigiai, porque o inimigo anda em derredor, bramando como leão, buscando a quem possa tragar.

— *Vade retro Satana* — repreende o irmão Santino, o que faz com que o estudante suspenda o crucifixo do peito até os lábios e o beije com devoção, deixando o local rezando em ritmo acelerado e voz alta. Então o prior continua a sua fala: — Não temeremos mal algum — proclama, benzendo-se. — Descanse em paz, meu irmão, pois sua obra há de ganhar seguidores na terra e recompensas no céu — declara, enquanto toma as duas mãos do defunto e as entrelaça sobre o peito, acima do crucifixo com o qual o padre dormia. — Morreu de forma indolor, sem sofrimento. — E define: — Foi dormir nos braços do Criador.

Antenor não encontra sinais que o faça discordar da definição do prior. Parece mesmo uma morte natural. Talvez o coração tenha se cansado de bater. No corpo do padre não há marca de ferimento, apenas o rosto arroxeadado. Assim, ele pede ao prior para encaminhar um mensageiro ao novo subdelegado da região, para providenciar o laudo necessário.

Sou então arrastado pelo braço para fora do quarto e encarregado pelo prior de duas missões: a primeira, passar o recado ao cocheiro, para que esse vá buscar a autoridade da polícia local; e a segunda, procurar um objeto perdido por ele em lugar incerto, talvez na grama do pátio. Essa derradeira incumbência é dita em tom de sigilo. As tarefas devem ser realizadas de imediato, mas, evidentemente, como não sou obediente por demasia, permaneço próximo à porta assim que o prior volta para dentro. Eu preciso continuar ouvindo a conversa, em atenção à morte do meu estimado pai adotivo e para fazer jus ao meu mérito de investigador, atribuído pelo próprio delegado.

Ainda no quarto, olhando o falecido, o delegado tem a curiosidade de saber sobre os rapazes que estavam na porta. Recebe do prior a informação de que os dois jovens vivem na igreja como cumprimento de castigos impostos pelos pais: um por ser desobediente e ter fugido do seminário, o outro por ter modos afeminados.

— São de famílias tradicionais, contribuidoras das causas da congregação, que os confinaram nesse espaço para o bem deles próprios, pois aqui se faz a devida aprendizagem da vida religiosa, sem o isolamento dos mosteiros, nem o exacerbado rigor dos conventos típicos e dos seminários regulares. Os dois eram pupilos do padre François, com quem tinham uma relação fraternal.

— E o senhor, sempre teve boas relações com o padre? — questiona Antenor.

— Mas o que é isso, agora? Outro interrogatório, justamente nesse momento de luto? — discute o prior Santino. — Clara, como essa luz do sol que agora nos alumia, assim sempre foi a minha relação com o irmão François. Eu sempre o admirei de tal forma que seria capaz de fazer no púlpito um panegírico sobre esse santo homem. Enche-me de verdadeiro gáudio ter sido o seu amigo por todos esses anos.

— E o padre Paulino? O senhor deve saber o que ocorreu para o seu sumiço, justo no dia da morte da mulher. O que o senhor pode dizer sobre o paradeiro desse padre?

— O irmão Paulino tinha problemas mentais. Pode ter sumido no oco do mundo bem antes daquele triste dia e sequer demos falta dele. Era muito reservado. Não tenho muito conhecimento a seu respeito. Procurei ajudar a esse irmão necessitado oferecendo-lhe abrigo e tratamento. E quanto àquela mulher, poderia ser uma das damas que atendem na taberna da senhora Rose, como supôs o doutor Faustino. Pode ser que ela tenha procurado um lugar alto para se jogar... Isso mesmo. Deve ter sido suicídio, ou talvez a loucura associada ao excesso de álcool ingerido, ou ainda, talvez estivesse morrendo de doença incurável e só quisesse antecipar a morte — especula o prior.

Santino conclui a sua fala sentenciando que não adianta o delegado pesquisar nos registros oficiais sobre o seu amigo Paulino,

pois esse mudara de nome no ato de ordenação, revogando o nome de batismo. Acrescenta que demais informações sobre o padre desaparecido não podem ser reveladas por se tratar de segredo de confessorário.

Fazendo uma ressalva ao argumento do religioso, o delegado informa que a vítima não era uma das mulheres da taberna. A própria dona do estabelecimento tinha confirmado ao escrivão, que costumava frequentar a casa como freguês assíduo das distrações ali oferecidas, que não havia desfalque algum entre as suas damas atendedoras.

Tendo ouvido essa parte da conversa, afasto-me da cela e desço as escadas vagarosamente, para não ser descoberto em meu retardo no atendimento às ordens do prior, indo diretamente ao estábulo, onde passo o recado ao cocheiro Damião, seguindo diligentemente à segunda missão no pátio da igreja.

Alguns minutos se passam enquanto procuro o objeto perdido pelo padre Santino. No tempo em que realizo a busca no gramado, vejo que as pessoas começam a chegar aos poucos e se aglomeram no entorno do templo. A morte do tão conhecido e carismático padre percorre a vila de boca em boca e vai se irradiando até atingir localidades mais remotas. Desde o início da manhã, dezenas de pessoas chegam em pequenos grupos ou individualmente e ocupam os assentos da igreja, enquanto outras se concentram na frente do templo e no gramado do pátio lateral, onde rezam e choram em devoção.

Uma senhora acende um maço de velas de cera de esterine e parafina no pé da parede, ao lado da porta principal, e ali a fumaça desenha uma mancha escura na textura branca da cal, levando certas devotas mais fervorosas a acreditar que o desenho tomou a forma de uma batina sacerdotal. Tamanha é a comoção e o desadorno que algumas mulheres não se aguentam de pé e se agacham em pranto. Umãs são levantadas pelas comadres ou pelos maridos, outras se mantêm caídas ou de cócoras, cobrindo o rosto com as mãos e urrando em lamento.

No alvoroço que circunda o ambiente, o delegado sai da igreja pela porta do oitão e transita entre as devotas choronas, abrindo

passagem até o pátio, onde me vê chacoalhando o gramado com os pés. Com brandura, tenta me consolar e lamenta a morte do padre, que se soma à dor não sarada da perda do amigo Branquinho. Outra vez, faz um afago na minha cabeça, esfregando a mão de um lado para o outro, assanhando o meu cabelo, quando pergunta o que eu estou fazendo.

Angustiado e buscando um pouco de conforto, descubro como é bom saber que há adultos que reconhecem que crianças também têm sentimentos. Com olhos em lágrimas e grato pela compaixão expressada, perco a timidez e lhe dou um forte abraço, sendo prontamente correspondido. Conto-lhe, dentro do abraço, da minha profunda tristeza e lhe revelo que estou revirando a grama à procura de um anel perdido pelo prior.

— Venha comigo. Quero que você seja o meu ajudante.

Sem pensar duas vezes, largo a minha tarefa e sigo o delegado rumo à oficina, ao lado da estribaria, onde Cosme e Damião estão de pé, olhando a grande movimentação de gente. Quando nos aproximamos, os dois baixam a cabeça e enxugam as lágrimas, envergonhados, disfarçando o choro. No canto da parede avistamos o andor, tão bem elaborado pelo marceneiro, sob os cuidados do padre François, agora uma peça inútil entre tantos cacarecos amontoados ali. Ainda que em um momento impróprio, o delegado tenta arrancar dos dois homens qualquer revelação sobre o dia do assassinato da mulher, ou sobre a vítima. Tudo em vão. Não dizem nada além do que já se sabe.

Tia Zita, com o semblante caído, aproxima-se do grupo e sem disfarce algum expõe o seu sofrimento com um choro incontido. Desconsolada e tendo ouvido o delegado, ela o repreende, sem noção de sua ousadia desmedida:

— Lá vem o senhor, ainda com essa história.

Damião, o mais falador dos dois irmãos, censura a cozinheira pela intromissão, dizendo se tratar do delegado e perguntando se a mulher perdeu o juízo para falar assim diante de uma autoridade.

— Ai, meu Deus do céu. O senhor me perdoe. Hoje perdi o restinho do juízo que tinha — explica-se a senhora, percebendo a sua fala inconveniente. — A tristeza me deixou assim. Não tenho condições

de fazer nada hoje — determina a tagarela enlutada. — Quem quiser lambiscar alguma coisa, que coma farinha seca de mandioca ou qualquer brebôte que encontrar por aí. Somente as crianças é que ainda vão ganhar um restinho de beiju com raspas de coco que tenho guardado no frande, em cima do armário.

Aparentemente descompensada, tia Zita se mantém a falar sem limite, mesmo não tendo mais a atenção do delegado.

— Não vou trabalhar hoje. Já estou avisando. Os homens que se virem, que se embrenhem no mato à caça de preá ou à procura de frutas — sentencia a sorte dos adultos e lamenta: — E o ruim é que nessa época do ano não tem pitomba, cajá e nem ciriguela. Não tem nem manga verde no pé, pra comer com sal.

Sem dar muita atenção ao relato destrambelhado da mulher, Antenor se volta para os seus investigados e estala os dedos a altura do rosto de Damião, fazendo com que esse deixe de se importar com as conversas desnordeadas da tia Zita e se volte ao interrogatório.

— Você, que se aproximou do corpo e viu o rosto da vítima, pode descrevê-lo, por favor? — solicita o delegado a Damião, ignorando a intromissão da mulher, que continua falando para ninguém.

A partir do relato do serviçal, Antenor faz os registros em seu caderno de anotações, rabiscando características importantes descritas pela testemunha e folheando páginas anteriores para fazer comparações com outros elementos colhidos, quando percebe, a poucos metros, o mesmo homem estranho carregando o tigre nos ombros, dessa vez chegando à igreja pelos fundos, parecendo estar indiferente ao fato ocorrido. Antenor interrompe a oitiva e o acompanha com o olhar, até esse sair do seu campo de visão. Após anotar as informações delatadas, acomoda o caderno listrado e o lápis de madeira no bolso do terno.

— Vocês sabem quem é aquele sujeito? — pergunta o delegado.

— Sebastião. Ele é o nosso irmão mais velho — responde Damião.

Diante do espanto do delegado com a notícia, Damião lhe explica que, por não escutar e não ter desarnado a fala, além de não ter tino para o trabalho na lavoura e trato com os animais, o irmão surdo foi destinado, desde menino, para o serviço de transporte das imundícies. E desse jeito passou a ser rejeitado por todos, até

pelos irmãos. Damião revela que os três irmãos escravizados foram adquiridos pelo velho padre Jessé como doação de um senhor de engenho ao patrimônio da igreja. Todos foram alforriados, antes mesmo da Lei, quando François assumiu a paróquia. Desde então, os dois gêmeos e o irmão mais velho se comprometeram a permanecer trabalhando na igreja em devoção ao padre que os libertara.

— Bateram muito na cabeça do coitado quando era pequeno. Com isso ele piorou — interfere Cosme.

— De tanta surra que tomou do antigo senhor no pelourinho, Bastião pirou, ficando abilolado de vez — inteira Damião. — Ele foi colocado para dormir fora da senzala, por conta do futum impregnado na pele, de um jeito que nem banho com sabão resolvia. Por isso guarda um ranço da gente e vive assustado, feito bicho do mato, dormindo na cocheira com os animais. Qualquer um de nós tem medo de bulir com ele, ou mesmo de falar, pois é muito arisco. Até o padre François o deixou de lado com medo da ignorância. Ele só atende aos gritos do prior Santino.

Em meio à investigação, deixo o grupo por um momento e vou correndo à cozinha, com autorização da tia Zita, pegar o meu punhado de beiju de coco. Volto mastigando o meu desjejum e fico encostado à cerca de junco e avelós, esperando o interrogatório acabar.

Saímos da oficina e o delegado, ainda pensativo na história do preto tigre, relata a sua triste percepção do ser humano, capaz de classificar o outro sempre de forma a discriminar o diferente, inferiorizando aquele que foge à regra estabelecida como normalidade. Conta que mesmo entre os escravizados, esses também vivenciaram subdivisões, a ponto de alguns ainda serem mais discriminados que outros, isso dentro de um mesmo grupo segregado, como casta. O domínio da sociedade escravista foi tão ardiloso e manipulador, de um jeito que não mediu esforços para desunir os escravizados, sendo um plano para dificultar a formação de uma identidade e qualquer ação conjunta.

Voltamos para o interior da igreja, quando o corpo do padre é então retirado do quarto e colocado em um caixão roxo, agora exposto entre o altar e a nave. Os bancos estão afastados para

comportar os fiéis que tentam, de qualquer maneira, tocar o caixão e olhar pela última vez o rosto do santo homem. A decoração floral do templo, com alamandas amarelas, é ofuscada pelas flores do campo que preenchem as laterais do ataúde e cobrem todo o corpo do padre, como um lençol feito de natureza. Apenas o rosto amável descorado e as mãos entrelaçadas, segurando o crucifixo, são visíveis dentro do caixão. Trabalhadores da roça, pescadores e donas de casa, todos parecem ter largado suas atividades laborais, em pleno dia útil da semana, para prantear a perda do religioso.

Do lado de fora do templo, crianças correm entre as árvores e brincam no gramado e no chão de barro pisado, alheias ao sofrimento dos adultos, sendo constantemente repreendidas pelos pais devido à algazarra que chama mais a atenção que o chororô das mulheres.

No púlpito, em traje excepcional, vestido com uma túnica alva, diferente do hábito cotidiano, o prior acalanta os fiéis com orações, enquanto os seminaristas e os filhos do padre cantam louvores. Eu não participo do grupo de louvação por não ter aprendido a ler e assim não saber acompanhar os hinos no livro de cânticos. Na abertura do cerimonial de corpo presente, após a introdução com ritos devocionais, o prior informa da suspensão da quermesse e da procissão. Acrescenta que os rituais fúnebres se prolongarão por três dias.

— Hoje à noite o corpo será velado pelas devotas; amanhã ocorrerá a missa pela manhã e o sepultamento à tarde; e depois de amanhã faremos o sábado de reclusão, jejum e preces. Depois desses três dias de luto, no domingo continuaremos com as atividades devocionais, com a missa matutina dominical, seguida do confissão aos adultos e do catecismo às crianças.

O longo período de luto parece ter sido bem aceito pelos devotos, que se entreolham e gesticulam em concordância, diante do significado do padre falecido na vida desses fiéis.

Comunico aqui que, desde esse dia, com o cancelamento da procissão, anunciado pelo prior, nunca mais esse ritual voltou a ser realizado. Esse passou a ser um dia de lamentações e recolhimento dos fiéis, em reverência ao santo padre Laurent François. Nos anos

seguintes, as festividades da quermesse foram antecipadas para o dia de Santo Antônio.

Ao final da missa, Santino dirige-se à sala paroquial para receber as autoridades presentes no rito fúnebre. O pequeno grupo de religiosos vindos de outros municípios se aglutina em sua volta e ele recebe as condolências. Ao grupo seleta junta-se o delegado Antenor, e eu o acompanho. Vendo-me nas proximidades, o prior me chama com um aceno e pergunta sigilosamente se estou ali para lhe entregar o objeto por ele perdido. Quando lhe informo que não achei o anel, ele esbraveja publicamente com o seu furor:

— Arrede-se daqui, moleque imprestável!

Deixo imediatamente a sala, sem apanhado e sem me impressionar com essa agressividade do prior. Na verdade, essa é a sua conduta normal, que muitas vezes fora disfarçada quando esteve na presença do padre François, que exigia de todos uma postura pacífica e respeitosa. Na ausência do padre, porém, o prior sempre fez uso da agressão, seja verbal ou física, para tratar as crianças e ainda os serviçais.

Antenor deixa a sala logo em seguida e me chama para irmos almoçar na taberna do pensionato. A carroça nos aguarda nas proximidades. Tomamos o veículo e o condutor Jeremias nos leva à Casa das Mulheres, onde somos recebidos por dona Rose, que nos conta de sua tristeza e diz que dispensou a cozinheira, assim como liberou todas as suas moças dos serviços típicos da casa. Por isso não tem almoço pronto.

Mesmo assim, ela nos acomoda em uma mesa e depois de muito tempo de espera nos serve uma tigela com ensopado de peixe de coco, preparado por ela mesma, além de uma farta porção de macaxeira.

Passa do meio-dia quando voltamos ao funeral, agora de barriga cheia. O turno da tarde continua sendo de extrema comoção, como foi pela manhã. Algumas pessoas estão ali desde cedo, outras chegaram há pouco, vindas de localidades remotas, e ainda continua chegando mais gente, subindo a pé a ladeira como em procissão.

Eu soube depois que essa mesma movimentação se repetiu na semana seguinte, na missa de sétimo dia.

— Vamos sair desse ambiente de pranto. Parecem carpideiras — reclama Antenor. — Ainda tenho uma missão a cumprir, pequeno Biu. Leve-me até os noviços, pois ainda preciso ouvi-los com brevidade.

O ofício sempre em primeiro lugar. Esse é o lema de Antenor. Entramos no dormitório do fundo da igreja, onde os dois estudantes estão arrumando as malas. Sem se preocupar com a nossa chegada, continuam organizando as roupas e objetos pessoais para a viagem.

— Estão se preparando para deixar a igreja? — inquire o delegado.

O mais jovem dos rapazes, Euclides, permanece concentrado em sua organização da bagagem, enquanto o segundo estudante, Thomas, para a arrumação, senta-se na cama e se põe a chorar, feito criança. Entre choro e soluços, responde que permaneceu na igreja apenas em dedicação ao padre François. Não perseverará sob a supervisão do prior. Era o padre François, e apenas ele, o seu mentor. A vontade de deixar a igreja tem agora um motivo adicional e irreversível. Relata, ainda, a sua vontade de ir morar na capital do país com os parentes de sua mãe, onde poderá estudar em um conceituado seminário do Distrito Federal.

— Assim que o santo padre descer ao chão, vou embora daqui — desabafa o rapaz.

Ainda não contei quase nada sobre o jovem Thomas. Pois então, farei isso agora.

Filho de um industrial inglês, instalado na periferia recifense com uma fábrica de tecidos, e mãe brasileira, de família aristocrata fluminense, o jovem foi encaminhado à igreja como a um esconderijo, para ocultar a sua conduta reprimida pela família e, ao mesmo tempo, evitar a vergonha dos pais com os seus atos inaceitáveis. Expulso da tecelagem do pai, onde atuava como administrador, o rapaz foi trazido aos cuidados do padre François para receber a orientação dos bons costumes e o conhecimento dos saberes religiosos.

Thomas é o mais dedicado dos seminaristas, com grande facilidade para aprender e sobressalente interesse em atuar nas causas dos mais humildes, em plena sintonia com as ideias de François.

O estudante devora livros e conversa com qualquer mestre sobre filosofia, direito, política e hermenêutica. Conhecedor de diferentes idiomas e possuidor do dom natural da inteligência, com uma educação erudita, costumava debater com o seu tutor as leituras aprofundadas que fazia durante a semana. E nos finais de semana acompanhava o padre nas liturgias e ainda nos aconselhamentos à comunidade.

Por ser demasiadamente educado, é visto com desconfiança pelos homens e com admiração pelas mulheres. É, segundo as beatas, a pessoa mais indicada para suceder o padre François, por saber ouvir e dar bons conselhos. Para a sua família, porém, a sua postura delicada e nada convencional, distante da masculinidade exigida pelos homens e da rudeza presente na sociedade patriarcal, o coloca como uma afronta aos bons modos e uma vergonha a ser tratada.

No tempo de internado, diferente do jovem Euclides, que viaja regularmente para visitar a família, ao menos uma vez a cada mês, o estudante Thomas permanece na paróquia integralmente, evitando o constrangimento de reencontrar a família que o rejeita.

— Eu não quero continuar aqui, também não posso voltar à casa dos meus pais em Apipucos. Não me resta alternativa a não ser ir embora para o Rio de Janeiro, buscar abrigo com os familiares — desabafa, contendo o pranto. — Sinto muito ter que abandonar a obra, mas preciso seguir o meu destino, assim como o meu padre e professor seguiu corajosamente o dele. Tenho fé que nessa hora o meu estimado preceptor já entrou direto no reino dos céus, sem precisar passar pelo purgatório. Isso me encoraja a seguir em frente.

Interrogados sobre a morte da mulher, as respostas dos dois seminaristas são tão vagas quanto foram as falas das demais pessoas inquiridas anteriormente. Não sabem nada e nunca a viram antes.

Saindo do quarto dos rapazes, Antenor resolve conversar com os meninos e me encarrega de reuni-los. Em uma volta nas carreiras no interior da igreja, consigo localizar todos os seis e trazê-los ao dormitório, onde são aguardados pelo delegado. Cada um recebe uma moeda do ilustre homem e todos ficam extremamente felizes e solícitos, porém, não têm elementos para contribuir com a pesquisa

policial. Persistindo o mistério, Antenor resolve não perder mais tempo. Agradece aos garotos pela atenção e se despede, seguindo em direção à nave, onde as mulheres fazem a reza vespertina e se organizam para passar a noite velando o corpo.

Quando a escuridão chega, e isso acontece cedo, o delegado decide subir ao quarto. Tinha dito ao prior que dormiria no recinto, aceitando, ainda que tardiamente, o convite feito pelo padre François, por saber que não conseguirá dormir no quarto desconfortável da pensão. O louvor das beatas esconde o barulho da madeira rangendo com as suas pisadas subindo os degraus. O quarto do padre François é o primeiro dos três localizados no primeiro andar, acima da sala paroquial. O padre Paulino ocupava o quarto do meio e o prior dorme no último. Dirigindo-se ao segundo quarto, o delegado identifica que a porta do primeiro está entreaberta e a empurra para dentro com a ponta dos dedos, visualizando assim o prior Santino revirando os objetos e procurando algo entre as coisas do padre falecido, usando uma vela para clarear o compartimento. A mão, com o dedo envolvido em ataduras, dificulta o manuseio dos objetos sobre a mesa.

— Ah, eu... eu estou procurando... alguma coisa significativa... para guardar como recordação do padre... — explica-se o prior ao ser flagrado no quarto do falecido.

No aposento que era do padre Paulino, o delegado entra e risca um fósforo, acendendo o lampião a gás. A luz amarelada projeta a sua resta se movendo na parede. Antenor dá um giro de 360 graus deslocando lentamente os pés no assoalho de tábuas gastas, pretendendo visualizar todo o ambiente. O cubículo, de aproximadamente quatro metros quadrados, tem apenas uma cama encostada na parede do lado direito e uma mesa de cabeceira. A parede oposta tem uma pequena escrivaninha e uma cadeira. No fundo do quarto há uma janela e uma prateleira fixa na parede com alguns livros enfileirados.

Pela janela aberta, a mesma onde um hábito religioso foi encontrado preso no chuvoso dia um do ano, avista-se a lua minguante entre nuvens, e apenas isso. A escuridão é completa e preenche com um vazio todo o espaço externo. Excetuando as mulheres que

cantarolam lá embaixo, parece que tudo está paralisado no tempo. Antenor força a visão e a audição por alguns instantes, sem conseguir visualizar a linha da praia, nem ouvir o barulho das ondas arrebatando. Calcula que a maré deve estar baixa. Também não sente o cheiro do mar, tampouco o sopro da brisa. Pensa que o tempo esteja mesmo parado, sem cor e sem som. Até a natureza está em luto. Então fecha a janela, suspende a manga do candeeiro e apaga a chama.

Antes de se deitar, Antenor retira o paletó e o pendura em um cabide preso à parede, coloca a camisa sobre a cadeira, retira o revólver Gerard da cartucheira e o esconde embaixo da cama. O cinto com a cartucheira vazia é jogado sobre a escrivaninha.

O cansaço é tamanho que Antenor pega no sono tão logo se deita na cama. Quando dorme, começa a visualizar a sua família diante de si. Sonha estar em casa, recebendo o carinho da esposa, que o abraça fortemente. De repente, o abraço se torna por demasia apertado e sufocante, a ponto de se sentir asfixiado. Tenta se mover e não consegue. Também não consegue gritar. Ele agarra as mãos da mulher para afastá-las do seu pescoço e então percebe que são mãos maiores e mais fortes. Lutando para se libertar, ele move o braço para baixo, na tentativa de localizar a arma, porém só alcança a alça do penico. Agora está completamente sem forças. Sente um forte odor de urina e se lembra do homem tigre, malamanhado. De supetão, o delegado consegue levantar o tronco, diante da resistência do alçô, e solta um bramido. Suando bastante e com as mãos no próprio pescoço, procura o seu agressor, sem conseguir enxergar nada na cega escuridão da cela. Pisa o chão e sente os pés molhados no líquido derramado do bispote de ágata.

Ainda desorientado, Antenor localiza a arma e a segura com firmeza. Reabre a janela, na esperança de ventilar o ambiente, e move o seu olhar assustado para todos os cantos. Corre para o corredor e caminha até a escada, mantendo o revólver pronto para disparar. Desce alguns degraus e ao ouvir as mulheres rezando, agora em voz mais baixa, resolve recuar. Sabe que não pode ser avistado naqueles trajés de dormida e ensopado em suor. Volta ao quarto, tranca a porta com o ferrolho, arrasta a escrivaninha e a mesa de cabeceira

para bloquear a entrada, vai até a janela e respira fundo. E só então resolve sentar-se na cama, ainda com a arma em punho, para esperar a noite passar.

— Outra noite sem conseguir pregar os olhos — lamenta.

Pela manhã, após a segunda noite consecutiva sem dormir, assim que ouve os primeiros pássaros, o delegado volta a contemplar a vista da janela. Dessa vez há som e cor. O sol aos poucos emerge do mar no horizonte, embranquecendo as nuvens e formando um espelho na água. Vagarosa e incansavelmente, as ondas se jogam para a praia na mesma constância desritmada, cobrindo a areia feito uma toalha de renda.

A igreja, no topo da colina, tem o acesso bastante íngreme, mas a vista compensa o esforço da difícil subida. Essa foi a dura descoberta do delegado na manhã do dia anterior, arrependendo-se de ter deixado o cavalo na estrebaria da pensão e enfrentado a ladeira na caminhada. Do alto, a vista da praia é exuberante e o lugar muito fagueiro, bastante arejado e rodeado de coqueiros altos e tortos.

Descendo as escadas no início do alvorecer, para se encontrar com o prior antes da primeira hora de reza, o olhar de Antenor percorre todo o ambiente interno da igreja com apreço, admirando os detalhes das pinturas e das imagens do altar-mor que ganham vida quando recebem a luz natural. No seu interior, a nave principal tem em uma das extremidades uma pesada porta de madeira, bem trabalhada no estilo barroco, e na outra o altar principal, além de outros dois secundários, com santos expostos em nichos ogivais mais estreitos, todos muito ricos com ornamentos de peças sacras. Há ainda, na lateral da nave, a sala paroquial, que também funciona como sacristia, e um pequeno corredor com portas em arcos. Esse conduz a outro ambiente, com acesso aos dormitórios coletivos e à escada que leva às celas do piso superior.

Encontrando Santino no corredor do térreo, indo para a sala paroquial, Antenor o aborda e relata a tentativa de assassinato sofrida, tecendo detalhes do fato e do agressor. O prior minimiza a situação e diz que tudo não passou de um mero pesadelo.

Enquanto o delegado procura explicações, o religioso, sem lhe dar ouvidos, caminha vagarosamente para as suas preces na



sacristia, evitando os olhos das poucas senhoras que se mantêm acordadas guardando o corpo, enquanto muitas cochilam nos bancos da nave.

Uma hora depois, Santino deixa a sala paroquial, pela porta que leva ao pátio, e em vez de sua caminhada habitual, dirige-se ao mastro na frente da igreja e baixa a bandeira com a efígie do santo padroeiro, outrora hasteada para as festividades.

Antenor entra na sala após Santino retornar com a bandeira dobrada e protegida entre suas mãos e o peito. O delegado então anuncia:

— Creio que tenha terminado o meu trabalho aqui. Conversei com os serviçais, as crianças, os noviços, enfim, com todas as pessoas que estavam aqui no dia da morte da mulher, exceto o falecido padre François, que Deus o tenha, e o padre Paulino, que sumiu e ainda não sabemos se ele estava no dia do crime ou se havia desaparecido antes. O senhor tem mais alguém a acrescentar a essa lista? Algum estranho que de passagem tenha se hospedado aqui?

— Não! Não costumamos receber estranhos. O senhor é a exceção.

Rindo do sarcasmo na resposta do prior, o delegado insiste em forçar a memória de Santino e ressalta que qualquer lembrança que possa ajudar na elucidação do caso deve ser informada. Dito isso, relata ao prior que sabe da utilização da igreja como recanto de passagem para viajantes religiosos. Desse modo, pede permissão para ver no livro de registro a última pessoa hospedada e a data de passagem.

Demonstrando não querer apresentar as anotações, o prior desconversa e lhe comunica que essa forma de passagem não é registrada, mas, diante da fala do delegado, acaba de lembrar a última vez que esse tipo de viajante pernoitou na igreja, e isso foi há muito tempo atrás, portanto, sem nenhuma relação com a morte investigada.

— Acho que foi um tal de Leandro Dantas, um moço baiano afeiçoado e expansivo, que se alardeava estudante de medicina. Pernoitou aqui quando transitava da Bahia para Pernambuco, carregando consigo uma carta de recomendação de um amigo

prior de Salvador. Acredito se tratar do conquistador descrito por Carneiro Vilela no *Jornal Pequeno de Recife*, no conto *A emparehada da rua Nova*. Ele disse morar em uma cela no Convento do Carmo, em Olinda.

Percebendo a irrelevância da informação e decidido a dar continuidade às investigações em outras frentes, visto não ter conseguido elucidar o caso no próprio local do crime, Antenor tem por findo o trabalho em Maragogi e começa a planejar suas próximas investidas, tendo acumulado evidências importantes que lhe permitirão ir além do esperado na averiguação do assassinato e na identificação da mulher morta, bem como na revelação do paradeiro do padre Paulino.

— Pois bem, partirei amanhã de volta aos meus afazeres em Maceió. Ficarei ainda esse dia e mais uma noite aqui, em respeito à honra e à memória do padre François. Eu não poderia ir embora antes do sepultamento, nem terei como ir logo após, evitando seguir na estrada à noite. Ficarei, ainda, para oficialmente representar o ilustríssimo senhor chefe de polícia e o excelentíssimo senhor presidente, caso não venham outras autoridades representá-los. E quando da minha ida, levarei comigo o garoto Severino, isso se o senhor não se importar. Deixarei à caixa de assistência da congregação uma quantia suficiente para cobrir as despesas causadas por mim à igreja.

— Vejo que se afeioou ao infante escurinho. Talvez tenha melhor serventia como seu tarefeiro do que tem aqui, pois não será mais necessário como guia de cego. E moleques de recado já tenho muitos — queixa-se o indelicado prior. — Mas lembre-se, colocar a cela em um burrico não o faz um cavalo — sentenciamos. — Também tenho lhe visto muito próximo aos trabalhadores, conversando com os serviçais como um igual, sem prezar pela hierarquia humana e sem guardar o devido distanciamento de categoria social com pessoas ignaras. Não pode o lenhador conduzir a missa, nem o papa cortar a lenha. Cada coisa deve estar no seu devido lugar, na ordem estabelecida por Deus. Aceita tu um conselho que eu te dou: isso não fica bem a um homem de sua estirpe.

Nesse instante, é provável que Antenor esteja pensado em alguma resposta apropriada ao prior, mas ele prefere o silêncio. Homem probo, de uma serenidade irrepreensível e polidez impecável, o delegado não age acidamente, como eu gostaria que ele agisse nesse momento. Nunca o vi descompensado, nem mesmo diante de seres mesquinhos como o prior. Quanto a esse, não tendo aprendido a humildade na convivência com François, não aprenderá agora. Então, Antenor prefere ignorá-lo e sabiamente o deixa só.

Não fomos à cozinha para o café. Em vez disso, nos dirigimos ao pátio, ao encontro de Jeremias. O delegado prefere não contar com a refeição preparada pela tia Zita, imaginando que essa ainda esteja em luto e sem pôr lenha no fogão. O cocheiro condutor traz a carroça à frente da igreja e nela montamos e seguimos à pensão da dona Rose. Já no restaurante, ainda vazio, escolhemos a mesa mais próxima à janela e nos sentamos os três juntos. Enquanto aguardamos a refeição, olhamos pela porta larga do recinto os devotos que começam a chegar em caravanas, pondo-se na direção da subida que conduz à igreja. E pela janela vemos o campanário, com o grande crucifixo de madeira no topo e aberturas arqueadas, contornadas com lesenas, por onde se avista o pequeno sino de bronze que em breve começará a dobrar.

Por enquanto, a fome fala mais alto e essa é saciada com a chegada de dona Rose e uma ajudante, trazendo farofa de jerimum, molho de peixe de coco com mariscos e postas de beijupirá. Fico admirado com a comida, de beleza, cheiro e quantidade, bem diferente do preparo da tia Zita. O delegado vê os pratos cheios e aproxima o nariz da fumaça que sai do alimento quente. Aspira com vontade e solta o ar devagar.

— Hum, dona Rose, sempre com a mão boa no tempero — elogia Antenor. — Providencie um limão graúdo e me traga a garrafa da melhor aguardente da casa, pois não estou mais de serviço. Hoje, eu e o meu amigo Jeremias vamos beber um gole com gosto, porque terminamos o trabalho.

A mulher providencia o limão, o litro de aguardente e os copos. Serve à mesa e é convidada a se sentar junto e ajudá-los a esvaziar o vasilhame.

— Certamente, não recusarei tamanha cortesia — diz a mulher, tomando assento. — Ademais, estou caída com a peça que o destino nos pregou e careço de tomar um gole forte para me sacudir por dentro e me fazer esquecer a lástima trazida com a morte do grande homem que ontem foi tomado ao céu. — Derrama um pouco da cachaça no chão, para o santo, e emborca o copo na boca. — Essa é boa para cortar a dor.

Com longas histórias e lamentos, permanecemos na taberna até o almoço. Ao final da segunda refeição, agradecemos e nos despedimos da senhora Rose com um aceno. Antenor a cumprimenta com um gesto mais educado, beijando a sua mão como um verdadeiro cavalheiro faz a uma dama, anunciando que pela manhã partiremos os três em viagem para Maceió.

— Nem tudo em vocês partirá — diz dona Rose. — Ficarão as lembranças de uma gente tão distinta e a esperança de um breve retorno. Eu estarei aqui, procurando forças para me reerguer desse baque. Afinal, sabemos que — ela se entusiasma — nem tudo se perde na demolição. Ainda podemos reencontrar alguma coisa boa sob os escombros.

A hora do sepultamento se aproxima. Subimos a colina de volta à igreja e percebemos que a multidão já ocupa todos os espaços no ritual de exéquias. A carroça fica distante do pátio e seguimos o resto do caminho a pé. Nesse instante, ouvimos o sino. Os dois meninos maiores se revezam na corda do badalo, fazendo o instrumento chorar suavemente a dor da perda.

O ataúde deixa a igreja, sendo levado em suas alças por seis homens da paróquia. À frente, o padre Santino conduz o cortejo, a passos lentos, e após o caixão, as mulheres da igreja cantam, rezam e choram numa mistura de sons emocionante. As carolas carregam flores de colônia, dando ao momento o suave frescor de chá.

Ponho-me ao lado de Antenor a observar a cena, experimentando uma conjunção inexplicável de sentimentos. Sinto a tristeza de perder um pai e a alegria de ter encontrado outro; a dor da saudade e o alento das boas lembranças; a angústia da despedida e a satisfação de ter contribuído com aquele exemplo de homem enquanto ele precisou de mim. Não sabendo o que se diz em um

momento desses, permaneço calado, olhando o caixão sendo conduzido à cova. Então, nessa hora apenas choro, choro bastante.

Os populares se afastam deixando um estreito caminho por onde segue o préstito solene. Apesar de ser um trajeto curto, o corpo leva bastante tempo para romper a multidão e chegar ao local do sepultamento, uma cova providenciada no cemitério da igreja, com alvenaria levantada pelos irmãos Cosme e Damião e pintada com a cal viva. O marceneiro fora chamado para confeccionar a cruz de madeira e talhar na barra as iniciais do nome do reverendo, os anos de nascimento e morte e a indicação bíblica: 2Timóteo 4,7-8.

Percebo a ausência do delegado entre as pessoas que rezam enquanto o corpo é inumado. Olhando para os lados, não o vejo. E seria fácil localizá-lo entre os demais pela sua estatura, caso ele estivesse presente. Desde a volta do almoço ficamos juntos, mas nos afastamos sem querer em meio à multidão. Lembro-me que corri para seguir o cortejo e ele ficou para trás.

Aproveitando que Santino está ocupado na condução do ritual, e antes que ele volte à sala paroquial para atender e consolar os fiéis, o delegado procura na escrivania um jeito de acessar as anotações da igreja. Deve haver algum registro de doação de recursos do exterior, talvez de francos recebidos por François de missão estrangeira ou amigos franceses. Dinheiro que pode ter sido desviado por Santino para custear o suborno acordado com o subdelegado.

A gaveta está fechada e a chave não se encontra fácil. Antenor observa que no claviculário na parede há apenas chaves grandes, de porta. Ele continua cascavilhando entre os papéis, embaixo de um jornal velho, no vaso, dentro de um pote na cristaleira, mas nada da chave. Volta a olhar o Jornal Gutenberg de folhas amareladas, datado do final do ano anterior e nele localiza, entre propagandas de elixires e lojas de aviamentos e fazendas da moda, um trecho sublinhado no aviso de viagens no vapor da empresa de navegação Lloyd Brasileiro, e na mesma página, escrito em letras cursivas bem delimitadas, uma anotação feita à mão com a lembrança para a compra de duas passagens com destino ao Rio de Janeiro.

Pela janela, Antenor percebe que os fiéis começam a se dispersar e logo o pátio fica esvaziado. Sem encontrar o que procura ou

qualquer pista relevante, ele suspende a espionagem e volta ao seu quarto para organizar as anotações.

O prior retorna à sala paroquial, sem notar qualquer alteração nas coisas. Os serviçais se dirigem ao anexo, os noviços e os meninos se recolhem ao alojamento e eu vou com eles para anunciar a minha despedida. A reação parece de indiferença, mesmo assim nos abraçamos e eles não perdem a oportunidade para bulir comigo com brincadeiras engraçadas. Esse se torna o nosso melhor momento de convivência, até agora. Falamos das memórias e rimos bastante até a hora de dormir, esquecendo um pouco as incertezas da vida e a tristeza que nos abate.

No quarto superior, Antenor não se esquece de colocar a arma sob o travesseiro, dessa vez ao alcance das mãos, temendo a volta do agressor, caso não tenha sido apenas um pesadelo. Ao menos essa noite espera conseguir dormir direito.

4.

Nunca me aconselhes coisas vãs

Pela manhã, esperamos o prior Santino concluir a sua reza para fazermos a despedida. Quando ele abre a porta da sacristia e aparece no umbral, eu peço a sua bênção e saio em disparada para uma derradeira olhada na sepultura do padre François, onde coloco uma última flor, colhida ali mesmo na ribanceira. Enquanto isso, o delegado Antenor segue conversando com o religioso para acertar o pagamento das despesas, em ajuda à caixa de caridade da congregação. Feito o acerto, Antenor estende a mão em despedida, sendo correspondido por Santino, que a aperta e lhe deseja uma boa viagem de regresso à capital.

— Obrigado, reverendo Santino. O senhor tem um belo templo para dirigir e uma comunidade de pessoas maravilhosas para cuidar — comenta Antenor. — Desejo-lhe sabedoria e parcimônia no seu labor. Espero confiante que o senhor use de tolerância com esse povo abandonado pelos governantes e carecedor de ajuda e misericórdia. Sigamos o exemplo do padre François.

— *Nunquam suade mihi vana* — proclama o prior. — Vosso conselho é escusado, pois eu sei bem o que me cabe fazer aqui. Cada um

de nós recebeu uma missão e cada um de nós sabe como desempenhá-la a contento. O padre François tinha um dom, eu tenho outro e o senhor também outro. Sejam os nós, nós mesmos. E sigamos apenas o Pai.

Não é de admirar que o prior não aceite conselhos, nem a referência de vida simples e dedicada do padre falecido. Santino sempre deixou transparecer um ponto de incômodo e inveja com a popularidade alcançada por François. Quanto ao envolvimento com o pobre povo abandonado, na sua concepção, pastor e ovelhas não podem se unir sem restrições, como pensava Grotius, pois são de naturezas distintas, desde o Gênesis, como céu e terra. Querer alterar a ordem das coisas é uma agressão ao Criador.

Aparecem os dois jovens estudantes, interrompendo a conversa. Ambos também se apresentam ao reverendo em despedida, carregando malas e livros. Param na calçada e tomam a mão do prior em ósculo de reverência. Eles seguirão ao centro da cidade na carroça conduzida pelo cocheiro Damião e de lá tomarão um carro alugado com destino a Maceió. Euclides Neto retornará à casa dos seus pais, enquanto Thomas irá ao ancoradouro, aguardar o vapor que sai do Recife, faz ponto em Maceió e segue para Salvador, Vitória e, finalmente, o Rio de Janeiro, onde ele reencontrará parentes da parte materna e terá abrigo para seguir os estudos.

Na partida, acenamos aos dois, que respondem com o mesmo gesto, e então saímos na frente. O espaço limitado do carro e a tração de apenas um animal não permitem ao delegado oferecer carona aos rapazes, embora sigam ao mesmo destino.

Fico imaginando que a saída dos seminaristas preocupa o prior Santino, que vê indo embora duas importantes fontes de receita. Agora, terá que planejar a melhor forma de preencher os leitos vazios, bem como estabelecer uma maior atribuição de funções às crianças, em substituição aos rapazes, nos ritos litúrgicos da igreja.

— Preparado para a longa viagem? — pergunta-me Antenor, ajudando-me a subir no carro. — A cada dia percorreremos cerca de seis horas de chão e poeira, com intervalos a cada duas horas para o cavalo descansar — ele explica a jornada — durante os três dias de passeio.

— Ao final de cada tarde, eu desencilho o animal assim que chegamos em cada hospedaria da estrada — complementa Jeremias. — Já os seminaristas, se conseguirem um carro com dois cavalos, ultrapassarão a gente ainda no primeiro trecho do percurso e talvez nem os encontremos mais pelas casas de hospedagem para dividirmos o café e as conversas noturnas.

No primeiro trecho do trajeto, Antenor nos conta de suas noites mal dormidas no quarto da pensão e na cela da igreja. Também fala dos entraves com o prior e nos distrai com suas histórias de vida na investigação de muitos crimes em sua atividade profissional.

Nos trechos seguintes, a viagem ocorre conforme o roteiro previsto por Antenor e Jeremias. Chegamos à cidade grande ao final do terceiro dia e seguimos por uma extensa rua calçada, repleta de lojas e armazéns. Por conta do avançado da hora, as lojas estão fechando as portas. Entramos em outra rua menor, de bonitos casarões e sobrados em ambos os lados, e no final dessa pequena rua o veículo para em frente a uma casa enorme, com jardim e gradil.

O condutor desce e abre os portões pesados, puxando o cavalo para dentro da propriedade, depois volta para fechá-los. Com o barulho dos portões, a porta da casa se abre e surgem crianças gritando de felicidade e uma mulher sorridente. Antenor desce e abraça cada uma daquelas pessoas, enquanto Jeremias retira a mala do carro e a põe no terraço, próxima ao patrão.

Jeremias me pede para sair do carro, explicando que precisa levar o animal para a cocheira. Então desço e permaneço ali parado, observando o grupo que continua se abraçando em alegria. Instantes depois, uma das crianças aponta o dedo para mim e pergunta ao pai quem ele trouxe consigo na viagem.

— Ah, esse é o Severino — apresenta-me à família. — Crianças, vão até lá e falem com o Severino.

Três meninas se aproximam e começam a fazer perguntas. Muitas perguntas ao mesmo tempo que nem consigo responder a todas elas. Um menino de pouca idade permanece agarrado à perna do pai, enquanto as três garotas me cercam. Duas agem timidamente, porém a mais velha se mostra extrovertida. Nessa curta conversa com as filhas do delegado, uma diz ter a minha idade, 12 anos,

a outra tem dez, a terceira tem oito e o menino, agora nos braços da mãe, tem apenas quatro. Ana Lúcia, Ana Cecília, Ana Carolina e Antônio.

A mãe, Amália, faz o convite para que todos entrem na casa. Já na sala de estar, as crianças sentam-se em volta do pai e continuam conversando e rindo, enquanto uma senhora parda e forte aparece equilibrando uma bandeja e serve copos de refresco e fatias de bolo. As quatro crianças são primeiramente servidas e em seguida os dois adultos, que recusam o lanche. Com poucas mordidas, Antônio devora o bolo e ensaia um choro, pedindo outro pedaço, sendo repreendido pela mãe, que pede ao filho para ter compostura na hora de comer. Diante da insistência do garotinho, Amália lhe promete outro pedaço e autoriza a empregada a atendê-lo, que assim procede, numa volta rápida da cozinha trazendo mais uma fatia e a jarra de refresco para encher os copos rapidamente esvaziados. Feito isso, ela regressa à cozinha com a bandeja vazia.

— E você aí, pode acompanhá-la, rapazinho — informa a bela senhora Amália, ainda sorridente e externando a sua felicidade com o retorno do marido e a reunião em família. — Vá até a copa que Oleta vai lhe dar refresco e bolo — fala em voz elevada para que a empregada possa ouvi-la da cozinha, sendo assim desnecessário emitir uma ordem à mulher, que a ouve e imediatamente começa a encher um copo e a cortar a fatia do bolo, numa espessura bem menor que as anteriores servidas às crianças. — Oleta, não deixe que ele suje nada. Não quero um único farelo no chão para não atrair formigas — orienta a senhora, inclinando a cabeça para nos espiar na cozinha.

Recebo o meu pedaço na mão e puxo a cadeira para me sentar, quando Oleta, incontinentemente, repreende a minha ousadia:

— A gente não come nessa mesa — avisa a mulher. — Se quiser se sentar, tem tamboretas ali. — Cautelosa, aponta para a área externa da casa, no quintal. — E tome cuidado para não sujar o chão. Você ouviu a dona Amália.

Prefiro ficar em pé mesmo, depois de tanto tempo sentado na viagem. Seguro a fatia com cuidado para que não caiam migalhas por entre os dedos. O bolo tem sabor indescritível. Mais próximo

disso, só os biscoitos sequinhos da tia Zita. E o refresco, esse tem sabor inédito. Nunca tinha provado antes tal bebida, tão adocicada e ao mesmo tempo azeda, de alguma fruta desconhecida.

— Tá bom? — pergunta Oleta, percebendo como me delicio com o lanche, resultado do seu trabalho. Talvez esteja cobrando um elogio ou o reconhecimento por sua habilidade na cozinha. — É bolo de laranja e refresco de tamarindo.

Agradeço a ela pela merenda deliciosa e saio para examinar o quintal. Há algumas poucas plantas em um espaço nem tanto exuberante, se comparado ao infinito quintal da igreja, mas, ainda assim, é de tamanho suficiente para brincar, porém, não o bastante para correr até se cansar. Como as crianças dessa casa conseguem se divertir sem ter tanta área para explorar ou árvores para subir? Uma cerca de madeira separa esse terreno de outros quintais. Subindo em uma estaca para enxergar as áreas dos vizinhos, noto um cão enorme correndo em minha direção, então pulo de volta ao chão. O bicho feroz fica do outro lado da cerca, latindo sem parar e me ameaçando com avanços e recuos. Ouço Oleta gritando da cozinha, pedindo-me para não atíçar o animal. Penso ser melhor voltar para dentro da casa e assim faço.

Oleta imediatamente me encarrega de diversas funções na cozinha. Como faço esse tipo de trabalho desde sempre, não me importo e começo lavando a louça e os copos usados no lanche das crianças. Tomo todo o cuidado do mundo para não quebrar nada. Em seguida, ajudo a cortar e lavar os legumes para pôr no caldo que já começa a ferver.

A cozinha é bem maior e mais moderna que as que eu tinha visto, tanto a da tia Zita, quanto a da dona Rose. O brilho das caçarolas e dos caldeirões pendurados no teto chama a minha atenção, da mesma forma que o fogão de ferro, e não de barro, com portinhola para colocar o carvão, e não a lenha, tendo ainda uma abertura nos fundos por onde a fumaça segue para fora da casa, através de uma tubulação que transpassa a parede. Uma cozinha sem fumaça no teto, sem sujeira no chão e sem gordura nas paredes. E o piso é tão limpo quanto o chão da igreja em dias que antecedem as festividades.

Quando o jantar fica pronto, Oleta anuncia aos patrões e segue para dispor os pratos e talheres na mesa. Com a refeição servida, toda a família se senta e começa a comer após a oração feita pelo chefe da casa, que ocupa uma extremidade da mesa de jantar. O filho caçula se nega a ingerir e a senhora Amália pede socorro à empregada, que põe o menino nos braços e o acalanta com brincadeiras, fazendo-o comer os bolinhos de feijão amassados à mão e ensopados no caldo de legumes.

— Utilize a colher, Oleta! Ele precisa se acostumar a usar os talheres. Não é civilizado comer colocando as mãos na comida — repreende a mãe.

A família termina a refeição e se retira para a sala de estar, onde voltam as conversas e gargalhadas. Eu ajudo a empregada a recolher e lavar os pratos e só depois comemos juntos. Eu, Oleta e Jeremias nos sentamos em banquinhos fora da casa, no telheiro, olhando o verde vivo do quintal. Não deixo de notar que os nossos pratos são diferentes dos de porcelana usados pelos donos da casa. Também não usamos os mesmos talheres. Em vez de garfo e faca, comemos com colheres sem brilho algum.

Terminado o nosso jantar, limpo toda a cozinha com a vassoura de piaçava e espano os móveis, depois esfrego um pano úmido no chão, por determinação de Oleta, sem esquecer de estender esse serviço aos outros cômodos da casa, incluindo o banheiro. De volta à cozinha, fico com Oleta preparando mais comida para o dia seguinte, ao mesmo tempo que escutamos as cantigas de Jeremias, vindas lá do quintal, e, ao fundo, ouvimos os diálogos vindos da sala, onde Antenor e Amália conversam, entre os alaridos das crianças.

— Não precisamos de mais um criado. Além de ser uma boca a mais para comer, o garoto não tem serventia na casa — relata a mulher.

— É só uma criança, Amália. Se ela não ajudar, também não vai atrapalhar — argumenta Antenor, em tom pacífico. — Além do mais, ele é um garoto muito esperto. Pode me ajudar como recadista e auxiliar Oleta nos afazeres da casa.

— Não, não e não! Já bastam os criados que temos. De forma alguma aceitarei um estranho em casa. Antenor, trate de cuidar para que esse menino fique em outro lugar, não aqui.

— Deixe de implicância, Amália.

— Nossos parentes virão para a festa de Antônio e não podem ver um escurinho brincando com a nossa prole como se fossem coleguinhas — esclarece a mulher. — Você não se importa com a nossa imagem? Ao menos deveria se preocupar com as suas filhas. Não quero que convivam com um moleque como se fosse algo comum, tratando-o de igual para igual, aprendendo capoeira e coisas de gente de rua.

Ouvir esse diálogo não me deixa constrangido, por isso continuo guardando os potes de mantimentos como se não me importasse com a conversa. Por pior que possa parecer essa situação, ela não é estranha, pois sei que, mesmo com toda a opulência presente na casa, a condição permanece a mesma para mim e para os serviçais. A refeição, a dormida, o trabalho e o tratamento, nada muda para gente como nós, além do endereço.

— Resolverei o que fazer com ele quando voltar — decide Antenor.

Na continuação do caloroso debate ocorrido na sala, Antenor explica à esposa que não ficará em casa por mais tempo, pois precisa realizar outra excursão, dessa vez descendo pelo litoral sul até Penedo. Desse modo, no dia seguinte precisará sair pela manhã para relatar ao chefe de polícia os fatos investigados até agora e os encaminhamentos tomados. Por se tratar de assunto sigiloso, não irá à repartição e sim à casa do seu chefe imediato, em uma rua nas proximidades da praia, no mesmo bairro. E logo em seguida, assim que voltar da conversa com o chefe, seguirá em viagem e por isso lhe pede que a mala não seja desfeita, apenas trocadas as peças de roupa sujas por outras limpas.

— Já vai viajar outra vez? Pois saiba que não vou ficar com ele em casa sem a sua presença. De jeito nenhum! Não terei paz se esse menino estiver vivendo e dormindo sob o mesmo teto que os nossos filhos — protesta a esposa. — Leve-o consigo ou o colocarei para fora de casa assim que acontecer a sua partida. Você não lê os

jornais? Os seus próprios parceiros da polícia nos alertam todos os dias que as ruas de Jaraguá estão cheias de moleques como esse, tomando bolsas das senhorinhas e carteiras dos cidadãos. Acho que corremos riscos com gente desconhecida dentro de casa.

— Não seja assim, tão exagerada, minha querida.

Amália continua protestando, enquanto Antenor fica silenciado para não afrontar a descontente esposa ou por ignorar a sua tagarelice. Muitos e muitos minutos depois, terminado o serviço de limpeza dos cereais, guardados os mantimentos nos potes e passado o pano ensaboado nos móveis e utensílios da cozinha para retirar as manchas de gordura, dirijo-me ao quintal para recolher o lixo. E mesmo longe, ainda posso ouvir o som estridente da voz da mulher reclamando ao marido, cada vez mais irritada.

Já está escuro quando eu termino de catar as folhas secas no quintal. Aqui sou informado pela empregada que o banheiro que devo usar não é o interno, onde fiz a limpeza, e sim um pequeno quartinho de madeira ali mesmo no fundo do quintal, para onde ela aponta, onde também são guardadas as quinquilharias inservíveis da casa. Oleta informa ainda que a minha dormida será no mesmo quarto que ela, em uma cama que será improvisada com uma esteira forrada, para amortecer o impacto das costelas no chão.

Na manhã nublada do dia seguinte, Amália e as crianças saem para a escola da igreja. Oleta, que seguiria o grupo para rezar, recebe a incumbência de permanecer na casa, vigiando o patrimônio da família. Suas preces podem ser feitas de casa mesmo, como orienta a patroa, que determina que qualquer item desaparecido será descontado do salário dela, seja qual for o valor do objeto. Antenor sai logo em seguida, depois do café da manhã, indo despachar com o chefe de polícia em sua residência.

Final da manhã e todos já estão de volta. As crianças entram no quintal correndo com uma bola de meia e a cada chute dão boas gargalhadas e se espojam pela grama. Assim que me vê, a irmã mais velha, também a mais simpática, deixa a brincadeira e vem ao meu encontro, cheia de curiosidades. Ela me chama pelo nome e me pergunta com o que estou brincando, tendo me visto riscando o chão com uma faca velha.

A ferramenta foi encontrada por Oleta entre os cacarecos no depósito onde está localizado o banheiro dos empregados e me passada como instrumento de trabalho, para arrancar as touceiras de capim e deixar o espaço limpo, em condições de uso para as brincadeiras infantis durante o jantar de comemoração pelo aniversário do caçula. Antes que eu responda, que não estou brincando, mas sim trabalhando, a sua mãe a chama rispidamente:

— Ana Lúcia, venha já aqui, menina! — esbraveja Amália, enfurecida. — Entre já e tire essa roupa de sair, antes que a suje, e vista uma roupa de ficar em casa.

Alguns minutos depois, Jeremias bate palmas à porta e entra pela cozinha para avisar ao delegado que o veículo está pronto para a viagem. Antenor beija cada uma das crianças e abraça a mulher. A senhora Amália pede para Oleta preparar com brevidade três lanches de pão com carne para comermos no caminho.

— Vamos embora! — apressa o delegado, fazendo com que a empregada agilize no preparo do lanche e o embrulhe em papel. — Temos muito chão pela frente.

Já durante a viagem, Antenor explica o itinerário ao cocheiro:

— Faremos o primeiro pernoite numa estalagem no distrito de Barra de São Miguel. Amanhã espicharemos a tirada até Coruripe, chegando à cidade no meio da tarde. E de lá puxaremos para Penedo na manhã seguinte. Espero realizar os trabalhos em um único dia e assim poder retornar para casa, no mais tardar, no domingo à tarde — explica o delegado, falando em voz alta para ser ouvido pelo condutor.

O trote do cavalo no chão de terra batida e o rangido das rodas em atrito com o eixo são os únicos sons ouvidos na viagem. A capota recolhida do carro permite o contato da brisa no rosto, mas também da poeira jogada pelo vento. Paramos na estrada duas horas depois para o descanso do animal e para que a capota seja levantada pelo cocheiro, de forma a manter limpa a roupa do delegado. Aproveitamos a parada e devoramos o lanche ali mesmo, sentados no acolchoado do banco, bebendo água fresquinha no cantil. Fartos com o lanche e descansados, seguimos o curso.

— Está gostando do passeio, Severino? Poucos indivíduos têm essa oportunidade de conhecer outros lugares e pessoas — informa Antenor, mais uma vez mexendo em meus cabelos. E depois de um curto silêncio, complementa: — Não se assuste com Amália. Ela não é tão agradável, eu sei, mas não faz isso por maldade. As mães são assim mesmo e só pensam em proteger as crias. Bem lá no fundo, ela tem um bom coração.

A noite na primeira estalagem passa bem depressa que nem temos tempo para prosear. Cansados da viagem, dormimos os três ao mesmo tempo tão logo caímos na cama. O delegado em um leito fixo, eu e o cocheiro em lonas de cama de campanha. Antenor diz pela manhã que o esgotamento da viagem não o deixou sentir sequer o desconforto do colchão. Nem mesmo senti as muriçocas que nos deixaram com marcas de picada pelo corpo. Eu não percebo as marcas em mim, nem no Jeremias, porém o branquelo delegado está cheio de bolinhas vermelhas nos braços e no rosto.

— Porcaria de cama sem mosquitoieiro — reclama Antenor.

A noite seguinte, na segunda estalagem, é semelhante, com a diferença de o dormitório ser mais arejado e ter mosquitoieiros nas camas. Enfadados, dormimos direto e assim que acordamos só lavamos o rosto na bacia de água fria, para despertar, seguindo para a cozinha onde a dona da hospedaria nos serve um café fresco, fruta-pão e cuscuz ensopado em leite quente. Rapidamente comemos e pegamos a estrada para Penedo.

Entramos na cidade no início da tarde, na hora de retorno do movimento do comércio depois da sesta. As lojas reabrem as portas e os caixeiros, bocejando preguiça, começam a expor os produtos à vista dos fregueses. Nós nos afastamos do comércio e mais algumas ruas adiante chegamos ao nosso destino. Mal paramos na frente da delegacia e Antenor pinota da carroça avidamente e ligeiro como um corisco que risca o céu. Parece estar sempre inquieto e atrasado. Ele vai ao encontro do delegado local e, quando se veem, cumprimentam-se calorosamente. Falam de investigações passadas, trabalhos realizados em conjunto, pessoas comuns aos dois e autoridades conhecidas deles, enfim, tratam de questões triviais antes de abordarem o assunto principal.

A reunião é demorada e ocupa quase toda a tarde. Antenor observa alguns papéis sobre a mesa, lê certos documentos, abre umas pastas, fecha outras. E a conversa se prolonga com o chefe da delegacia. Outros funcionários entram e saem a cada instante. Uma mulher chega ao prédio e procura a recepção, anunciando que quer fazer uma queixa contra o marido que se encontra bêbado em casa, ameaçando-a e xingando todos da família e da vizinhança com palavras obscenas. Um policial pede que ela volte em outro horário, pois estão todos muito ocupados com uma causa mais relevante. A reclamante faz um muxoxo e deixa a delegacia praguejando, enquanto o policial se apressa em localizar alguns documentos para levá-los aos delegados.

— Toda essa papelada não acrescenta nada ao processo, além do que já sabemos sobre o sumiço da jovem Maria Paula. Por isso resolvi seguir uma linha paralela. Preciso de, ao menos, uma pista que me leve ao padre Paulino. Designe alguém para ir ao serviço de telégrafos enviar uma consulta às instâncias religiosas na tentativa de fazer a identificação de todos os padres que tenham adotado esse nome — solicita Antenor ao seu colega delegado.

— Vamos providenciar isso no menor tempo possível. Entretanto, caro amigo Antenor, que relação pode haver entre esse tal padre e a mulher desaparecida? Eu e alguns colegas que me antecederam na investigação desse caso não conseguimos avançar além dos fatos aqui descritos e registrados nesses processos que agora estão em suas mãos.

— Talvez tenham seguido pistas erradas por todo esse tempo — justifica Antenor. — É só um palpite — articula com cuidado para não desmerecer o esforço do colega. — Seguindo essa outra linha, posso descobrir o pote de ouro na ponta do arco-íris ou dar com os burros n'água. Só não posso ficar parado, pois a cobrança do chefe de polícia é demasiadamente forte e a minha cabeça pode rolar.

— Faz alguns anos que essa investigação deixou a nossa equipe em uma difícil encruzilhada — esclarece o delegado local. — De um lado, o comendador Getúlio, pai da mulher desaparecida, cobrando agilidade na investigação e a condenação do marido. De outro, a família do marido, com muita influência no meio jurídico, nos

pressionando a retirá-lo da lista de suspeição. Por fim, o processo foi engavetado e só agora reaberto por ordem do chefe de polícia, atendendo ao pedido do governo estadual, tendo o senhor como delegado especial do caso. Pois bem, espero que o amigo não sofra a mesma pressão que outrora nós sofremos aqui.

Um moço entra na sala e entrega algumas folhas, anunciando ser um telégrafo recebido da arquidiocese de Olinda, negando a existência de um padre chamado Paulino em sua circunscrição, e outro de Salvador, com apenas um nome de um religioso semelhante ao nome solicitado. Entretanto, a idade do padre baiano é bastante elevada e não permite a analogia entre os homônimos.

— Continuarei em minha diligência indo agora mesmo à igreja — anuncia Antenor, estando um pouco decepcionado com as investidas sem sucesso. — Caso surja uma nova informação, por favor, faça com que chegue às minhas mãos por meio de um dos seus agentes. — Despede-se do colega, dirigindo-se à saída da delegacia.

— É evidente que enviarei. Não se encabule com isso.

O padre Anselmo nos recepciona no salão da igreja e nos conduz ao seu escritório de capelania. Apenas o velho padre e o delegado entram e eu fico aguardando do lado de fora. Sem perder o costume e a habilidade da escuta, eu me aproximo da porta para ouvir trechos do diálogo. Declino do meu plano ao perceber que a porta é bem mais grossa e a sala muito mais ampla do que eu imaginava. Minha ideia de espionagem não funciona aqui. Cerca de meia hora depois, os dois saem da sala e Antenor agradece ao padre Anselmo a informação prestada, que na verdade é a falta de informação. Nenhum dado possível sobre a existência de um antigo padre com esse nome Paulino.

Por orientação do padre Anselmo, caminhamos até o casarão da família Baptista, onde ainda residem os pais da moça desaparecida, no caso investigado há dez anos pela polícia. A senhora Rubina aceita atender ao delegado e conversar sobre o sumiço da filha só depois de ser comunicada que estamos em sua residência por indicação do padre Anselmo.

— Foi o padre quem nos acudiu nos piores momentos dessa tristeza que se eterniza, dessa dor que nunca cessa. Não posso

deixar de atender a um pedido do reverendo Anselmo. Se não fosse uma solicitação dele, não perderia nem mais um segundo do meu tempo conversando com a polícia. E se fosse o incompetente delegado daqui, nem o deixaria entrar — declara a senhora Rubina, com certa indignação, abrindo a porta para a nossa passagem. — Entrem e podem se sentar.

Entramos em uma enorme sala, com piso em pedras quadriculadas, semelhante a um imenso tabuleiro de xadrez. O ambiente é mais extenso que toda a nave da igreja onde vivi. Sentamo-nos em um confortável canapé com almofadas fofas que quase me engolem. De tão grande a peça, meus pés balançam sem tocar o chão. Pendurado no teto, um lustre grandioso e cheio de cristais cria a sensação de estarmos em um palácio. E o medo de que esse troço possa cair sobre a minha cabeça me faz mudar de lugar no assento.

— Meu esposo, o comendador, não está em casa. Está em Piaçabuçu cuidando dos negócios. Ele mexe com rizicultura e nesse período fica meio sem tempo. Por isso eu mesma vou atendê-lo, doutor delegado. Antes, vou pedir que seja servido um café ao senhor e um quitute ao menino. — Dirige-se vagarosamente por um longo corredor e volta acompanhada de uma mocinha que pergunta se o delegado prefere café ou chá e o que eu quero para acompanhar o bolo.

— Café.

Eu peço refresco.

A senhora inicia a sua explanação, desde o casamento da filha e a vida infeliz com o esposo magistrado, passando pelas brigas conjugais e terminando com o fatídico desaparecimento. Descreve, ainda, todo o empenho da família para desvendar o mistério, criticando a inação das autoridades locais.

— Eu sei que o caso foi levado à polícia da capital, porém não devem ter seguido à risca a investigação. Ou então esbarraram na proteção ao juiz, o maldito marido dela. Pelo meu esposo, não tocávamos mais nesse assunto. Ele já se indispôs com tanta gente graúda da polícia e da política, da cidade e do estado, e até mesmo da República, que não consegue mais dialogar sobre essa tragédia. Eu ainda tenho a esperança de poder revê-la, chegando por aquela

porta, ou mesmo receber o seu corpo para poder enterrá-la de forma digna, no túmulo da família. Às vezes me pego chorando e então percebo que não consigo superar essa melancolia. O que me enche de tristeza é não saber o que aconteceu de verdade com a minha menina. Então, se o senhor puder nos ajudar...

A expressão facial da senhora é indescritível, numa mistura de tristeza, ódio e esperança. Enquanto ela fala, fico refletindo sobre a capacidade de algumas pessoas de praticar o mal por bem e penso que a cada noite há uns que não conseguem dormir diante do mal sofrido, enquanto outros não dormem planejando meticulosamente o próximo mal a cometer. Como não se indignar? A ação de um único malfeitor agride todo o sentido da civilidade.

— Sinto muito tocar nesse assunto, senhora Rubina — o delegado interrompe a fala da senhora e a minha reflexão —, no entanto, preciso lhe fazer uma pergunta delicada. — Coloca a sua mão sobre a mão trêmula da mulher. — O que a senhora acredita que tenha ocorrido? Eu assumi a investigação recentemente e não encontrei muitas anotações relevantes sobre o caso. Infelizmente, os investigadores que me antecederam não deixaram registros aprofundados para me guiar. Por isso, perdoe-me a indelicadeza da pergunta: a senhora suspeita do então marido de sua filha?

— Aquele traste de genro. Ele era bastante ciumento e desconfiado. Os dois andavam brigando muito — revela, enxugando uma lágrima por baixo dos óculos. — Ninguém pode tirar da mãe o direito de enterrar a sua filha e chorar por ela sobre a terra fria de uma sepultura. A minha Paulina sequer teve direito a uma missa, pois o padre, assim como as autoridades policiais da época, insistia que ela poderia estar viva.

— A senhora falou Paulina? — pergunta o delegado, bastante intrigado com a descoberta. — Li nos autos do processo que ela se chama Maria Paula.

— Maria Paula Sotero Baptista. Esse é o seu nome de batismo. Depois que tomou forma de mocinha, quando trocou o timão pelos primeiros vestidinhos, adquiriu a mesma aparência da avó, então passou a ser chamada carinhosamente, ainda na primeira infância,

de Paulina. Apenas nós da família a chamávamos assim, nossa pequena Paulina.

— A senhora pode descrevê-la fisicamente? Como é o seu rosto, o cabelo, a cor dos olhos, o nariz?

A mulher levanta-se com lentidão e caminha até a parede lateral da sala. Ergue o braço e indica um casal em um retrato emoldurado no alto. Depois aponta para outra moldura, um pouco menor, com vários rostos de crianças loiras.

— Essa aqui é a minha mãe, Paulina, ao lado do meu pai. Venha ver de perto. — Movendo a mão, faz um gesto pedindo que o delegado se aproxime. — Nesse quadro menor, a primeira criança do lado esquerdo é a minha menina Paulina. Veja como se parecem.

Os retratos, feitos à mão, tomam a atenção do delegado, dadas as devidas compensações na diferença de idade, não apenas pela semelhança entre as faces da senhora e da criança, mas, principalmente pela afinidade dessas duas imagens com a descrição da mulher encontrada morta na igreja. Cabelos dourados como fios de espiga de milho, nariz afilado, olhos castanhos claros, lábios finos e formato do rosto arredondado com bochechas de maçãs.

A senhora Rubina Baptista, percebendo os olhos brilhantes do delegado, pede que ele aguarde um momento e se afasta novamente pelo corredor. Com passos vagarosos, leva uma eternidade até o seu retorno. Eu termino de comer o bolo, o delegado acaba de beber o café, esperamos mais um bocado de tempo e finalmente lá vem a senhora com um estojo nas mãos. Senta-se em sua poltrona larga com a mesma lentidão da caminhada e abre cuidadosamente o estojo, como quem abre um baú de tesouro. Retira um punhado de fotografias e passa, uma a uma, de uma mão a outra até achar a que procura.

— Essa é a minha filha, no dia do sacramento da crisma. — Trata a imagem com carinho.

A relíquia é passada ao delegado, que a examina como quem percebe uma grande descoberta. É uma fotografia amarelada, tirada de daguerreótipo, com a imagem de uma linda senhorita de cabelos extensos e cacheados. Mesmo sendo uma imagem em preto e branco, percebe-se uma mocinha loira, com uma larga fita na



cabeça, um véu rendado caído nos ombros e roupas largas que a deixam aparentar ser gordinha. No sorriso, caninos tortos.

— Moça prendada, estudiosa, casou-se como uma princesa — a senhora fala como se descrevesse um conto. — Foi morar na pequena vila de Triunfo, no antigo Oitizeiro, onde a família do marido tem propriedades. Desde então, ela se transformou repentinamente. O casamento foi a sua prisão. Ela deixou as amigas, abandonou as irmãs, nem na feira a infeliz podia ir mais. Para sair de casa, só se fosse acompanhada por ele. E como ele nunca estava em casa, pois atuava como juiz de direito numa comarca do interior, ela vivia cativa como uma condenada. Tudo por causa dos ciúmes doentios de um marido dominador.

A senhora respira fundo, acalma-se e fixa os olhos na imagem da filha na parede.

— Certo dia, nós fomos visitá-la, pois já fazia uma eternidade que ela não colocava os pés aqui. Vimos marcas no seu rosto e nos braços. O meu esposo chegou a discutir com o marido dela e desde então deixamos de ir lá para evitar o conflito com aquele traste. E ele, por sua vez, a proibiu de vir nos visitar. Pode uma mãe ficar sem poder falar com a sua própria filha? Pois o marido sentenciou que ela não se reportaria mais aos pais, mas apenas a ele. O miserável a controlava em todos os passos. Coitadinha. Ela só ia de casa para a igreja e da igreja para casa.

Como luzes clareando as ideias, as palavras da senhora Rubina percorrem o juízo do delegado Antenor e esse quase dá um salto na minha frente, por pouco não assustando a senhora dona da casa.

— Precisamos ir nesse instante. — Apressa-se em tomar a mão da gentil senhora e agradece o delicioso café e as formidáveis revelações. — Espero muito em breve desvendar esse enigma e trazer notícias sobre a sua filha, ainda que sejam desagradáveis.

Nesse ato, o delegado já sinaliza à senhora o que pode ser revelado em momento posterior. Parece-lhe prudente deixar a mãe a par dos fatos investigados, mas sem trai-la com falsas expectativas. A revelação dos fatos, em conjunto, indica que a filha estaria com vida quando se noticiou o seu desaparecimento. Entretanto,

agora estaria morta. Em tempo oportuno, a verdadeira ocorrência será apresentada a essa mãe, ainda bastante desolada.

Deixamos o casarão quando o sol alaranjado está se pondo e caminhamos a passos largos na direção do rio. Em certo momento, preciso correr para poder alcançar o delegado, que já chega à porta da igreja aligeirado, feito um maratonista à linha de chegada. A passagem pela porta menor encontra-se aberta e adentramos o ambiente de pouca luz. Seguimos pelo corredor, enquanto os olhos se adaptam à penumbra, chegando perto do altar principal e assim avistamos o padre Anselmo, de joelhos diante de Nossa Senhora da Corrente.

— O que houve, meu filho? — fala o sacerdote, assustado. Ele levanta-se com visível esforço, sentindo o peso da idade, apoiando-se no genuflexório e se segurando no delegado, que ainda respira ofegante da rápida caminhada.

— Padre, eu estava errado. Não era o padre Paulino quem eu devia investigar e sim o padre Santino. Fale-me sobre ele.

Santino tinha informado que era de naturalidade penedense e, portanto, um religioso conhecido do padre Anselmo.

— Sim, o irmão Santino é pessoa amplamente conhecida nessa congregação e na cidade, por frequentar a igreja desde criança como acólito e na juventude como sacristão. Depois de formado no seminário, foi enviado como vigário a uma pequena igreja em Triunfo, distante daqui umas cinco ou seis léguas.

— Pois tenho que ir até essa igreja.

— Não compreendo o interesse do senhor na trajetória do irmão Santino, nem em que ele pode estar relacionado à investigação. Sempre foi uma pessoa decente — anuncia o padre. — Atinei agora que não tem sentido a sua busca em Triunfo. A capela desabou. Eu soube há poucos dias que os moradores do lugar e frades alemães estão iniciando a construção de outra igreja no local, inclusive criando um movimento que pleiteia a mudança de nome do município para Igreja Nova; e o padre Santino, pela sua habilidade de gestão, foi constituído prior, faz uns dez anos, e enviado para uma igreja no outro extremo do litoral do estado, onde está até hoje. Também fiquei sabendo recentemente que ele está sendo

transferido para a arquidiocese na circunscrição eclesiástica da capital federal.

Aparentando estar um pouco desnordeado com a notícia, o delegado fica perplexo e reflexivo por alguns instantes. Saímos da igreja e tomamos a direção da casa de hospedagem, às margens do São Francisco. No trajeto, Antenor revela continuar apreensivo, mas esperançoso em concluir sua missão o quanto antes. A possibilidade de desvendar o mistério do desaparecimento da mulher está cada vez mais próxima, bastando apenas confirmar alguns detalhes ainda abertos como feridas que não cicatrizam com o tempo, cujo sanativo está com o prior Santino, em Maragogi.

— Dormiremos cedo e partiremos no primeiro cantar do galo — determina Antenor, falando diretamente ao cocheiro, como quem ordena. — Saindo antes das cinco horas, chegaremos no domingo ainda em dia claro — calcula, franzindo a testa ao fazer as contas mentalmente. — Que chance temos se seguirmos direto até Jaraguá, percorrendo a faixa litorânea?

— Nenhuma, senhor. O cavalo não aguenta! Bem antes da metade do caminho ele exaustaria.

— Preciso ir com urgência fazer uma nova oitiva e domingo tem a festinha de aniversário do Antônio. — Fica pensativo, refazendo os cálculos. — Tudo bem. Paramos como de costume para preservar o animal — decide Antenor. — De qualquer forma, não dará tempo chegar à tarde para a festa, mas chegaremos pouco depois, à noite. Nesse caso, Amália vai me matar — sentencia, olhando para mim e sorrindo. — E qual a data do seu aniversário, Severino?

Respondo-lhe que não sei.

Na noite do domingo chegamos de volta à casa do delegado, como previsto por ele. Antenor entra para se banhar e trocar o terno empoeirado por uma roupa limpa. Eu vou para a cozinha e assim que surjo na porta a senhora Oleta me entrega a vassoura, ordenando que eu não fique fazendo corpo mole e me ponha logo a ajudá-la na limpeza da casa, começando pela sala, onde os convidados deixaram sujeiras espalhadas por todas as partes.

Reclamando do inferno que foi o seu dia de aperreio, a empregada não para na tarefa de tentar organizar toda a bagunça da

cozinha. Eu escuto as suas lamúrias durante o meu serviço na sala, onde fico encantado com um piano vertical e uma colorida parede inteira preenchida por livros. Uma estante enorme, de um canto ao outro, do chão até o teto. Continuo olhando os livros de diferentes cores, tamanhos e espessuras, todos acomodados em fileiras bastante organizadas.

— Está namorando os livros?

Surge o delegado, causando-me um susto danado. Respondo-lhe que estou admirando. Nunca vi tantos livros juntos. Ainda bem que não fui flagrado pela senhora Oleta, que já me puxaria a orelha, ordenando-me voltar ao trabalho.

Antenor passa os olhos sobre os livros da prateleira mais alta. Encontra um e o desencana da fileira.

— Esse é o seu presente de aniversário, seja lá em que data for. Chama-se O abolicionismo.

Eu nem sabia que livro tinha nome. Apesar de feliz com o presente, informo ao senhor Antenor da minha tristeza em não saber ler.

— Em breve você aprenderá. E quando isso acontecer, quero que sempre leia esse pensamento na lauda que deixarei marcada. — Faz uma pequena dobradura na ponta superior da folha e uma pausa para começar a ler um trecho da página selecionada. — Aqui, Joaquim Nabuco diz: “Por esses sacrifícios sem número, por esses sofrimentos, cuja terrível concatenação com o progresso lento do país faz da história do Brasil um dos mais tristes episódios do povoamento da América, a raça negra fundou, para outros, uma pátria que ela pode, com muito mais direito, chamar sua”.

As crianças aparecem na sala quando ouvem a voz do pai. A senhora Amália também chega e atrai todos eles para lhes mostrar as lembrancinhas recebidas pela criança. Dirigem-se para a outra sala, enquanto eu me ponho a varrer essa parte da casa. Até a hora de dormir, faço toda a limpeza dos cômodos, recolhendo o lixo, espanando os móveis e passando o pano umedecido. No quarto, depois de explicar à empregada que não furtei o livro, folheio cada página, encantado. Oleta reclama da claridade, então guardo o presente bem protegido no fundo do saco de roupas e apago a vela com um

sopro. No escuro, faço minha reza. É sempre assim: o Pai Nosso antes de dormir e a oração de São Bento ao acordar.

Assim que as crianças saem pela manhã para a escola, levadas pela empregada, Antenor se despede mais uma vez da mulher e segue para a varanda, onde eu e Jeremias o aguardamos. O condutor nos levará à estação central de Maceió, de onde seguiremos, Antenor e eu, no trem da Great Western à estação Una.

— Até breve, minha querida. Infelizmente, não tenho como evitar essa viagem.

— Você precisa mesmo ir? Você deve deixar essa função e parar mais em casa.

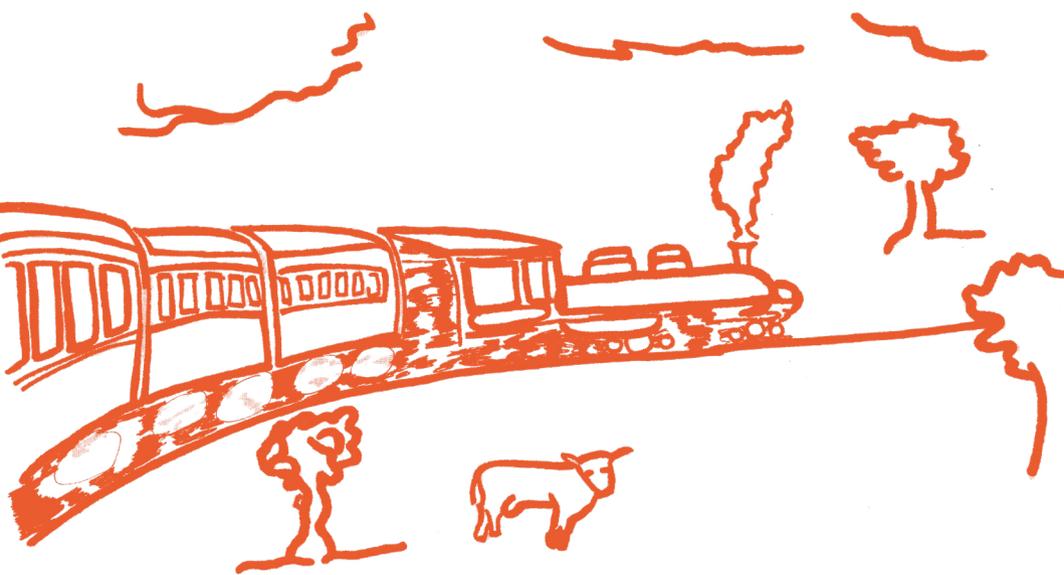
— Não reclame, Amália. Depois dessa missão, receberei do chefe de polícia, quiçá do presidente estadual, uma função mais apropriada. Por isso estou agora fazendo o meu melhor.

5.

É mal o que me ofereces

Antenor aproveita a passagem pela estação para comprar um *souvenir* vendido ali na calçada: um trenzinho de brinquedo, com detalhes trabalhados pelo artesão. Assim, o pai garante o presente do seu filho Antônio, compensando a sua ausência no jantar de comemoração do aniversário. A maria-fumaça em miniatura de madeira, com locomotiva e vagões, é uma lembrança acertada para alegrar qualquer criança, devendo provocar uma grata surpresa ao aniversariante. Ainda, encomenda ao artesão três bonecas de pano e paga um valor adicional para que o homem entregue os mimos em seu endereço. Ele agradece e logo subimos os degraus para a estação.

Entre embarques e desembarques, desde a partida no comboio puxado pela barulhenta e veloz locomotiva, até a chegada ao destino em charrete puxada a burro, são mais dois longos e cansativos dias de viagem e aventura. De Maceió até Palmares, o trem a vapor rasga os pastos e plantações de cana de açúcar que nem parece haver distância entre as árvores, açudes e morros que passam voando na janela. O movimento do trem sacoleja tanto que dá vontade de cochilar. Em Palmares, somos abordados por um carroceiro, ainda



na porta da estação Una, que nos oferece os seus serviços de transporte. Montamos na carroça coberta e seguimos até Barreiros, onde pernoitamos e na manhã seguinte pegamos uma barcaça no porto do mercado, singrando o rio abaixo até a várzea do Una.

A calmaria da água nesse trecho nem lembra a violenta enxurrada que devorou Branquinho algum tempo atrás. Na saída no porto, Antenor arrenda uma velha charrete suja e destinhorada, de qualidade inferior, porém é a única disponível no porto, estando as maiores e mais rápidas alocadas para o transporte de sacas de açúcar.

Aportamos na igreja ao entardecer e encontramos o prior recolhido na sacristia, guardando a túnica e a estola usadas na liturgia vespertina. Antenor, sempre açodado, emburaca porta adentro e saúda Santino. Surpreso com a visita inesperada, o prior arregala os olhos e paralisa os movimentos, esperando alguma explicação razoável do indesejado visitante.

— Padre Santino, o senhor pode me receber agora? Temos muito a conversar. — Aproxima-se o delegado, sem perder tempo. — Trouxe ao senhor notícias quentes de Penedo.

— *Sunt mala quae libas.* — O prior procura a cadeira e se sustenta nos móveis até se sentar. Parece não suportar o peso do próprio corpo sobre as pernas. — Hoje não. Estou esgotado. Amanhã falaremos sobre as suas descobertas.

— Precisamos conversar ainda hoje — anuncia o delegado com o tom de exigência, fazendo valer a sua autoridade policial. — Não terá sido em vão o esforço da minha vinda. E amanhã pela manhã retomarei a viagem de volta, não me restando tempo para aguardar. O que constará em meu relatório, para o bem ou para o mal, dependerá do que conversarmos aqui e agora — determina. — Também estou ciente de que o senhor pretende partir para o Rio de Janeiro. Assim, antecipei a minha vinda para tomar o seu derradeiro depoimento nesse processo, antes que o senhor deixe o território de Alagoas.

Antenor arrasta uma velha poltrona de camurça desbotada e se coloca em frente à escrivaninha do prior. Sem demora, revela ao religioso suas descobertas e diz saber de sua relação com a mulher

encontrada morta na igreja, criticando-o por ter omitido a verdade e declarando que a justiça será feita. Cita, ainda, a passagem bíblica que anuncia que os justos e os ímpios receberão o que merecem, ainda na terra.

— Provérbios 11, 31 — complementa o prior, com a voz trêmula e assustado.

— Entendo, desse modo, que o senhor conhecia a moça há muitos anos, pois viveram juntos na mesma cidade e frequentaram a mesma igreja. Posteriormente, tanto o senhor quanto ela foram para a cidadezinha de Triunfo, ainda nas proximidades de Penedo, onde voltaram a se encontrar às escondidas. Depois, ocorrem simultaneamente a sua saída da cidade e o inexplicável desaparecimento da jovem.

Ainda avexado, para não atrasar o seu compromisso e o plano de investigação, Antenor expõe o seu argumento, enquanto o prior escuta atentamente e atônito a anunciação da descoberta, que culmina na declaração de que a mulher foi assassinada pelo religioso. Suando frio e aparentando certo nervosismo paralisante, Santino não reage às acusações, congelado em sua cadeira diante da grave denúncia apresentada em detalhes pelo sutil delegado. Nesse momento, Antenor solicita ao acusado que se disponha a expor a sua versão dos fatos e logo me pede para fechar a porta e aguardá-lo fora da sala. Atendo depressa o pedido, mas isso não me impede de acompanhar a continuação do diálogo. Conheço bem as portas dessa sala.

— O senhor trouxe a senhora Maria Paula Baptista, de nome familiar Paulina, para viver aqui escondida e a tornou sua prisioneira, fazendo-a se passar por padre, com um disfarce permanente — declara o delegado, enquanto o prior se contorce na cadeira, revelando um grave desconforto, retirando os óculos e guardando-os na gaveta da mesinha, sem desviar os olhos do acusador. — O misterioso padre Paulino nunca existiu, não é verdade? O amigo de outrora foi sua engenhosa criação para esconder do mundo inteiro a sua amante e desviar a atenção das pessoas aqui da igreja.

Acuado e sem possibilidade de fantasiar qualquer explicação, resta ao prior Santino apenas as alternativas de descrever

verdadeiramente a história ocorrida ou tentar ganhar tempo para planejar outras narrativas falsas. E é à segunda opção que ele recorre, buscando convencer o delegado a só ouvi-lo no dia seguinte e insistindo na necessidade de repouso após um dia enfadonho.

— O senhor, enfadado? Não mais que eu, depois dessa exaustiva viagem.

Sem se intimidar ou esmorecer, o delegado insiste na urgência de tomar o seu depoimento e ameaça conduzi-lo à detenção pública da cidade, para evitar uma possível fuga, ou até mesmo levá-lo à força para a capital, expondo o seu crime a toda a sociedade alagoana. Argumenta que os jornais apreciarão tal exposição.

Após esperar ante a afronta de Antenor e sem acreditar que a ameaça possa ser apenas um blefe do delegado, Santino se põe a falar:

— O senhor está coberto de razão. Eu a conheci ainda na infância. Ela, filha de família de posses; eu, um coitado oriundo de família simples e submissa ao trabalho pesado no Velho Chico. O meu pai era pescador e a minha mãe lavadeira de roupa. Vivíamos em um cubículo perto do rio. Dos nove filhos, eu sou o mais novo, mas, diferente dos demais, a minha sorte se deu já no meu nascimento, quando os meus pais, com a intermediação do vigário Anselmo, tomaram por meu padrinho o comendador Getúlio Baptista, influente comerciante e produtor da região, respeitado por todos na cidade e com ampla circulação entre os católicos e na maçonaria.

Faz uma pausa para reorganizar o pensamento e continua:

— A família Baptista sempre foi muito carismática, com muitos afilhados nas redondezas — explica, falando pausadamente. Esfrega os olhos com a ponta dos dedos e boceja, demonstrando fadiga, e pega os óculos de volta. — Desde o meu batismo, o senhor Getúlio assumiu a responsabilidade de ajudar financeiramente os meus pais na minha criação. Também se encarregou de arcar com os meus estudos na escola confessional, quando fiz sete anos, e lá estudei com os seus filhos e filhas, incluindo a Maria Paula, ainda que em salas separadas. Como afilhado, eu podia frequentar a sua casa livremente, fazer um lanche depois da aula e brincar com as outras crianças, com a plena permissão do meu padrinho.

Tentando encurtar a conversa e chegar logo ao desfecho do caso, Antenor antecipa a pergunta central da investigação e questiona o religioso secamente:

— O senhor a matou? É o que me interessa saber agora.

— Sim, sim, eu a matei.

— Então, está confessando o homicídio? Preciso que relate agora como se deu esse assassinato e qual a motivação.

— Não, o senhor não está entendendo. Por favor, não me interrompa, agora que estou disposto a lhe contar tudo — exige o prior, fazendo um gesto com a mão para o investigador parar de falar. — Não, eu não a matei literalmente. Nunca faria isso à mulher da minha vida. Ou, de certa forma, sim, eu a matei quando a trouxe para cá. Ela foi morrendo aos poucos. A cada dia foi transformando a esperança em sofrimento. Ficou seriamente doente. Muito doente, por diversas vezes e de causas variadas. No entanto a tristeza era o seu mal maior, como o banzo de um escravo preso em um porão da nau.

Santino descreve o amor impossível e a sua luta interna e permanente, travada entre a dedicação à igreja e o sentimento reprimido por Maria Paula, vivendo a sua crise existencial e a dolorosa divisão da alma com a devoção e a paixão, como nos escritos de Eça de Queiroz, do padre Amaro convivendo com o dilema corrosivo que o colocava como o mais importante dos homens, por amar, e por esse mesmo amor, como o mais vil pecador. Paulina, por sua vez, carregada do sentimento de culpa, sofria constantes pesadelos com visões do inferno e sentia-se abandonada, isolada de todo o resto do mundo, torturada pelo silêncio. Estava pagando um alto preço por um amor platônico, no sentido de ser um romance impossível, de difícil aceitação pela sociedade, bem como por representar uma relação afetuosa e idealizada como uma amizade pura e sem maldades.

— Praticamente crescemos juntos. Convivíamos na igreja, no clube, na escola e na casa dela. Nós dois éramos mais próximos e mais ligados um ao outro que na relação com os nossos próprios irmãos. Sendo afilhado do senhor Getúlio e da senhora Rubina, passei mais tempo da minha infância na mansão dos Baptistas que na

vila dos pescadores, no humilde casebre dos meus pais. Na nossa adolescência, surgiram sentimentos estranhos que despertaram em nós um carinho romantizado que se sobrepôs à amizade.

O delegado ouve com atenção cada palavra dita agora, sem fazer interrupção ao inesperado relato do prior. Acostumado a tomar depoimentos dos mais variados tipos de gente, está habituado, em sua vasta experiência profissional, a colher informações também nas expressões faciais e não apenas nas mensagens verbalizadas. E por sua experiência, não pode duvidar da explicação daquele homem que abre o seu coração, mesmo em um momento de tensão, externando o seu sentimento de amor verdadeiro.

— Maria Paula era a filha predileta e carinhosamente foi apelidada pelos pais e irmãos pelo doce nome de Paulina. Na intimidade da convivência com a família, acabei me habituando a chamá-la de igual modo. Costumávamos ficar sozinhos, conversando, sem levantar desconfiança de quem quer que fosse, pois parecíamos irmãos. Isso perdurou até o dia em que fugimos da escola para tomar banho na praia do rio, quando fomos vistos por algumas pessoas desocupadas da vizinhança, dessas que passam o dia inteiro procurando um motivo para tratar da vida alheia. Daí as fofoqueiras maldosas da cidade espalharam o que viram e o que não viram.

Enquanto fala, Santino se mostra irritado com o ocorrido, fecha os punhos e soca a mesa, demonstrando a sua ira não curada. Então, procura se acalmar, ergue a cabeça olhando para o nada, respira fundo e volta a narrar:

— O pai da moça, quando soube no nosso namoro, primeiramente me ameaçou de tomar uma surra, caso eu voltasse a me encontrar com a sua filha. Em seguida, suspendeu o pagamento da escola, afastando-me das aulas, além de romper relações com os meus pais, acusando-os de serem coniventes com nossos encontros escondidos. Para evitar que a filha ficasse malfalada, ele a enviou para a casa de parentes em Porto Real do Colégio. Nas férias escolares, eu a esperava ansiosamente em cada embarcação que chegava pelo rio, mas quando, enfim, ela regressava, seguia direto para a casa dos pais, onde se mantinha reclusa e protegida pelos irmãos, terminantemente proibida de falar comigo.

Sem esconder a sua tristeza, misturada com revolta, o prior Santino explica que, pelo seu desempenho excepcional na escola e pela sua dedicação aos trabalhos da igreja, desde criança, como coroinha, a madre superiora e as freiras o permitiram prosseguir nos estudos, desde que continuasse atuando nos serviços de apoio ao padre e nunca infringisse a regra de total afastamento da família Baptista. Ele lembra, ainda, que a madre o advertiu que bastaria uma única reclamação do conceituado comendador para que ele fosse expulso da escola, independentemente do desempenho escolar.

— Quando ela terminou o colegial e voltou à cidade, o fato coincidiu com o meu internato e afastamento da igreja para me dedicar ao seminário. Poucos dias depois, eu soube do seu casamento e tive o segundo dia mais triste da minha vida. O primeiro foi quando ela se foi. — Soluça e contém o choro. — Mesmo sabendo do seu matrimônio com aquele sujeito, ainda assim, achei uma pontinha de felicidade, apegando-me desesperadamente à decisão de seguir a vida eclesiástica, fazendo o voto de celibato. — Comprime os lábios em esforço para não aparentar o desejo de chorar. As luzes dos candeeiros presos à parede se refletem nas lentes dos seus óculos e revelam os olhos lacrimejando. — Essa era a certeza de que os nossos caminhos estavam selados. Ela seguia para o matrimônio, com um magistrado viúvo, de bem mais idade que ela, e eu abraçava em definitivo a minha fé, em comunhão indissolúvel com a igreja.

Ele conta que, depois de ordenado, foi enviado a cuidar de uma pequena congregação nas proximidades de Penedo e por lá ficou em dedicação exclusiva ao seu rebanho. Após dois anos à frente dos trabalhos na capela, identificou Paulina e o seu marido entre os frequentadores de uma missa dominical. Conta que nesse dia percebeu que o amor por ela sentido não estava completamente morto e até sentiu ciúmes daquele homem que a acompanhava e se mostrava rude no trato com a esposa e indiferente às demais pessoas.

— Eu pensei que a tivesse esquecido definitivamente e não me importaria mais com o passado, até vê-la outra vez naquele dia. Minhas pernas tremeram, a voz embargou e quase não consegui concluir a cerimônia ao me reencontrar com o meu passado,

com um amor latente. Dias depois, em uma tarde qualquer, aquela mulher reapareceu na igreja, pedindo para se confessar. Ela me falou que tinha mudado para a vila há poucos dias e fez revelações estarrecedoras da vida que o marido a impunha, em condições humilhantes e de plena degradação para uma mulher tão meiga e distinta. — Repete o gesto de cerrar os punhos e dessa vez bate na mesa com mais força, externando o seu ódio ante a situação narrada. — Ela relatou que perdera um filho ao ser agredida em plena gravidez. Diante da violência do marido, a sua gestação não vingou e a coitada foi socorrida por parteiras em casa mesmo, impedida de ser levada a qualquer tratamento médico, além de proibida de revelar o fato ocorrido aos seus pais.

Antenor faz um movimento, como se quisesse interromper a fala do prior para fazer algum questionamento, sendo novamente parado pelo religioso, que levanta a palma da mão pedindo que ele espere. Na verdade, o delegado deseja apenas lhe oferecer um copo d'água e aponta para a jarra posta em uma mesa de canto. Santino movimenta o dedo em sinal de recusa e mantém-se concentrado em seu revelador depoimento.

Ao que parece, no fundo essa é uma oportunidade única de revelar o que o sufoca, o que por muitos anos o atormenta, carcome o seu juízo e o aflige em dor inesgotável.

— Desde o nosso reencontro, não consegui mais ser o mesmo. O amor reacendeu em mim e me mostrou o quanto ele é mais forte que qualquer desejo de esquecimento. Eu me senti no dever de ajudá-la. Assim, passamos a nos encontrar com frequência na igreja. E quanto mais nos víamos, mais sentíamos que a vida nos fez um para o outro, mas o destino não nos atendeu e atentou contra nós. Quanta raiva senti dos Baptistas, que preferiram a tristeza da filha ao lado de um rico a vê-la com um filho de pescador e lavadeira de ganho, um rapazote estudioso, porém, sem eira nem beira.

Santino parece mergulhado em mágoas quando se refere à família que decidiu a sua sorte e a da filha. O mesmo homem que ajudara na infância, também o tinha condenado a viver esse drama.

— Por dias e noites pensei em largar a batina e assumir o meu sentimento de homem. Também por dias e noites agi como um

covarde diante do meu amor e do medo da condenação da igreja, da justiça e da sociedade.

O religioso afirma que relutou bastante até tomar a decisão de fugir com Paulina. Arquetou a sua nomeação para outra paróquia e secretamente traçou um plano de fuga para a mulher amada. Viajaram separadamente e em rotas diferentes para se reencontrarem apenas quando chegassem ao local de destino.

— Com minhas economias, arrendei uma casinha no centro de Porto Calvo, onde ela permaneceu por quase cinco anos, discretamente, enquanto eu me dedicava a essa igreja e semanalmente ia visitá-la, disfarçado, sem despertar a atenção das pessoas. Eu costumava viajar à paisana e entrava e saía da casa sempre à noite, escondido de possíveis vizinhos curiosos.

Cansado e já impaciente com toda a história confessada, ainda que dramática, o delegado aproveita o descanso de fala do prior para questioná-lo sobre a morte da mulher:

— Infelizmente, não tenho tanto tempo para ouvi-lo nos detalhes, meu caro prior, mesmo sabendo do seu sofrimento. Por isso é preciso que o senhor trate de me falar apenas o que diz respeito à morte de Maria Paula, ou Paulina, como queira chamá-la.

Santino parece não se importar com a recomendação de Antenor e assim que toma fôlego recomeça a falar, pondo-se a descrever os fatos a partir de onde parou, sem abreviar a conversa, ignorando completamente o pedido do delegado.

— Alguns dias depois da fuga de Paulina, que saiu de casa para ir à igreja e nunca mais voltou, eu tomei conhecimento da crise que se instalou na região, pois de Triunfo até Penedo não se falava em outra coisa. O marido, pelo seu histórico de agressões, foi acusado de ter mandado assassinar ou de ter ele mesmo assassinado a esposa e escondido o corpo. — Emite um suspiro e um pequeno riso de sarcasmo. — Ele até que mereceu ser responsabilizado. Acredito que aquele carrasco, enquanto juiz, tenha impedido ou dificultado ao máximo as investigações para que a verdade não fosse descoberta e caísse no conhecimento do povo, preferindo que aos olhos da sociedade prevalecesse o benefício da dúvida de ser ele um assassino

a ser manchado com a vulgar fama de marido traído. O seu orgulho não aceitaria isso, jamais.

Pelo relato de Santino, o marido de Maria Paula era um sujeito ordinário, do pior tipo que alguém teria o desprazer de conhecer. Torpe e metido, só comungava com gente que fosse de sua laia. Ele diz que as beatas, em fuxicos dentro e fora da igreja, contavam que a primeira esposa do magistrado falecera misteriosamente, sendo ele suspeito de encomendar a morte da mulher por suposta traição. Com isso, vivia com medo de que a perfídia se repetisse com a nova esposa, tendo assim uma vigilância ostensiva e obsessiva sobre a pobre mulher. E a espancava cada vez que voltava para casa, por pura desconfiança. Também batia na mulher quando obtinha alguma má notícia no fórum ou nos negócios da família, descontando nela a fúria que sentia dos outros. Foi em um desses ataques que ele a fez perder o bebê.

A família do marido investira em plantações de algodão no agreste, enquanto o terrível magistrado, por falta de tato para a cotonicultura, tentou reproduzir a empreitada nas terras da família em Triunfo, tendo uma perda de grande vulto em dinheiro, pois o negócio não vingara. Depois desse fato, em uma das suas esporádicas idas para casa, espancou a mulher até que os parentes intervissem, salvando a vida da infeliz de uma anunciada execução.

O prior acrescenta que Paulina conheceu o marido quando fora estudar em Porto Real do Colégio, enviada pelos pais como castigo para que não se aproximasse de um garoto pobre. Em algum momento, a moça fugiu com algumas amigas para as festas carnavalescas em Piranhas, onde o juiz também estava se divertindo, logo após o falecimento de sua primeira mulher. Ele a cortejou e, obtendo reciprocidade, viajou à Penedo para pedir autorização aos pais dela para proceder o casório assim que a moça concluísse os estudos. O comendador cedeu de bom grado, como garantia de que a filha não se desgarraria pelo mundo afora, envergonhando a família em desonra.

— Por favor, reverendo, estou quase cochilando de tamanho cansaço que tenho a essa altura do dia. Até já escureceu — reclama, batendo nos braços para espantar os maruins. — Peço que o

senhor se atenha ao fato investigado. Diga-me, como a mulher veio a falecer?

Para quem antes não queria falar, agora o reverendo encontra-se disposto a contar tudo em detalhes, enquanto o delegado, que tudo queria saber, agora luta contra o cansaço para se manter atento às declarações do investigado.

Na continuação do depoimento, o depoente explica que, depois de alguns anos morando em Porto Calvo, a mulher passou a exigir cada vez mais a sua presença e a cobrar a sua decisão de deixar a vida sacerdotal. O prior então declara que foi preciso trazê-la para morar na igreja, para poder acalmá-la um pouco. E por isso tiveram que criar o disfarce do padre Paulino.

O nome foi sugerido por ela mesma para que não corresse o risco de, inventando um nome estranho, fosse traída pelo esquecimento e caísse em sua própria armadilha. Aproveitando a cegueira de catarata do padre François, o prior Santino fez a mulher trajar um hábito masculino e a apresentou como sendo um padre amigo, vindo do sul do estado e que carecia de ajuda.

Tendo sido o padre Paulino anunciado como um sacerdote doente e de poucas palavras, esse não precisaria conversar com François ou qualquer outra pessoa do local, evitando assim levantar suspeitas de sua verdadeira identidade.

— Parecia que ela não se importava com o meu esforço e queria sempre mais. Ela ameaçava ir embora e isso me obrigou a trazê-la para ficar perto de mim. Foi um imenso desafio criar um disfarce tão real e conviver com um personagem sem deixar vestígios.

Ouvindo a conversa e vendo a feição do prior pela fresta, fico imaginando o seu sofrimento, mas, fico muito mais sentido pelo sofrimento daquela mulher. Evidentemente, ela não poderia mais ir embora. Ela não seria aceita na casa dos pais, muito menos na casa do marido. Não lhe restava nenhuma outra alternativa a não ser permanecer submissa às condições impostas por Santino, reclusa em um cubículo e presa a um disfarce.

Não há amor que resista à mentira e nem esperança que suporte a agressão. Sendo assim, os sentimentos de Paulina foram minguando com os anos de esconderijo, corroídos pelo desgosto de

ter fugido da violência do ex-marido para cair no alçapão de um romance de adolescente que não existia mais.

— E quando finalmente ela estava aqui na igreja, convivendo comigo, as exigências continuaram. Nossa relação foi ficando difícil, enquanto ela adoecia mais e mais a cada dia.

— Eu entendo como são essas coisas do amor, reverendo — intervém o delegado Antenor. — Como bem disse em soneto o mulato Natividade Saldanha:

É amor, ó mortais, ainda menino,
[...]
Porém já é cruel, feroz, malino.
[...]
Envenena seu beijo viperino.
[...]
Domina o que é celeste, o que é terreno;
É doçura não sendo conhecido,
Conhecido, porém, letal veneno.

Boceja e esfrega os olhos.

— Eu adoraria prolongar essa nossa prosa, mas, como já lhe disse, estou bastante fatigado. De qualquer modo, compreendo a sua dor.

— Cada vez que ela me cobrava pelo cumprimento da promessa, eu me sentia mais angustiado e com medo de tomar a decisão de abandonar o caminho religioso, de largar a batina e iniciar uma jornada insegura. Eu não fui corajoso o suficiente para decidir viver com ela como um verdadeiro casal, sem mentiras — lamenta o prior, passando a mão sobre o rosto para enxugar lágrimas e suor.

Essa noite está mais quente, sem qualquer corrente de ar circulando na sala abafada. Antenor não se aguenta acordado e tenta encerrar a investigação, antes que a impaciência provocada pelo cansaço, pela fome, pelo desconforto e pelos insetos o domine inteiramente. É certo que sua mente, tão acostumada a memorizar cada detalhe das confissões feitas em interrogatórios, agora não consegue organizar as relações entre causa e efeito. Ele sabe que isso significa que é hora de encerrar o trabalho e repousar para aguentar-se na viagem de volta, assim que o dia amanhecer. Entretanto, o prior insiste em dar sequência ao depoimento.

— Foi a segunda vez que a perdi. E a dor da segunda perda está sendo infinitamente maior que a primeira. Desde que ela se foi de vez, com a triste morte, não consigo mais viver como antes. Foi por esse motivo que pedi transferência para outra congregação e assim fui agraciado pelo bispo com a autorização para viajar ao Rio de Janeiro, onde eu poderei olhar para outras paredes, outros gramados, respirar outros ares, porque tudo aqui está impregnado de saudade da minha amada, tudo me lembra a doce e afetuosa Paulina.

Ele também explica que costumava levar jornais diariamente à cela da amada para distraí-la em seu isolamento. Em um certo dia, a mulher leu o anúncio de passagens e cismou que os dois deveriam ir viver livremente no Sul do país, onde seriam meros desconhecidos, sem que fossem importunados por alguém. Essa exigência fez o prior reforçar a economia e desviar recursos da obra, falseando dados no caderno de notas, para pagar as passagens no vapor. A viagem acabou não acontecendo, o que a deixou ainda mais revoltada.

— E, finalmente, o senhor decidiu se livrar de um problema e a matou! — conclui Antenor, pronto a dar o caso por encerrado e dirigir-se à pensão para dormir o sono dos justos. Espreguiça-se, para endireitar a coluna, apronta-se para se levantar, mas o prior o interpela:

— Onde o senhor está com a cabeça, que não me entende? Eu já lhe disse que não a matei. Quantas vezes precisarei repetir isso? — protesta Santino, com visível irritação. — O que a matou foi a tristeza, o arrependimento, a desilusão. Ela não podia consertar o passado, tampouco sonhar o futuro, estando presa a um disfarce permanente que não lhe permitia ser mulher, nem mãe, nem esposa. Ela perdeu tudo quando perdeu a esperança. Restou apenas o medo. Medo de ser reconhecida, medo da punição, medo da vergonha, medo da rejeição. Por tudo isso, ela deve ter se matado. Pobre mulher.

— Não é possível! — intervém o delegado, negando a hipótese do prior. — O relato das marcas no pescoço da vítima indica homicídio. Posso solicitar a exumação do corpo e, apesar de não ser mais possível registrar as marcas, agora apagadas pela putrefação

da pele, poderemos identificar a quebra de alguma estrutura óssea provocada pela esganadura. Havendo fraturas, um bom perito vindo da capital desmentirá facilmente a sua versão.

— Isso não é verdade! — contesta o religioso. — Ela se matou, sim! Não há outra possibilidade. Pois eu não faria a ela o mal que o seu marido desejou fazer. Eu a retirei de sua casa e das garras de um homem rude e violento justamente para que isso não acontecesse.

— Bem, não tenho mais condições de continuar. Preciso atender ao meu corpo que só pede cama. Amanhã, durante a viagem de volta, transcreverei suas declarações e porei fim à investigação. De qualquer forma, o senhor tem larga parcela de contribuição no desfecho dessa história. Nela, não o vejo como vítima, mas como partícipe. *Suae quisque fortunae faber est.*

— O homem faz o seu próprio destino — traduz o reverendo —, concordo. E paga caro pelo livre-arbítrio.

Fico pensando na situação intrigante do prior, na circunstância contrastante em um mesmo ser. Um homem que ama, também é capaz de matar? Ou vice-versa? Se sim, pode esse sujeito ter sido feito à imagem e semelhança do Criador? Talvez eu não queira compreender que a maldade também é uma condição humana.

Procurando ser simpático, Santino oferece dormida ao delegado e coloca à disposição o mesmo quarto onde ele dormiu da última vez, ou mesmo qualquer outra cama. Há vários leitos vazios agora. Antenor agradece a oferta e de imediato a recusa, anunciando que dormirá no pensionato. O delegado não expressa o seu verdadeiro pensamento, mas, certamente acredita que seja mais seguro dormir na barulhenta e agitada pensão da beira de estrada a ter um possível reencontro com o seu pesadelo na bizarra cela da igreja.

Antes da saída, Antenor entrega ao prior um grosso envelope com notas e anuncia que o recurso se destina a cobrir as minhas despesas na igreja pelo resto do ano e que outros valores serão repassados seguidamente, em referência aos anos sucessivos. Também aproveita a ocasião para lhe passar algumas exigências sobre o trato comigo:

— O garoto Severino fica na condição de estudante, com direito a dormida confortável e sem ser sobrecarregado com trabalho

exaustivo. Espero que o menino seja muito bem cuidado e devidamente instruído na leitura e na escrita — recomenda Antenor.

Aguardo o delegado na porta, na saída da sala do prior, e vamos juntos ao restaurante de dona Rose, arriscar a sorte de ainda encontrar um prato requentado para forrar o estômago antes da dormida. Não demonstro a minha alegria com a oportunidade de poder estudar, para que o delegado não descubra que eu acompanhei o interrogatório às escondidas. No caminho, a charrete passa sobre os buracos da estrada no soturno da noite fechada, fazendo o burrico se contorcer de um canto ao outro sob os puxões da rédea. Que falta faz a habilidade de Jeremias na condução do veículo.

Chegamos à pensão e encontramos a porta aberta, mesmo no tardio da noite. Descemos do veículo ao mesmo tempo e nos dirigimos ao salão, onde alguns poucos homens se divertem sob o efeito do álcool e galanteiam as mulheres.

Dona Rose reconhece Antenor e se dirige ao nosso encontro assim que colocamos os pés no batente. Ela nos recebe com o seu habitual sorriso largo e estende as mãos para uma calorosa saudação ao delegado. Esse lhe pergunta de primeira fala se ainda resta algum manjar, mesmo que tenha sido sobra do jantar ou até mesmo do almoço.

— É evidente que sim. O senhor aqui tem tudo o que quiser. Pois ainda que não tivesse nada pronto, eu mesma faria na hora — esclarece, fazendo um afago ao cliente. — Escolha uma mesa e aguarde só um pouco que eu volto já, trazendo um manjar dos deuses.

Minutos depois, lá vem dona Rose com dois pratos esfumaçando.

— Deixe-me adivinhar... peixe de coco — ironiza o delegado.

— Exatamente — concorda a mulher. — Como adivinhou? Peixe de coco e cuscuz. O restinho que tinha deu exatamente para esses dois pratos. O seu e o do menino. — Deposita-os sobre a mesa. — Agora vou passar um café fresquinho. Ou preferem um refresco?

— Café.

Eu peço refresco.

Sorrimos do *déjà vu*. Dona Rose, sem entender, mas sempre com aura de felicidade, deixa-nos e vai providenciar o refresco para mim e o café do delegado. Ele pede que antes lhe seja servida uma

pinga. Explica que o café tira o sono, enquanto o álcool anestesia. Assim, poderá dormir melhor, sem se incomodar com barulho, clareza ou pesadelo.

Comemos rapidamente e, bastante afadigado, o delegado me diz que se recolherá para dormir, pois já de madrugada voltará para a sua casa. Como pai e filho, nos despedimos com um abraço fraternal e lágrimas disfarçadas.

— Quando você completar a maioridade, caso venha a precisar de um emprego formal para trabalhador escolarizado, pode ir à cidade me procurar. Será sempre um prazer ajudá-lo.

Não encontro palavras e apenas aceno que sim como a cabeça.

— Consegue voltar sozinho a pé até a igreja, nessa escuridão? — pergunta-me.

Confirmo que sim. Acrescento que não tenho medo da escuridão da noite. Sei que por essas bandas as pessoas têm pavor de assombração, mas quem vive entre mortos, vivos e santos, feito eu, perde esse medo desde cedo.

De volta à igreja, dirijo-me ao quarto dos meninos. É muito agradável reencontrá-los. Acendemos os candeeiros e ficamos a conversar quase a noite inteira, até o querosene acabar. O grupo está reduzido porque os dois garotos mais velhos fugiram, abandonaram a igreja assim que ocorreu a missa de sétimo dia do padre François.

Ficamos os cinco conversando sobre as novidades. Apresento aos colegas as roupas novas, um livro e algumas moedas que recebi de Antenor. Também lhes informo que ficarei na igreja na condição de estudante, com todas as benesses quitadas pelo delegado. Apesar disso, o que desperta mesmo o interesse dos meninos são as informações sobre a cidade grande, os casarões, as pessoas bem-vestidas, as charretes confortáveis, a viagem de trem, a comida farta, as meninas bonitas. Na conversa, cada questão levantada por eles ganha uma explicação minuciosa.

Em uma noite que parece infinita, conversamos bastante sobre tudo, principalmente sobre as pessoas ausentes. A saída dos garotos mais arengueiros nos deixa numa condição de maior aproximação e diálogo. Os meninos me contam dos fatos ocorridos, que

sucederam a minha saída, e eu falo das minhas aventuras, como se eu fosse um grande viajante. Revelo a eles que ainda me falta realizar o sonho de ir para o Rio de Janeiro, procurar a minha mãe Betina, e assim procederei muito em breve, quando estiver maior de idade e sabendo ler e escrever. Será quando também terei uma casinha com uma parede enfeitada de livros, como vi na casa do delegado.

Pensando bem, hoje eu não acho tão importante assim ter tantos livros, a não ser que sejam para decoração, porque se for para ler uma parede inteira, isso pode deixar a pessoa desajuizada, que nem Dom Quixote, de Miguel de Cervantes, que de tanto ler e pouco dormir, terminou ficando maluco. E como Antenor nunca foi maluco, creio que aqueles livros todos serviam para enfeitar a sala e presentear amigos. Por isso leio com moderação.

Na noite de muitas conversas e novidades, os meninos me contam da delinquência do Tigre Tião, que deixou a igreja na calada da noite, levando até a carroça, e se esbandalhou da moral e dos bons costumes, vagando pelas ruas da cidade nas farras e bebedeiras, cometendo pequenos furtos e vendendo os objetos adquiridos ilegalmente para comprar mais bebida, estando agora trancafiado na cadeia pública, sem que o prior apele ao subdelegado pela sua soltura. Ele deve mofar na prisão, caso a autoridade policial leve a cabo a orientação de Santino.

Essas explicações dos meninos me fazem pensar como o ambiente, antes calmo e pacato, transformou-se, em tão curto espaço de tempo, em um lugar de ojeriza. Fico pensando como a morte de um único homem destróçou todo um conjunto de gente. Agora, restam na igreja, além de mim, mais quatro garotos, o prior e os irmãos Cosme e Damião. Até a tia Zita, que vez por outra era vista em chamego com o marceneiro, foi com ele morar na vila e largou o serviço da cozinha. E sem a cozinheira, agora cada um é responsável por fazer a sua própria comida, exceto o prior, que encarrega um dos meninos, a cada dia, do preparo de suas refeições.

— Está tudo pior desde que o padrinho François partiu — reclama um deles, com a concordância dos outros.

Para agradá-los, relato que tenho dinheiro guardado. Recebi de Antenor algumas cédulas miúdas e moedas de 100, 200 e 400 réis,

da República dos Estados Unidos do Brasil, e até a nova, de prata, de 500 réis. Com elas, amanhã iremos os cinco almoçar no restaurante da hospedagem. Quero compartilhar com eles o prazer da comida farta, cheirosa e de sabor apetitoso servida naquele lugar. Ficam todos contentes e cheios de curiosidades sobre o que pedir, como se portar, quanto custará. Sentindo-me o mais experiente do grupo, apesar de ser o mais novo, faço explicações sobre a postura que se deve ter em um restaurante e procuro acalmá-los para esse feito excepcional de comer fora, em um local diferente da velha e habitual cozinha da igreja. Eufóricos com as novidades e o clima agradável de amizade, custamos a dormir com tanto paleio.

E quanto ao relatório do delegado, qual o resultado da oitiva do prior? Bem, eu explico agora o desfecho desse caso.

Sobre o resultado das investigações, Antenor revela no documento oficial a identidade da mulher encontrada morta no início do ano no pátio da igreja e encaminha o seu apontamento ao chefe de polícia, expondo a localização do corpo sepultado e a trajetória da vítima até o seu falecimento. O texto é reproduzido em cópia resumida, sem os detalhes da investigação, e enviado à delegacia de Penedo, que se encarrega de comunicar o fato à mãe de Paulina.

Uma semana após receber o resultado simplificado da investigação, a família Baptista chega a Maragogi, em uma condolente peregrinação para prestar homenagem póstuma à filha. Os pais de Paulina se surpreendem com o reconhecimento de Santino à frente da congregação e procuram obter dele explicações para o corpo da filha encontrar-se sepultado em sua igreja. O frígido religioso apresenta-lhes a versão inicialmente produzida pela polícia local, ainda com as conclusões do subdelegado Faustino, deixando transparecer aos familiares que tudo foi mera coincidência ou que o destino a trouxe para morrer perto dele.

— Dez anos após o sumiço e ela reapareceu justamente aqui, para morrer praticamente nos meus braços. Provavelmente, queria me reencontrar — diz o prior, propositamente enchendo de remorso o pai da mulher. Essa é a sua vingança.

A missa encomendada pela família é celebrada pelo próprio Santino. Na cerimônia, a mãe inconsolável se derrete em

lágrimas, caída ao ombro do esposo e acalentada por filhos e filhas. Consternado em ver o sofrimento de uma mãe que perdera a esperança de reencontrar a sua filha viva e vê-la regressando para casa, sinto-me na obrigação de retribuir a generosidade da senhora meiga que me recebeu em seu casarão de forma tão afável. Faço uma aproximação diante do grupo e sou reconhecido por ela, que me olha tristemente.

— Você é o menino que estive em minha casa com o delegado? Sim, é você mesmo. Quando o vir novamente, diga-lhe que, apesar da grande tristeza, sou imensamente grata ao seu trabalho. Ainda não sei exatamente como isso se sucedeu e como ela chegou aqui. De todo modo, ao menos a minha angústia de não saber do paradeiro de Paulina foi findada.

Ofereço de gratidão o melhor presente que posso doar: o meu fiel compromisso de florir diariamente o túmulo de sua filha, enquanto estiver sepultada aqui e enquanto as acácias e alamandas florescerem na encosta. Emocionada ainda mais, ela me abraça, agradece e pede que eu faça esse ritual até que o corpo seja desenterrado, quando os ossos serão levados para o túmulo da família em outro cemitério.

Dias depois, Santino faz as malas e, sem se despedir de ninguém, segue para Maceió assim que recebe a carta de remoção trazida pelo seu substituto. Na capital do estado ele embarca no vapor para o Distrito Federal, para atuar em outra congregação da mesma ordem.

Ainda no que diz respeito ao relatório da investigação policial, venho a descobrir, muito tempo depois, a atuação do delegado Antenor para poupar o prior Santino, não inserindo o seu nome nos documentos, nem no rol de suspeitos. E no laudo enviado à família, não consta a correta suspeição da *causa mortis*, nem o verdadeiro motivo da vítima estar sepultada no cemitério da igreja de Maragogi. A cópia do relatório recebida pelos Baptistas relata a ausência de provas que possam revelar um possível crime e menos ainda a sua autoria.

No momento de confecção do relatório, Antenor opta por não denunciar o religioso, compadecendo-se do seu sofrimento

amoroso. A sua preocupação durante o preenchimento do documento é descartar qualquer possibilidade de punir um possível inocente e por isso concede ao prior o benefício da dúvida, pois a denúncia de um crime passional, sem oferecer provas substanciais e com fulcro em meras suposições apenas, arruinaria definitivamente a vida do padre e não produziria justiça, visto que Santino pode vir a ser inocente na efetivação do crime.

Certamente, o prior tinha cometido muitos pecados, porém, Antenor tem dúvidas relevantes sobre o cometimento de um crime. À função policial não compete a denúncia de sacrilégios. Assim, o delegado, estando encarregado da missão de localizar a mulher desaparecida, cumpre o seu encargo, sendo isso realizado de forma competente. Por não ter sido incumbido de investigar um homicídio, mas sim um sumiço, Antenor consegue, com o resultado do seu trabalho na localização do corpo da vítima, agradar ao chefe de polícia, ao presidente do estado e aos Baptistas.

6.

Bebe tu mesmo o teu veneno

São três anos de aprendizagem na companhia dos meninos da igreja e de outros alunos da vila que frequentam as aulas sob a condução da senhora Marlene, professora contratada pelo novo padre para educar e alfabetizar as crianças. A senhora Marlene também se encarrega dos cuidados conosco durante quase todo o dia, tarefa que antes era de ocupação da tia Zita, que se dividia entre os afazeres da cozinha e a missão de tomar conta dos afilhados do padre François.

Nesse tempo escolar, aprendo o domínio da leitura e da escrita de modo a me destacar na turma, mesmo entre as crianças mais velhas e mais letradas. Aos 15 anos, findo o longo período de iliteracia, sinto-me capaz de ler, compreender, escrever textos e operar números. Isso é o suficiente para realizar o desejo de ganhar o mundo e seguir para lugares mais distantes, à procura da mãe Betina. Antes, preciso de um trabalho remunerado e as pessoas comentam que no Sul há bastante oportunidade de emprego.

A adolescência de um garoto pobre por essas bandas é muito traumática, quando a falta de condições materiais lhe impõe uma maturação antes do tempo natural, fazendo-o pensar e agir como gente grande. Esse desejo de tentar a sorte em outras partes vai se

concretizar em breve com a ocorrência de outros eventos que se desdobram a seguir.

O ambiente de convivência na igreja já não é tão agradável quanto fora no passado, sob a tutela do padre François. Apesar do relacionamento com os colegas ser descontraído e pacífico, a própria estrutura da igreja não é mais a mesma, pois encontra-se bastante precária com o afastamento dos fiéis e a redução dos recursos de manutenção, além do desânimo e da monotonia que tomam conta do lugar. Já não há mais a realização dos festejos e nem mesmo da quermesse. Os dias santos são marcados por uma missa simples e esvaziada.

Ao contrário de mim, que reclamo do marasmo do ambiente da paróquia, um dos colegas adotados pelo padre, o segundo mais velho que eu, de nome Maurício, afirma aos meninos que o lugar melhorou sobremaneira, desde que o pervertido Santino deixou a igreja. Confesso aos colegas que, apesar de não simpatizar com o prior, não entendo o sentido da declaração de Maurício. Então ele me pergunta quantas vezes eu tinha feito a limpeza no quarto de Santino. De pronto, respondo-lhe negativamente, pois nunca assumi tal função. Ele conta-me, em seguida, atendendo a minha curiosidade, que vez por outra um dos meninos era obrigado a obedecer à ordem do prior na limpeza de sua cela, momento em que era tocado, sob ameaça de ser surrado e mandado embora, caso revelasse esse sórdido segredo ao padrinho François.

— Bom para você ser negrinho — afirma o colega Maurício. — A gente não teve a mesma sorte. O outro Biu, depois de ter sido abusado, preferiu a morte. Fez a dura escolha de não voltar mais para esse antro.

As referências ao amigo Biu Branco e à covardia de Santino me deixam subitamente perturbado. Parece que de repente o mundo desaba sobre a minha cabeça e o tempo fica vazio, sem forma, sem sentido. Ou será que tudo agora faz sentido? Em um instante, a minha mente começa a girar e eu volto no tempo, vendo a correnteza do Una lavando a dor de uma criança. Recuso-me a acreditar em tamanha maldade que sentenciou à morte o meu amigo Branquinho. Vem sobre mim o sentimento de revolta, a vontade de gritar,

o desejo de vingança. Não sei bem como descrever o que sinto no momento, mas é algo monstruoso.

Enquanto divago, os colegas continuam falando, sem que eu preste atenção ao que dizem. Penso que, se Deus abomina tal atitude, deveria ter interferido para que isso não ocorresse. O livre arbítrio de um não pode se sobrepor à vida do outro, sem que haja uma intervenção divina. Será que o Pai confia cegamente no que acontece nas igrejas e deixa de olhar para essas pessoas? A revelação me deixa tão angustiado que me pego querendo corrigir Deus.

Sem saber direito o que pensar, tenho apenas uma certeza: mais do que nunca, preciso deixar esse espaço e viver outra vida possível. Decidido a ir embora, comunico aos colegas no dormitório que na manhã seguinte partirei sem demora, resolvido a não mais permanecer nesse ambiente vil. Organizo os meus pertences para a partida e sem muitas coisas para levar, acomodo tudo em um saco de lona. São apenas algumas poucas peças de roupa, o meu livro e o miaeiro de barro com as moedas que me restam.

Minha partida é adiada quando sou lembrado nesse exato momento que o corpo do padre François será exumado justamente amanhã pela manhã, 36 meses passados do tumultado. Como pude esquecer essa data? Trata-se do rito de retirada dos ossos da tumba e sua transposição para o ossuário. Seis meses antes ocorrera o exumo da filha da senhora Rubina e os restos mortais foram postos em translado para o cemitério de Penedo. Agora será a vez do desenterro de François, que passará a ocupar um nicho na parede interna da igreja, em cerimônia de devoção acompanhada de muitas homenagens. Ficarei para essa última solenidade, mas, logo em seguida, nada mudará essa minha decisão de ir para o mais longe possível, até chegar ao Rio de Janeiro.

No dia seguinte, homens da vizinhança escavam a cova até as pás tocarem o caixão de madeira. Sob a supervisão do novo pároco, acompanhado de lideranças religiosas da região, os devotos retiram a tampa apodrecida e observam em silêncio o esqueleto bem formado do finado François. Logo o silêncio é substituído por rezas, enquanto os homens suspendem o caixão para fora do buraco. Eu me aproximo, abrindo espaço entre os presentes, para contemplar a

cena. Ali está um ser reduzido a ossos. O corpo frágil e o rosto meigo já não existem mais. Ficam apenas as lembranças do que foi um homem bom.

Os restos das vestes são retirados vagarosamente, com todo o cuidado para não vandalizar o padre morto, mas isso não impede que algumas partes da ossada se desencaixem. Ao me aproximar um pouco mais, noto, a partir do local onde estou, o brilho refletido em uma peça abaixo do crânio do esqueleto. Preciso identificar o que é esse artefato reluzente dentro do esquite. Antes que os outros percebam o objeto que chama a minha atenção e antes que os ossos sejam retirados para serem envoltos em um tecido branco, quando então serão conduzidos ao ossuário da igreja, ofereço a minha ajuda aos homens envolvidos no trabalho e seguro o crânio com as duas mãos, descendo-as para pegar a peça que se encontra à altura da espinha cervical. Deixo o objeto escondido na palma da mão e aos poucos me afasto do grupo para observar o que localizei no caixão.

Um anel. O valioso anel do prior Santino. Mesmo estando sujo, é possível reconhecer a pedra dourada.

Por todos os motivos elencados para ir embora, não preciso de mais um. Entretanto, essa descoberta do anel revela ainda mais a crueldade do prior e reforça o meu desejo de esclarecer a verdade. Apesar dos pedidos dos colegas para que eu permaneça com eles, mantenho firme a decisão de deixar a igreja definitivamente, abandonando de vez a minha relação com esse ambiente mórbido. Prometo a mim mesmo nunca mais voltar a pôr os pés nesse lugar.

Vou para a várzea do Una. Depois de passar duas semanas de trabalho árduo no porto, finalmente consigo acumular recurso suficiente para viajar até a capital estadual, para reencontrar o delegado Antenor em sua residência. Consigo uma vaga em uma embarcação que leva açúcar e carne salgada para o porto do Recife e de lá sigo de trem até Maceió. Em todas as horas da viagem sou tomado pela tristeza e pelo desejo de fazer justiça. Mal posso esperar para revelar a minha maior descoberta ao delegado.

— Severino, como você está crescendo. — Antenor me recepciona indicando uma cadeira na varanda para que eu me acomode e



descanse do esforço da viagem. — Oleta, traga um copo d'água e uma fatia de doce. Temos visita — ele avisa à empregada, que antes de trazer a encomenda, olha da janela para ver de quem se trata. — Que novidade boa — revela o anfitrião, sem esconder a sua surpresa com a minha aparição. — Só esperava revê-lo daqui a três anos, quando tivesse maior de idade e à procura de emprego. Pois bem, o que o traz aqui? Aconteceu algo de errado para justificar essa sua cara de desconsolo?

Apresento-lhe o anel encontrado no caixão, junto aos ossos do padre François. Aviso que pela localização da peça, devia estar dentro da garganta do padre quando do seu falecimento, dando outra explicação à causa da morte.

— Aqui está, rapaz, a água e o doce. Coma, que o açúcar vai lhe dar energia. Você está mais crescido, quase um homem feito. Era tão chochinho quando estive aqui. Agora vai poder me ajudar bastante na cozinha e na limpeza do quintal, pois vejo que está bem mais forte.

Agradeço o lanche e o elogio. O fato de ter olhado pela janela, para identificar a classe do visitante anunciado pelo patrão, certamente foi decisivo para a empregada definir o tipo de copo onde a água é servida e a largura da fatia de goiabada. Apesar da fome e da sede, não ouseu pedir à mulher outro copo e mais uma fatia. Acostumado com o pouco, relevo o tratamento recebido de Oleta e atendo-me à conclusão da história do anel.

Acrescento que Santino tentou sufocar o padre François, enquanto esse dormia. O padre acordou assustado e mordeu ferozmente a mão do seu algoz, prendendo o dedo entre os dentes, quando o artefato veio a cair em sua garganta. Engasgado, o pobre faleceu por sufocamento. O prior fugiu sem dar falta do anel, apenas sentindo o ferimento na mão, percebendo só depois a perda do objeto. Declaro ser essa a minha versão.

Antenor ouve com atenção e depois me revela o que fez constar em seu relatório sobre o caso, ultimando que não há como alterá-lo.

— Severino, mais do que ninguém, eu sei o quanto você está desejoso em punir o prior. Entretanto saiba que nada mais pode ser feito. Sinto muito lhe dizer isso. É que o caso foi encerrado

e a suspeição não é prova suficiente para punir uma autoridade eclesiástica. Além disso, não sou mais delegado. Fui indicado a um cargo na administração federal. Aliás, estou com embarque programado para essa semana ainda, com destino a Santos. Eu vou precisar de um ajudante esperto e letrado. Quero que você venha comigo.

Ressentido com a postura do ex-delegado, apesar de grato pelo convite, reluto com a ideia de deixar para lá o crime do prior Santino. A falta de providência, ou indiferença, de Antenor me deixa encorajado a agir individualmente. Se para ele a relação com o caso foi algo estritamente profissional, a ponto de não se indignar com a falta de punição ao criminoso, para mim essa é uma questão de honra. O padre François merece o meu esforço para que se faça justiça contra o seu assassino. Procuo entender a posição de Antenor, de não envolvimento, porém, acredito que, nesse caso, o excesso de escrúpulo pode ser pior que o erro eventual. Por isso, decido aceitar o convite para viajar mais uma vez com ele, não para Santos e sim para o Rio de Janeiro. Digo-lhe do desejo antigo de reencontrar a minha genitora.

Esclareço que esse sonho ressurgue todos os dias na minha vida, assim como o sol de cada amanhecer. E todos os dias eu tento alcançar esse sol. Entretanto, quanto mais sigo em sua direção, ele se afasta e desaparece além, onde os meus olhos não alcançam. Imponente, logo ele ressurgue, no dia seguinte, retomando o mesmo caminho sobre a minha cabeça e fazendo-me voltar à caminhada. E ninguém, nem mesmo Copérnico, pode negar que ele parece circular sobre mim. Ele me lembra a cada dia que não posso parar de perseguir o que desejo.

Antenor concorda em me ajudar a realizar esse sonho. Nesses poucos dias que antecedem a viagem, fico em sua residência, onde não paro de trabalhar na cozinha, ajudando Oleta, e no curral, auxiliando Jeremias. Destaco que nesse período as crianças continuam proibidas de qualquer contato comigo, principalmente a extrovertida Ana Lúcia, vigiada pela mãe como se estivesse convivendo com um malfeitor dentro de casa. Eu a escuto de longe, nas aulas de canto e piano. Também ouço a senhora Amália, nos frequentes embates

com o marido, pondo-se sempre contrária à minha presença, tanto quanto ao plano do esposo de trabalhar no lugar que ela chama de porto da morte, devido aos inúmeros relatos de casos de moléstias advindas das condições de trabalho insalubre naquele local.

— Não estarei em contato direto com aqueles trabalhadores. Essas enfermidades são comuns aos peões que operam nas docas e nos armazéns — explica à esposa, afirmando que a sua função na gestão do porto o colocará em um escritório fechado, junto aos dirigentes em atividades burocráticas da aduana. — O recém-empossado presidente estadual, João Batista, sendo natural de Maragogi e tendo ouvido sobre o meu trabalho, indicou-me ao presidente Brás para essa função, graças ao meu empenho exitoso nos últimos anos. Não posso fazer a desfeita de recusar essa oportunidade — argumenta, com a serenidade que lhe é típica. — Além do mais, você e as crianças ficarão aqui, por enquanto, em segurança, até que eu encontre uma moradia apropriada para vivermos todos juntos.

Esse embate se prolonga até o dia da partida, quando seguimos, no meio da tarde, ao ancoradouro de Jaraguá, bastante utilizado na navegação de cabotagem, mas que se encontra praticamente vazio nesse turno. As crianças e a bagagem seguem na carruagem, que se arrasta vagarosamente pelas ruas, tendo Jeremias como condutor à frente do animal, puxando a rédea. Antenor e a esposa caminham de mãos dadas após o veículo. Eu os sigo por último, numa curta distância que ainda me permite ouvir as objeções da esposa à viagem do marido. Ando tropeçando nas pedras irregulares e mal niveladas do calçamento, com os sapatos novos que foram comprados em loja cara pelo amigo Antenor, assim como o terno de casimira, para que no porto eu não seja confundido com os trabalhadores das docas.

Ainda à tarde, antes do pôr do sol, subimos no vapor, enquanto as crianças ficam chorando em despedida no cais, acompanhadas da mãe que encharca o lenço em lágrimas. Olho para Antenor e o vejo também chorando, disfarçadamente, assim como outros viajantes a bordo do barco. Comparando as damas no cais e os cavalheiros embarcados, percebo o quanto as senhoras são mais livres e verdadeiras na expressão dos seus sentimentos, enquanto os homens se

privam da naturalidade, pois aprendem desde criança a disfarçar as emoções.

Após a despedida, com a partida do vapor, Antenor se junta no bar de bordo a alguns senhores que falam de investimentos, política e, principalmente, das questões decorrentes da guerra na Europa, como anunciam os jornais, e das histórias que contam sobre afundamento de navios. Eu prefiro não ouvir esses assuntos e saio para explorar a embarcação, percorrendo todos os espaços possíveis, desde a casa de máquinas, com homens escuros de carvão, responsáveis por girar a roda d'água e lançar fumaça escura pela chaminé, até o vão de cargas, onde me apaixono por um automóvel preto, transportado amarrado por cordas ao convés. Fico por uns minutos admirando o carro e sonhando um dia poder andar em um veículo desse.

Ainda em minha aventura exploratória, caminho em direção ao tombadilho, até que me deparo com a beleza das águas sendo cortadas pelo barco costeiro. Depois de alguns momentos de enjoo no primeiro dia embarcado e passada a vontade de vomitar, tendo encontrado esse refúgio na popa, passo a maior parte do tempo da viagem olhando a marca deixada no mar, o rastro da nau que desliza cingindo o continente.

— Vê o horizonte infinito? Parece uma tela pintada com os dedos do Senhor — resalta um tripulante, ao ver o meu encantamento com o mar. — Como perfeitamente expressou Castro Alves, na terceira estrofe de O navio negreiro:

Estamos em pleno mar... Dois infinitos
Ali se estreitam num abraço insano,
Azuis, dourados, plácidos, sublimes...
Qual dos dois é o céu? Qual o oceano?

O mesmo tripulante é responsável por anunciar a boa nova da chegada a cada porto. Em uma manhã nublada, quando a densa bruma começa a se dispersar, como cortinas se abrindo, mostrando uma natureza encantadora, avistamos a entrada para o continente, uma passagem contornada por um alto relevo irregular. E ele grita:

— Chegamos à Baía de Guanabara — anuncia o senhor da tripulação, em seu impecável uniforme branco. E as pessoas começam a se movimentar em preparação para descer, assim que o barco ancorar.

Entramos na enorme baía. Parecemos minúsculos quando acostamos ao porto do Distrito Federal, com toda a imensidão azul da água, cercada de exuberantes colinas verdes. Fico encantado com a vista das águas claras lavando os pés do colossal morro do Pão de Açúcar, como no rito devocional. No cais, avistamos muitas pessoas circulando de um lado para o outro, carroças transportando sacas de café e caixas de açúcar, trabalhadores correndo para cima e para baixo das muitas embarcações ancoradas. Tamanha agitação só vi antes nas festas e nas feiras. Até parece uma feira de embarcações. E eu que tinha pensado não haver nada maior que o porto do Recife.

Antenor me acompanha até a rampa. Diz que espera a minha visita em tempo oportuno e retira do bolso um maço de dinheiro, pondo-o em minha mão. Em seguida, dá-me um abraço de despedida com o desejo de boa sorte. Tento recusar o dinheiro, colocando o volume de notas de volta em sua mão. Algo que ele recusa.

— Aceite, rapaz. Não seja orgulhoso. Você vai precisar para os primeiros dias, até arranjar um bom trabalho — orienta-me. — Caso venha a precisar me localizar, estarei temporariamente nesse endereço. — Entregue-me um pedaço de papel com o endereço rabiscado.

Antenor segue para o porto de Santos e eu para o que o destino me reserva. Deixo a região portuária e saio caminhando pela cidade, sem orientação alguma de onde começar a minha investigação. Primeiro, devo localizar a mãe Betina; depois, acertar as contas com o prior Santino. Ou vice-versa. Contudo aqui é diferente do que eu pensava: na capital nacional há muitas ruas, casas, pessoas... Não é possível localizar alguém apenas perguntando sobre ela a um estranho. Na cidade grande ninguém conhece ninguém. Sendo assim, continuo peregrinando sem destino, carregando tudo que possuo no bisaco e um maço de dinheiro no bolso.

O primeiro dia de busca é em vão, sem conseguir obter qualquer notícia promissora. Então, sigo para áreas mais afastadas

procurando uma mulher negra chamada Betina, antiga escrava nas alagoas, quando sou orientado por populares a seguir para as regiões suburbanas. Segundo os informantes, gente assim não mais habita o centro, nem as redondezas mais próximas. Essa dica me faz percorrer a periferia e depois as áreas ainda mais remotas. Sempre sem êxito e com as finanças acabando, retorno ao centro à procura de qualquer trabalho remunerado.

Aqui tenho o meu primeiro encontro conflituoso com a polícia. Dormindo embaixo da marquise de uma loja, eu e um grupo de desocupados somos abordados por policiais truculentos que nos expulsam a cassetetes. Cansado de estar fugindo de rua em rua, de calçada em calçada, como em todas as noites anteriores de perseguição pelas forças policiais, que zelam pela limpeza da cidade, desde a eliminação dos cortiços até a expulsão dos flagelados, decido revistar, enfrentando um soldado magricela que havia me chutado em um ato covarde enquanto eu dormia.

Na confusão, vários outros praças aparecem do nada e sou conduzido à delegacia sob muitas cacetadas. Não fosse a dor da surra tomada, até que a dormida na cela da cadeia é melhor que dormir ao relento nas ruas da Lapa. Depois de outros socos e pontapés, sou dispensado pelo comissário de polícia assim que amanhece, porque o espaço na cadeia já não comporta tanta gente moribunda, detida por vagabundagem. As celas têm sido insuficientes para tantos negros e o custo com as refeições dos detentos onera sobremaneira o estado, como alega o policial, que cospe no chão e me manda desaparecer de sua frente antes que o cuspe seque com o calor do verão. Também me alerta para não cair outra vez, pois já estou fichado na polícia e a reincidência trará uma punição bem mais severa.

O preparo físico e a experiência no porto do Una me levam de volta à Guanabara, onde consigo um emprego provisório no armazém de estocagem de grãos. O salário de estivador é bastante singelo, não o suficiente para sequer pagar o aluguel de um quarto de dormida, o que me faz passar as noites no porto, com outros trabalhadores braçais, dormindo entre caixotes de madeira e fardos de estopa. Descoberta a minha habilidade com os números e capacidade de leitura, sou convidado pelo empreiteiro a assumir a função

de apontador. A elevação no salário me permite, finalmente, ocupar uma moradia modesta nos arredores, na subida da Providência, comprar uns livros no sebo e manter as buscas pela mãe Betina nos finais de semana, frequentando os terreiros.

Sempre de passagem em frente ao mosteiro de São Bento, no trajeto de casa para o trabalho e do trabalho para casa, sinto vontade de entrar para perguntar se alguém conhece o padre Santino. Entretanto, a vontade vai embora assim que lembro que agora a prioridade deve ser localizar a minha mãe. Também entendo que, em uma cidade gigantesca, onde as pessoas não conseguem identificar as outras fora do seu ciclo familiar e de trabalho, as respostas que terei sobre Santino serão tão somente as mesmas que obtenho no dia a dia sobre Betina. Acho que perdi o desejo de vingança e talvez seja melhor não o reencontrar.

No porto, a situação começa a piorar com o excesso de horas de trabalho para dar conta de tamanha exportação de alimentos para os países em guerra. Insatisfeito com a situação de precariedade de tantos camaradas, resolvo aderir e incentivar a participação dos demais na primeira greve nacional da indústria e do comércio. Ao mesmo tempo, começo a frequentar a organização sindical anarquista, em envolvimento com alguns sujeitos mais aguerridos na luta pela causa libertária, inspirada no movimento russo. Em meio às manifestações grevistas, sou abordado e carregado pela segunda vez à delegacia de polícia.

— De vagabundo a agitador — define o comissário, preenchendo o livro de ocorrência.

Na condição de enjaulado, como se fosse um perigoso animal, perco a esperança de sair, ao completar um ano encarcerado, sem direito a visita, tratamento médico ou julgamento algum. Apenas quando o surto da espanhola faz muitas vítimas na prisão é que sou mandado embora. Nesse período, com a idade de 18 anos, já não tenho mais o corpo forte como antes. Talvez tenha sido o efeito da má alimentação e do leite batizado com água e polvilho servido aos presos.

Na saída da prisão, carregando apenas uma tosse seca, como um tísico, caminho pelas ruas numa manzanza débil, sem rumo,

sem dinheiro e sem emprego. Certamente, o posto de apontador nas docas deve estar com outro funcionário alfabetizado, desde quando aderi à greve; e o quarto onde morava, passado a outro inquilino assim que deixei de pagar o aluguel. Procuo a praça do mercado, onde deve haver sobras de comida para forrar o estômago e um banco desocupado para esticar a coluna. Na banca, o jornal expõe como manchete a devastadora pandemia da influenza.

— O preço está pela hora da morte! — reclama uma dona de casa ao comerciante pelo valor abusivo cobrado. — O olho da cara por um livro de receitas — ela protesta.

Prossigo lendo as manchetes dos jornais expostos, sem entender por que alguém se interessa por livros de receitas ou revistas de moda. O piedoso jornaleiro oferta-me uma moeda e me manda sair da frente da banca para não impedir o acesso dos fregueses, ainda me orientando a tomar um banho no chafariz próximo à feira. Também me entrega um calhamaço de jornais velhos. Agradeço e me afasto dele. A moeda recebida não dá para pagar um almoço, nem mesmo daria para comprar o jornal do dia. Talvez compre um pão dormido.

No entardecer, procuro um banco desocupado, buscando ser mais ágil que os muitos mendigos que disputam a ocupação do assento. Do meu posto de repouso, aprecio o acendedor de lampiões que passa, na primeira sombra da noite, a alumiar as ruas. Busco na memória a lembrança do soneto *O acendedor de lampiões*, no terceto que expõe a sensibilidade social de Jorge de Lima. Diz o poeta:

Triste ironia atroz que o senso humano irrita:
Ele que doira a noite e ilumina a cidade,
Talvez não tenha luz na choupana em que habita.

Quando estou preparado para relaxar os ossos com a dormida, depois de me banhar no chafariz e ter engolido um pão seco, sou interrompido pelos agentes da prefeitura que começam a queimar piche e enxofre para desinfetar os espaços públicos.

Fugindo da poluição, regresso ao porto na esperança de rever antigos companheiros de trabalho e achar um canto para dormir

entre as sacas de grãos, sem correr o risco de apanhar e ser levado pela polícia outra vez. Grata a surpresa de reencontrar, dormindo ali, distante do cheiro tóxico do piche queimado, um dos antigos estivedores da empresa nas docas: Pedro, um rapaz preto, de estatura elevada e porte físico capaz de carregar, de uma só vez, até quatro sacas de açúcar na cabeça. Ele divide comigo um pouco de carne e farinha e eu lhe retribuo com jornais velhos que devem servir de travesseiro.

— Nunca pensei que o jornal fosse me servir de alguma coisa — ironiza o rapaz. — Eu nem sei ler — continua brincando, enquanto abre as folhas para simular um cobertor. — Quem é esse bigodudo que aparece no meu lençol? — pergunta, derretendo-se em risos.

— É o presidente Venceslau — respondo-lhe de boca cheia, enquanto devoro o restante da comida, que nem um animal faminto, rasgando a carne seca entre os dentes e jogando punhados de farinha na boca.

Nem lhe conto que a matéria do dia anterior trata das cobranças feitas ao governo para o enfrentamento à pandemia. Na mesma página, outra matéria cita o afundamento do navio a vapor Maceió, torpedeado pelos alemães. Centro os meus esforços em matar a minha fome imediata. Essa ação me faz pensar como a necessidade elimina qualquer regra de etiqueta. Imagino como a senhora Amália me censuraria se me visse comendo com as mãos, desse jeito. Também com as mãos, agora fechadas como uma concha, bebo água no balde, onde aproveito para lavar o rosto suado.

Pedro está deitado ao lado, coberto por jornais, com a cabeça encostada nas sacas de estopa, palitando os dentes como se acabasse de comer uma farta fatia de bife gaúcho. Para puxar assunto, pergunto-lhe dos demais companheiros das docas e sou informado da grande quantidade de demitidos, por conta da primeira greve nacional, e de mortos, em decorrência da gripe, que fez suas primeiras vítimas entre os portuários.

— Morreu tanta gente que até tem sobrado vaga de emprego. Tem até jumentos trabalhando aqui no carregamento das sacas de café, porque falta gente forte para o serviço pesado.

Pergunto-lhe se, nessas condições, eu posso pleitear uma vaga de emprego com o encarregado da empresa, assim que ele chegar pela manhã. E para a minha tristeza, Pedro afirma que o posto de apontador já está ocupado por outro operário letrado, como eu bem suspeitava, e que eu não tenho a mínima condição de aguentar o trabalho árduo das docas. De fato, a boa forma física é pré-requisito para a lida pesada de carregamento e descarregamento das embarcações com as sacas de grãos que circulam nos armazéns.

— Você é só couro e osso — afirma, sem meandro. — Chega a dar dó, coitado.

Desanimado com o meu infortúnio e sem expectativas de conseguir trabalho, dado o meu aspecto doentio, lembro-me da oferta de Antenor. Isso mesmo. Ainda me resta uma salvação, desde que consiga recursos para viajar até o porto santista, onde o encontrarei. Quem sabe? De repente, até consigo embarcar clandestinamente em um navio que siga para lá. Onde há tantas oportunidades para os muitos imigrantes vindos de vários países do estrangeiro, haverá chances para mim também. Caído em miséria, não tenho mais condições de girar a cidade à procura da mãe Betina, podendo ela até já estar morta, sem que eu tenha conseguido vê-la outra vez. Assim, a esperança de poder contar com um amigo em Santos me conforta e tento dormir dizendo a mim mesmo que amanhã será um novo dia, de gratas surpresas.

No instante em que estou prestes a pegar no sono, os burricos, amarrados nas proximidades, começam a fazer barulho quando se assustam com os latidos dos cães que correm entre os galpões. Os animais zurram pregando-me um susto medonho, o que me faz reclamar em protesto aos bichos danados, como se esses pudessem me entender.

— Não reclama com o burro, não — instrui o estivador, tentando ser engraçado e bulindo comigo ao perceber o meu susto. — E vá se acostumando, porque do jeito que as coisas vão, daqui a cem anos um desses será eleito presidente da República — profetiza.

Logo no início da manhã sou acordado pelo colega e mandado embora do porto, antes que o encarregado do serviço chegue

ao armazém de cargas. Também, preciso circular pela cidade para encontrar alimento e, permitindo a sorte, alguma moeda e roupas novas para me livrar dos trapos. E ainda, um par de sapatos com cadarços e menos furos.

O dilúculo vem embaçado da neblina, lembrando o primeiro dia na baía, na viagem acompanhando o delegado. Ainda encanta a beleza do lugar, com as cores da natureza revigorando as esperanças. É um sinal de boa sorte.

Caminhando vagarosamente nas ruas adjacentes ao porto, onde há uma grande concentração de pontos comerciais, olho para o rosto de cada passante, na esperança de identificar algum que demonstre piedade do meu estado, a quem eu possa pedir ajuda. As pessoas não só se afastam, mudando os passos na calçada para não cruzar o meu caminho, como também evitam me olhar, como se eu pudesse lhes fazer algum mal, apesar do meu aspecto frágil, ou como se eu fosse um abominável bicho a ser repulsado. Sei que o medo do contágio afugenta as pessoas, por isso tento evitar a tosse. Que falta faz o lambedor de jenipapo e pepino preparado pela tia Zita para desobstruir a garganta sempre que uma criança começava a tossir.

Sem ter nada a fazer, além de continuar tentando identificar alguém com ar de misericórdia, sigo nessa humilhante jornada, afastando-me cada vez mais do porto e indo em direção ao centro da cidade.

Os comerciantes estão acostumados a enxotar os muitos pedintes que frequentemente aparecem na frente das lojas, e isso me faz seguir no meu trajeto sem nenhuma parada para descanso. Apenas sigo vagando em meu estado de astenia. Faminto e moribundo, chego ao Campo de Santana, numa longa caminhada sem pausa e sem perceber um único rosto complacente. No primeiro banco de madeira arreio o meu corpo cansado e me entrego ao destino, ao que a sorte quiser fazer de mim. Resolvo não pedir nada a Deus. O Senhor deve estar muito ocupado com os vastos pedidos de tanta gente egoísta. Por que Ele passaria à frente o pedido de um pobre coitado?

Nesse momento percebo, ainda no exercício de olhar o rosto das pessoas, uma feição conhecida, um homem com o semblante

familiar. Forço a memória para lembrar de quem se trata. Preciso pensar rápido antes que ele se vá e, sem forças para acompanhá-lo, eu o deixo sumir do meu campo de visão.

Thomas. Isso mesmo, o seminarista. A memória não me faltou agora. Não o alcançarei em seus passos rápidos, então apelo ao grito. Minha última energia em um único grito chamando-o. O rapaz, carregando alguns livros e uma pasta de couro, olha em sua volta na tentativa de identificar quem está chamando. Eu aceno com a mão levantada e caminho em sua direção, sem baixar a mão. Contrariado e visivelmente assustado, o moço ensaia fugir, mas a sua curiosidade fala mais alto e ele espera a minha lenta aproximação para reconhecer o farrapo de ser humano que o chamou pelo nome.

— É você, o filho do padre... — reconhece-me, quando chego mais perto, apesar da minha aparência. — O que faz aqui?

Acho que sua benevolência cristã o faz se apiedar de mim. Seguimos para o banco e nos sentamos nas extremidades, para que o meu odor não o afete tanto. Ele, agora docente formado, demonstra interesse em minha história e ouve atento o meu drama. Entrega-me um pouco de dinheiro, o suficiente para a alimentação por quatro ou cinco dias, e diz ter que ir embora para não se atrasar no trabalho na escola. Retribuo a generosidade dizendo-lhe que escolheu um trabalho honrado. O professor é um profissional que aponta caminhos, partilha conhecimentos e semeia a esperança. Agradeço a ajuda financeira e a escuta. E por fim, antes que ele parta, tendo já se levantado para ganhar a rua, pergunto-lhe do prior Santino.

— Eu soube que ele ocupa um cargo episcopal importante. A última vez que o vi foi nas proximidades da Sé — revela, já tomando os passos no sentido de ir embora.

Hoje é mesmo um novo dia. Alimentado de esperanças, muito embora permaneça com a barriga vazia, dirijo-me ao mercado, passando antes no chafariz público para tomar um banho frio com sabão. Compro roupas usadas no brechó com as notas recebidas do solidário Thomas e gasto o troco com um almoço digno. Como até ficar empanzinado com uma refeição de verdade, com arroz, feijão,

farinha, salada e um bom pedaço de carne guisada, como nas lembranças do derradeiro almoço farto com os colegas, na pensão de dona Rose.

Saciado e confiante, traço os planos para os próximos dias: localizar uma vaga de trabalho bem remunerado, comprar outras roupas e um par de sapatos seminovos, juntar dinheiro para viajar e na cidade de Santos encontrar uma ocupação ainda mais rentável, com a ajuda de Antenor. Como é certo o ditado que diz que a necessidade faz o ladrão, antes de me levantar e deixar o restaurante, escondo no bolso da calça os talheres usados no almoço. Esses poderão ser úteis nas próximas refeições feitas no galpão do porto, como cabe a um homem civilizado.

Deixo o mercado e sigo sem rumo certo pela grande cidade, como outrora, mas desta vez olhando não os rostos impiedosos das pessoas e sim os cartazes de emprego nas vitrines. A sorte está do meu lado e não posso desperdiçá-la. Sinto que está próxima a oportunidade de conseguir um trabalho remunerado, que garanta de imediato a sobrevivência e, a curto prazo, o acúmulo de alguns trocados para a viagem ao encontro de Antenor. Pretendo só à noitinha regressar ao porto para o local de dormida. Se Deus quiser e Nosso Senhor Jesus Cristo permitir, poderei estar empregado antes do entardecer em um estabelecimento que permita a dormida dos funcionários no local de trabalho.

Na minha procura por emprego, chego ao paço em frente à igreja de Nossa Senhora do Carmo, onde o prior foi visto pela última vez, por Thomas. Penso em entrar para descansar um pouco os pés da longa caminhada. Lá dentro poderei rezar, pois estou carecendo do olhar atento dos santos, que parecem ter me abandonado, enquanto tiro esses sapatos de número menor que acocham os meus pés e comprimem os dedos.

O celebrante anuncia o tema da pregação: *non occides*. Da porta, ouço a homilia do sacerdote:

— Deus permanece o mesmo, mas o homem muda com o tempo — afirma o pregador. — Por isso Ele nos impôs um conjunto de ordenamentos para cada momento: no passado mais remoto, através de Moisés, o Senhor estabeleceu uma dezena de mandamentos.

Posteriormente, Jesus os resumiu em dois: amar a Deus, sobre todas as coisas, e amar ao próximo, como se ama a si mesmo. Ou seja, a ordem é amar. Agora, esses dois se fundem em um só: não matar. Esse é o ordenamento, pois quem ama, não mata! — proclama, de forma imperiosa. — Quem mente, mata a verdade; quem trai, mata a confiança; quem desobedece, mata o respeito; e quem rouba, mata a propriedade.

Não tenho coragem de entrar. Devo estar muito sujo em pecado para sentar em um banco de um templo tão grandioso, belo, dourado, como eu nunca pensei que existisse. Sem conseguir me mover, fico feito um poste junto à entrada, até os ritos finais com a saudação sacerdotal. Nesse ato, os fiéis começam a deixar a igreja e eu decido ir embora.

No primeiro passo que dou em afastamento da catedral, assim que abro os olhos depois de me benzer, fico atônito em coração gelido com o reconhecimento de Santino Venâncio, caminhando na rua à frente, em direção ao Largo do Paço. Quiseram os céus, ou o inferno, que o diabo aparecesse em minha frente nesse exato momento. Quem consegue mensurar o acaso ou prever o imponderável?

Ainda sem acreditar no que vejo e duvidando da própria sorte, ou azar, fico imóvel e mudo, sem conseguir quebrar as correntes de pânico e desespero que me adormecem as pernas e me prendem ao chão, prostrado na frente da igreja. De supetão, arranco os pés da soleira e me ponho a persegui-lo, até alcançar a sua sombra. Para não restar nenhuma dúvida, chamo o seu nome e espero a sua reação. O religioso olha para trás, atordoado, mas não me reconhece. Mesmo assim, para de andar e aguarda a minha aproximação, esperando alguma frase complementar da pessoa que na rua o chamara de prior Santino.

Agora, mais perto, olhando em seus olhos, tenho a certeza de que é ele mesmo. Apresento-me como Severino, sem que ele se lembre de tal identificação. Então, acrescento o apelido de infância, Biu Noá, fazendo-o arregalar os olhos como se estivesse frente a frente com uma assombração. Sem controle das palavras, ainda tomado pelo calor do momento, digo ao homem, tão assustado quanto eu, que resolvi a incumbência de achar o seu valioso anel sacerdotal.

Afirmo que não estou com o objeto para devolvê-lo, pois a peça foi tomada na delegacia, no momento da primeira prisão, sem devolução na saída.

Sem pronunciar palavra alguma, Santino apenas observa e ouve. Parece que agora são os seus pés que estão presos ao chão. O reencontro com o passado o deixa titubeante e apreensivo com o que ainda possa ser revelado. É nesse instante que lhe comunico que o anel foi encontrado dentro do caixão do padre François. E o acuso de assassinato.

— *Ipse venena bibas.* — Finalmente, rompe as amarras e solta os pés do chão, voltando-se para a igreja na tentativa de fugir. — Vá embora! Não me importunes.

Sigo às pressas o abjeto criminoso, o que chama a atenção das pessoas, no estranho acontecimento de um religioso de batina correndo pela rua em direção à Sé e um negro no seu encalço. Grito para ele não fugir do seu passado, nem se esconder dele na igreja. Santino ignora as minhas palavras e, desajustado com o hábito, atravessa a rua como quem foge do cão raivoso. Na pressa e na agonia para se livrar de mim, tropeça e cai no primeiro degrau. Não querem os santos, por algum motivo, que o vil pecador entre na catedral.

— Não, não pode ser. Nada disso é verdade. O verdadeiro assassino deve ter colocado o meu anel no corpo de François para me incriminar — estrila, enquanto se debate no chão, tentando inutilmente se levantar.

Agachado ao seu lado e movido pela ira, com a mão forçando a sua cabeça contra o chão, impedindo-o de se erguer, revelo que o padre François tinha dito ao subdelegado Faustino que tinha percebido o seu movimento de saída da sala paroquial, no dia da morte da mulher. O padre cego ficou confuso ante o barulho da chuva e os estampidos dos trovões, por isso não teve a plena certeza dos movimentos na sala, mas frisou que por diversas vezes chamou o seu nome sem obter resposta alguma, confirmando assim que estava sozinho no recinto.

Por isso Santino matara também François, para que esse não revelasse nada ao delegado Antenor.

Apesar da desconfiança, François preservava em si a bondade de um digno sacerdote. Acreditava na benevolência dos homens e no que esses possuem de melhor: a capacidade de amar. Com isso, na dúvida sobre a autoria da morte da mulher, preferiu não denunciar Santino, acreditando que o prior não pudesse ser capaz de cometer tal crime. Deve ter imaginado que teria sido o padre Paulino, talvez, e isso explicaria o seu sumiço da igreja. Na dúvida, preferiu não acusar ninguém.

O que motivou o assassinio de Paulina ainda é mistério; porém é possível imaginar que a mulher não aguentava mais viver escondida e submissa, tendo ameaçado ir embora e delatar o prior, arruinando assim a sua carreira eclesiástica. Em reação, talvez em um momento de fúria, Santino a segurou pelo pescoço e a agrediu com tamanha força que a levou à morte. Na sequência, desnorteados, sem saber o que fazer para se livrar do corpo, tentou levar uma vida normal até achar uma saída para ocultar o seu crime.

Escondido em sua cela, o corpo da mulher continuaria ali sem que ninguém desse a sua falta, mas não por muito tempo. O prior precisava achar uma solução antes que começasse a putreficar. No final de tarde daquele dia, em que a barulhosa chuva caía forte, usou a reunião com François como álibi e saiu discretamente, indo até o piso superior, de onde lançara a mulher pela janela.

Na perícia do policial Faustino, o corpo estava com os membros flexíveis, não pelo fato do falecimento ter ocorrido naquele instante, mas sim por se encontrar sem vida há algum tempo. Isso ocorre porque os músculos se contraem após algumas horas da morte e depois de dois dias perdem o enrijecimento.

Naquele dia, tendo refletido bastante sobre uma maneira de se livrar do cadáver, imaginou que aquela seria a sua única oportunidade. Poderia simular o suicídio do convalescido Paulino e depois impedir que tocassem o corpo e retirassem as vestes, sepultando-o sem revelar o seu segredo. Sabia da forma condenatória como a igreja lida com o suicídio e que assim evitaria a exposição e o manejo do cadáver. Descartou a possibilidade de fingir uma morte natural e anunciar a surpresa de ter encontrado o amigo em óbito no quarto, pois eram visíveis os hematomas e isso o colocaria

como principal suspeito, levando a perícia ao exame do defunto e à descoberta de ser uma mulher. Isso seria o fim do seu priorado e teria que responder criminalmente pelo desfecho do fato. Por isso, aproveitou os trovões para jogar o corpo, criando uma situação que dificultasse as investigações e retirasse dele qualquer desconfiança.

A parte mais difícil foi arrastar a mulher até a janela e suspender o peso do corpo volumoso. Nesse esforço descomunal a um homem franzino, nem percebeu que a veste ficara presa a uma frepa na madeira e que a mulher caiu completamente nua. Pretendia voltar à sala paroquial e dar continuidade ao diálogo com François, como se ali estivesse por todo o tempo, mas o padre, ouvindo o som da queda com a sua escuta apurada, chamara pelo prior e percebendo que se encontrava só, dirigiu-se à porta do pátio, seguindo a direção do estranho barulho. Foi quando então pôs-se a chamar por mim.

Nos degraus da catedral, os curiosos se aproximam em socorro ao religioso, sem que compreendam bem o que está acontecendo. E antes que comecem a se aglomerar em nossa volta, eu, em minha ira insana e na ânsia de fazer justiça com as próprias mãos, forcei ainda mais a sua cabeça contra as pedras da calçada e o acuso de ter matado a mulher Paulina asfixiada, o padre François, também por asfixia, e ainda de ser o responsável pela morte por afogamento do menino Branquinho. No impulso do momento, lembro-me dos talheres roubados, meto a mão no bolso da calça e puxo a faca, colocando-a em seu pescoço.

Com habilidade no manuseio do instrumento, pressiono com o polegar a lâmina contra a sua garganta, deixando o gume rente à jugular. Sinto-me com o poder de decisão sobre a vida e a morte do desgraçado, que agora me olha com ar de clemência. Sua sentença está em minhas mãos. Basta um corte para que sangue e agonize feito um porco no matadouro.

A multidão enfurecida para bruscamente em nossa volta, vendo-me com a arma pronta para ferir o religioso. Todos começam a clamar em apelo para que eu não cometa tal desatino. Um homem forte abre os braços, impedindo que os demais cheguem muito

perto, ao mesmo tempo tenta me convencer a não ferir o padre e a largar a faca no chão.

É muito difícil raciocinar quando se está enfurecido, amedrontado e tomado pelo sentimento de vingança. Em fração de segundos eu tenho que decidir. É nesse ato que movo a cabeça para o alto e enxergo São Sebastião a me olhar do nicho no frontão da igreja. Parece-me chamar à reflexão sobre tudo o que eu aprendi, sobre o perdão, o amor ao próximo, a obediência aos mandamentos. Lembro-me da pregação. *Non occides*. É isso mesmo o que o santo quer me dizer, ou então não teria sentido algum me fazer lembrar justamente desse, entre os outros mandamentos.

Reflico sobre os ensinamentos do padre François, exaltando o perdão. Dizia ele que o erro nos coloca na condição de humanos, semelhantes a qualquer ser, enquanto o perdão nos insere em outra categoria de seres humanos: os virtuosos. Rogo a São Bento que a Cruz Sagrada seja a minha luz e não seja o dragão o meu guia.

Solto a faca, ainda olhando para cima, escutando apenas o seu tilintar quando toca o chão. Em seguida, sinto as pancadas por todo o corpo. Cada chute tem tanta fúria que onde bate arranca o samboque. Pego em emboscada, como os Cabanos, não esboço reação, nem tento me defender dos golpes. Caído e sendo pisoteado, não consigo mais ver o santo no alto, entre tantas pessoas que me cercam e me mantêm jogado no chão, enquanto o religioso é socorrido e levado nos braços do povo para o interior da igreja.

Mais uma vez espancado, agora por populares endiabrados, com mãozadas e chutes que doem mais que os cassetes da polícia usados nas surras anteriores. Acho que é porque as costelas estão mais expostas. Só couro e osso, como disse Pedro. Chega um momento em que a dor cessa, no instante em que a mente anestesia o corpo, e ainda continuo sendo malhado como um Judas, até que a polícia chega ao local e me detém para a terceira prisão, quando sou conduzido em um automóvel preto, como sonhei.

Epílogo

Volto a pedir licença, nesse instante, para continuar o texto a partir de onde parei. Aqui, tomo de volta a narrativa da história, seguindo as minhas percepções sobre as coisas ditas e não ditas. Essa parte final do livro é composta das informações captadas nos fragmentos descritos pelo meu tio André, bem como nos diálogos cordiais com o senhor Biu. Esse trecho não se forma necessariamente das coisas faladas de forma direta, mas sim dos termos subentendidos nas entrelinhas das conversas por eles expostas. Por vezes, o que não é declarado abertamente diz muito mais que as coisas lançadas aos ouvidos. Assim, da assimilação de frases perdidas, palavras soltas e interpretações mais ou menos contextualizadas, surgiram entendimentos adjacentes e com eles prossigo para o desfecho dessa descrição da trajetória de vida do senhor Biu Noá, com denodo para não cair na tentação do anacronismo.

Depois de 14 anos recluso na Ilha Grande, o jovem Severino transformou-se em um senhor anômico e introspectivo, um sujeito de difícil perfilamento: desencantado com o mundo e atento à vida cotidiana; desprezioso com o futuro e descritor da realidade presente; alheio ao conhecimento formal e apreciador da leitura

reflexiva; e ainda, roteirista de sua própria história, mesmo conternado com a sua sorte e sem alimentar devaneios ou utopias. Viveu a dura vida, desde o nascimento, como se sempre estivesse em algum tipo de prisão. E quando na prisão, de fato, vivera uma ausência de liberdade à qual já se encontrava habituado. Nessa desilusão, deve ter se adaptado sem grandes traumas ao confinamento na prisão e fora dela, tendo permanecido boa parte do seu tempo de vida encerrado por grades ou clivagens sociais. Ainda assim, conseguiu conviver com os outros sem ressentimento e sem cobrá-los responsabilidade por sua desgraça.

Enquanto esteve encarcerado, conviveu habilmente com delinquentes e criminosos de alta periculosidade, mas também com políticos, intelectuais, gente nobre que caíra em desgraça e, principalmente, com o tipo mais comum de presos, os vagabundos. Nesse restolho de gente, passou a se sentir verdadeiramente excluído da vida social. Sentia-se como se nunca tivesse pertencido a ela. E o que nela lhe parecia ser resquício de civilidade, era na verdade despojo da própria selvageria humana.

Em suas reflexões solitárias na ilha, percebia essa prisão como um ambiente extremamente útil à política de limpeza da cidade urbanizada. Tudo o que não prestava ou enfeava a cidade era jogado naquele sumidouro de gente: mulheres bêbadas e prostitutas, doentes mentais, velhos inválidos e crianças órfãs desordeiras. Morriam ali mesmo, aos montes, por doenças decorrentes da falta de higiene, da má alimentação ou do espancamento. Alguns a chamavam de depósito de presos. Biu a chamava de depósito de pretos.

A quase totalidade dos aprisionados era de pretos e pardos, dos quais muitos eram antigos escravizados. Depois chegaram, também, alguns operários brancos, imigrantes, ou, como diziam os guardas, arruaceiros do estrangeiro. Quase todos condenados sem ao menos terem passado por um processo judicial. Outros, banidos da vida social por descaso das autoridades policiais ou decisões injustas de magistrados corrompidos, viam-se entregues ao destino comum dos desafortunados: o abandono no esquecimento. O velho Biu Noá contou-me das agruras sofridas pelos injustiçados que, com essa dor, antecipavam o encontro com a morte.

— Nem sempre quem infringe a lei é injusto e nem sempre quem usa a vara da justiça é justo — afirmei na ocasião desse relato, procurando consolá-lo, fazendo uso de uma expressão que ouvia do meu pai, Eriberto, advogado conhecido em todo o Recife e região.

Na Ilha Grande, de início, Biu Noá fez amizade com presidiários transferidos de Fernando de Noronha e de outras detenções do país e juntos passaram boa parte do tempo de cárcere misturados aos sujeitos locais presos por vagabundagem, assim classificados pelos carcereiros e tipificados no Código Penal como contraventores, por serem ébrios, capoeiras, mendigos ou vadios. Esses, sofriam os maus-tratos marcantes da Colônia Correcional de Dois Rios, onde o estado escondia desde os perigosos delinquentes e bandidos violentos aos indesejáveis sujeitos que contrastavam a beleza da cidade aristocrática. Todos submetidos à fome, ao frio e às doenças.

Nos anos finais de sua prisão, fraco e imprestável ao serviço pesado, Biu e sua tosse seca foram transferidos para outro prédio na ilha, tempo em que passou a conviver com presos políticos na colônia agrícola da baía, para onde o governo, com sua forte repressão política, enviara muitos dos seus opositores, incluindo os militantes comunistas e sindicalistas. Foi aí que os castigos cessaram, pois os presos políticos não eram tratados como os presos comuns, tachados de vagabundos. E assim, Biu Noá, reconhecido por outros detentos como um antigo membro do movimento anárquico-sindicalista e agitador da grande greve geral, passou a receber um tratamento diferenciado.

Severino relatou-me que, nos primeiros dias em que estive na prisão, ninguém o chamou pelo nome e sim por um dos seus novos apelidos: Biu Ateu ou Biu Herege. Isso porque os carcereiros o apresentaram aos demais detentos como o prisioneiro que tentou matar o padre. Essa foi, inclusive, a motivação para sofrer os primeiros espancamentos, vindos de alguns funcionários e de outros presos da ilha. Com isso, passou a viver fugindo e se escondendo.

— Viver temendo a morte já é perder a vida! — repeti a expressão que ouvi do próprio senhor Biu, quando me contava de suas andanças arriscadas após deixar a igreja. E inteirei: — Aprendi com



o senhor que o medo do amanhã não pode nos tirar o prazer de viver o hoje.

Algum tempo depois, o assunto do atentado ao padre caiu no esquecimento e ninguém mais tratava desse crime. Foi quando ele pôde circular pela prisão sem correr risco de morte por linchamento. A partir daí, passou a ser chamado de Severino, o que lhe soava estranho, pois sempre esteve acostumado ao nome Biu Noá, como se fosse esse o seu nome de pia.

Reclamou que não gostava muito de ser chamado de Severino. Achava que era formal demais para ser usado em um ambiente desregrado e degradante, beirando a crueldade instituída nas masmorras medievais. Para não o deixar triste, fui solidário com o amigo em sua causa nobre, dizendo-lhe que eu também não me sentia confortável:

— Sei bem o que é isso, pois eu também não gosto de ser chamado pelo meu nome de batismo — afirmei. Eu havia me identificado a ele ainda no primeiro encontro, quando perguntara a minha idade: — Eu tenho 12 anos, quase 13 — respondi à época. E acrescentei, já imaginando a sua próxima pergunta: — Eu me chamo Ericarmo, por ter nascido em 16 de julho, dia da padroeira do Recife, Nossa Senhora do Carmo, com o início do nome do meu pai. Por isso, prefiro que todos me chamem apenas de Eri. Caso tivesse nascido uma menina, seria Maricarmo, em homenagem à santa de devoção da família e com o prefixo do nome de minha mãe, Mariana.

Teve uma vez que conversamos sobre livros e autores. Foi quando percebi na nossa prosa que o velho Biu herdara da prisão o hábito da leitura assimilativa. Quando ainda saudável, enxergando bem as letras miúdas e com as mãos firmes, devorava muitas obras clássicas. Ainda mantinha algumas delas em sua casinha simples, na pequena vila costeira de Maragogi, guardadas em caixotes como tesouro. Não deixava os seus livros expostos em estantes ou prateleiras na parede para não serem mofados pela umidade da maresia e passava boa parte do dia em casa, lendo velhos títulos,

tal qual Policarpo Quaresma, descrito por Lima Barreto, sendo incompreendido pela vizinhança. Alguns reclamavam de sua falta de interação com a comunidade e achavam esquisito um negro ficar perdendo tempo com leituras, em vez de estar no trabalho pesado feito os outros. O gosto pela literatura era espelhado nos seus mentores François e Antenor, homens cultos e normais do juízo, apesar de terem lido tantos livros.

— Eu também gosto de ler, mas não conheço tantos autores assim como o senhor. Só os indicados pela minha professora — informei, em reconhecimento ao seu apreço pelas obras literárias. — O senhor tem menos tempo de escola que eu e conhece muito da história. Onde aprendeu tantas coisas? Nesses livros? — perguntei, em certa ocasião, quando ele me falou de ter lido *Os miseráveis*, de Victor Hugo, e *Oliver Twist*, de Charles Dickens, frisando a denúncia desses às injustiças sociais e a apreciação da remissão do homem e da ressignificação da vida. — Como o senhor conheceu tantos autores?

Esbanjando sabedoria, puxou pela memória uma lista de obras clássicas da literatura nacional e internacional e fez uma breve descrição de alguns títulos lidos. A sua resposta o remeteu à lembrança da convivência com os presos políticos, quando encontrava nos romances uma fuga para outros tempos e lugares. Registrou que lera vários títulos, sendo esse o seu principal passatempo na prisão, frequentando bastante a casa de um dos presos que morava com sua família na ilha. Tratava-se de um jornalista acusado de sedição e condenado por críticas ao Governo Provisório, que conseguiu, com o apoio de autoridades policiais e um pouco de dinheiro para o suborno, transferir para lá parte do seu acervo de obras literárias. Esse não chegava a ter uma estante completa na parede, como tinha visto na casa de Antenor, então daria para ler todas as obras, sem a preocupação de ser discriminado, feito Policarpo, ou ficar maluco, como o herói de Cervantes.

Severino também recebeu excelentes livros cedidos por um dos carcereiros, com o qual fizera amizade, quando esteve trabalhando na horta e na criação de animais. Nesse período de trabalho na colônia agrícola, quando os alimentos eram colhidos e os animais

abatidos, parte da produção era desviada pelo guarda com a ajuda do amigo prisioneiro. Em troca da ajuda, Biu recebia alguns livros emprestados e poucos cigarros. De toda forma, ele preferia esse trabalho com a terra e os bichos aos afazeres das oficinas, que eram barulhentas e fechadas, além de não suportar o cheiro de zinabre. Gostava do aroma suave das plantas e do petricor. Ao menos na lida do campo revivia os seus tempos de infância. Desse modo, estava cada vez mais adaptado ao ambiente prisional e não pensava em sair de lá.

No seu desejo mais ousado, imaginava-se recebendo o direito a uma casinha e um pedaço de terra para cultivar, assim como alguns presos mais antigos que, após o cumprimento da pena, ganharam o benefício de permanecer na ilha como moradores, com suas famílias, no vilarejo próximo ao ponto de ancoragem do barco que liga a colônia ao resto do mundo.

A lida na roça e no curral, além da leitura diária, o ajudou a passar os anos que se arrastavam na prisão. Essa era, ainda, uma forma de se sentir próximo de sua origem, dos trabalhos similares realizados na igreja sob os cuidados do padre François, sendo também uma maneira de não ser classificado como vagabundo, livrando-se, desse modo, dos açoites de vara no corpo magro e desfigurado.

Os guardas, na maioria mestiços na cor, surravam os pretos com frequência e prazer, por qualquer motivo e contando com a conivência das autoridades superiores. Assim, esses demonstravam o saudosismo do tempo de escravidão e se realizavam no exercício do seu poder sobre os mais vulneráveis, lembrando-se da senzala, do pelourinho, do chicote. Deixavam nos atormentados prisioneiros marcas nas costas e na memória, para que não se esquecessem de sua condição de miserável diante da força do carrasco. Assim, os negros temiam cada amanhecer.

Biu Noá observou que entre os presos comuns havia muito mais homens negros e pouquíssimos brancos. Já entre os presos políticos o número de brancos predominava. Por isso, no primeiro grupo as surras com varas de caniço eram mais frequentes, punindo as denúncias de vadiagem e transgressão. Essa classificação chamou a sua atenção pois, mesmo entre os presos, havia aqueles em condições

ainda mais infames que outros. Parecia a situação dos escravizados, dita por Antenor quando observava a exclusão do preto tigre.

Nesse inferno, alguns apenados insubordinados apanhavam tanto e em seguida eram abandonados em celas isoladas ou nos galpões, acintosamente esquecidos à própria sorte para sentirem as dores por dias seguidos, até que se recuperassem ou morressem. Outros tentavam a fuga e, quando capturados, passavam por igual tratamento de tortura. Quando desaparecia um dos presos do pavilhão, os pares não sabiam se esse tinha conseguido êxito na fuga ou se havia morrido.

Essas confissões chocantes produziram cenas indeléveis entalhadas em minha memória, tal como a descrição da viagem dos horrores da preta Susana e mais 300 cativos, trinta dias expostos a cruéis castigos no infecto porão do navio, lida no romance Ursula, de Maria Firmina.

Ele rogou ao seu protetor, São Bento, o santo que aprendera a reverenciar desde sua chegada à igreja, ainda criança, para não receber tão cruel castigo quanto os aplicados àqueles aprisionados. Temia a morte dolorosa, ainda que se sentisse indigno de tal bênção.

Com a mesma fé, também pedia ao santo a cura do vício. Confessou que, nos longos dias na prisão, sentia falta da nicotina do tabaco. Entretanto a regra da prisão é: sem dinheiro, sem cigarros. Raramente ganhava uma bituca de um dos guardas ou de colegas aprisionados. Alguns detentos mais sortudos recebiam o precioso produto em quantidade, nas escassas visitas de parentes, podendo assim presentear os amigos com algumas unidades. Por vezes, para alimentar o costume, Biu substituía o fumo pelas folhas de ervas secas trituradas e se deliciava tragando a fumaça, sentado à sombra da mirindiba. Depois morria de tanto tossir, até escarrar encarnado, com isso evitando o contato com outras pessoas, sentindo vergonha do seu aspecto deplorável, sub-humano.

Como disse antes, a situação de Biu Noá só melhorou nos últimos anos de prisão, com a chegada de gente graúda, vinda de

todas as partes do país e do exterior, com sobrenomes diferentes e sotaques diversos. Naquele momento, Severino, já bastante fraco e doente, porém, bem relacionado com um dos guardas, fora transferido de prédio para o convívio com os detentos recém-chegados e misturado aos presos políticos, sendo identificado como um deles.

Ao tratar dessa mudança, lembrou que logo no seu ingresso no novo galpão aderiu a um grupo formado para ensinar aos reclusos não alfabetizados da colônia. A ideia foi ligeiramente reprimida pelo diretor, com medo que ocorresse a formação política de todos os detentos.

No lugar onde dormiam os presos políticos eram visíveis os protestos em inscrições nas paredes, com frases de efeito e citações de líderes revolucionários mundiais, enquanto no espaço destinado aos presos comuns quase não se via palavra alguma, mas sim rabiscos e desenhos feitos com cacos de argila queimada e carvão, lembrando as pinturas rupestres.

Quando estava prestes a deixar a sua estadia na ilha, o meliante anarquista resolveu que também deixaria uma marca gravada no galpão de pernoite dos detentos. Escreveu na parede frontal a mensagem: resistir é manter-se livre, ainda que na prisão; e acima do portal a frase que vira na porta da sacristia da igreja: *Ora et labora*. Na ocasião, lembrou-se das orientações de François quando lhe explicara o sentido daquelas palavras: orar como se tudo dependesse do querer de Deus e trabalhar como se tudo dependesse do esforço seu. Essa era uma forma de dividir responsabilidades e fazer sociedade com o Criador, acreditando que esse sempre cumprirá a sua parte no acordo.

Ouvindo o seu relato e fazendo associação a outros fatos do meu limitado conhecimento escolar, imaginei que, talvez, Graciliano Ramos tenha visto essa mensagem no portal do galpão, caso tenha ficado encerrado no mesmo local. Pensei, mas não fiz nenhum comentário a respeito. Eu não queria protelar a sua fala. Na minha ansiedade, resolvi apelar pela abreviação da narração e lancei outra pergunta:

— Como se deu a sua soltura? — indaguei, bastante curioso e querendo avançar a história, como em um filme de fita cassete, para saber o final do enredo.

No entanto o narrador não tinha a menor pressa e continuou falando com a sua excessiva calma habitual. Explicou-me que não alimentava muitas expectativas de liberdade, estando exposto desde sempre à dura realidade dos oprimidos, ainda que incomodado com o fato de nunca ter sido sequer ouvido para poder se defender das acusações. Ano após ano, ninguém cobrou a sua liberdade. E como um ser excluído, não mereceu nenhum tempo da atenção de um juiz qualquer, imaginando-se, assim, um condenado *ad aeternum*, como muitos dos detentos ali, que nem na morte deixavam aquele local. Esses eram enterrados em covas rasas em uma parte da ilha, tendo os membros do corpo desenterrados pelas águas da chuva forte que desciam o barranco ou pelas aves de rapina.

Ele também sabia que, mesmo liberto da prisão, não conseguiria ser completamente livre, pois a cor e a pobreza não lhe permitiriam tal condição. Ainda assim, sabia da necessidade constante de relutar contra o destino dos pobres pretos presos. Mesmo se sentindo frágil, não se permitiu o sono sem sonhos. Foi assim, até que um dia recebeu do conhecido carcereiro a notícia sobre a autorização para tomar o barco de volta ao continente, em um documento de soltura expedido pelo chefe de polícia ao diretor da colônia.

— As primeiras prisões o prepararam para essa última — falei aos meus primos, quando lhes contava das tragédias vividas por Biu Noá em seu extenso tempo de martírio na ilha e como ele suportara a penúria da prisão.

Na saída da colônia agrícola, de volta ao continente, Biu Noá se deparou com o mundo estranho sem esboçar emoção alguma. Precisou reagir e subiu no trem em Mangaratiba, sem rumo certo, com a alma ainda cativa e a consciência pesada, como se não pudesse estar desse lado da civilização. Sua primeira lembrança de destino foi o porto na Baía de Guanabara, onde poderia reencontrar algum conhecido do passado, ou apenas Pedro, sua única referência de pessoa que talvez pudesse lhe ajudar na recuperação de sua vida social.

Desceu do trem e iniciou um melancólico ritmo de deambulação no sentido de chegar mais perto do centro de comércio da capital do Estado. Em caminhada arrastando o seu corpo esquelético, começou a sentir vertigens e náuseas com a movimentação de pessoas e automóveis naquelas ruas anteriormente calmas. Os carros metálicos substituíram de vez os veículos de tração animal e as avenidas, outrora arborizadas, agora cercadas paralelamente por prédios de alturas diferentes, como paredes elevadas repletos de janelas enfileiradas.

Admirou-se ao ver um grupo de senhores que se aglomeravam ao redor de um estranho objeto que transmitia som, onde ouviam cautelosos o locutor que se expressava tão nitidamente, como se ali estivesse de verdade, entre os ouvintes. Já tinha ouvido falar desse instrumento de comunicação, inclusive que havia um desses na sala do diretor, mas não acreditava, até então, em tal façanha tecnológica. O aparelho chamava a atenção para as notícias sobre a tensão conflituosa que agitava a população do estado vizinho, deixando aqueles homens assustados e silenciosamente atentos aos relatos de provocações entre as tropas federais e paulistas.

Quando anoiteceu, Biu ainda se encontrava caminhando rumo ao seu destino incerto: talvez o porto, talvez o mercado, podendo nesse horário perceber que a claridade nas ruas se mantinha. A iluminação dos postes fincados nas calçadas clareava o seu olhar lânguido e fazia da noite um turno ainda movimentado por transeuntes nas ruas comerciais. A cidade já não precisava mais do acendedor de lâmpadas, coitado, que estaria tão desempregado quanto ele.

Biu Noá percebeu que as mudanças também chegaram ao porto. As embarcações ficaram maiores, como também os galpões e as pilhas de cargas depositadas no cais, aguardando o momento de embarque. As ruas do entorno estavam repletas de caminhões abarrotados de mercadorias. Entre tantos produtos empilhados, dificultando o caminhar nas docas, tornou-se ainda mais difícil encontrar o colega estivador.

Não me lembro de tê-lo ouvido falar algo sobre o reencontro com o Pedro. Entretanto acredito que esse fato deva ter ocorrido, por

alguma circunstância divina ou favorecimento do acaso, pois há na minha memória o registro de sua ida de barco a Santos, quando certa vez ele relatou suas viagens em diferentes meios de transporte. Lembrava ele, na ocasião, que só lhe faltava voar no prateado zepelim, pois já tinha viajado de charrete, trem, automóvel e vapor, sendo nesse último as suas viagens mais marcantes. Foi quando então lhe questionei da experiência de navegar:

— Como foi a viagem de barco a vapor? — falei dessa curiosidade que eu tinha sobre a sensação de estar no alto mar, pois sempre que via da praia uma dessas embarcações grandes, que os meus olhos enxergavam como miniaturas, passando na linha que divide o mar e o céu, ficava me perguntando da reação dos passageiros àquela aventura de viajar em uma nau.

Na ocasião, ele descrevera a primeira viagem, falando do conforto da embarcação e do encantamento com a beleza do rastro branco riscando a água azul. E ressaltou que a segunda não foi tão agradável quanto a anterior, tendo que se manter interno por todo o tempo no porão de cargas, sem poder subir ao convés para ver o mar ou mesmo para sentir o sol. Para a sua sorte, o trajeto foi menor. Devia estar falando da ida ao encontro de Antenor.

Suspeito que tenha viajado clandestinamente ao porto de Santos, muito provavelmente contando com a ajuda do amigo Pedro, e que vagueou pela região portuária santista à procura do paradeiro de Antenor. Após alguns dias de busca, soube, pela boca de algum funcionário da aduana, que o seu padrinho morrera há muito tempo, ainda durante a devastadora pandemia. A família, completamente desolada, tinha regressado à cidade de origem, exceto a filha mais velha, também acometida pela doença, que passou a fazer tratamento no hospital de campanha e lá permaneceu, depois de recuperada, tratando do socorro a outros pacientes, como enfermeira contratada pelo governo. Com a escassez de profissionais da saúde, alguns dos pacientes recuperados, reputados como imunizados naturalmente, passaram a trabalhar no atendimento aos outros doentes.

— O senhor voltou a encontrar Ana Lúcia? — eu quis saber.

Biu Noá não se preocupou em me dar uma resposta imediata e continuou o seu testemunho sem se importar com a minha curiosidade infantil. Contudo, contou-me que, desiludido com a notícia da morte de Antenor, ele seguiu para São Paulo, ganhando uma carona no trem de cargas, acobertado pelos funcionários do porto, que, compadecidos do seu sofrimento, facilitaram ou fizeram vista grossa ao seu embarque no vagão de transporte de animais. Disseram-lhe que a capital do estado estava crescendo vertiginosamente e não lhe faltariam oportunidades de emprego na construção civil.

Severino não se interessou em identificar a localização de mais ninguém. Sentindo-se fracassado nas buscas pela mãe Betina no Rio de Janeiro e pelo amigo Antenor em Santos, nem se preocupou em saber do destino da filha mais velha do ex-delegado. Tudo o que queria era achar uma forma de sobreviver como a vida bem quisesse. E tudo o que desejou foi o que realmente encontrou em sua chegada a São Paulo. Levado pela vida, voltou a dormir nas ruas e praças, como ocorrera no seu passado na capital da república, mas dessa vez não temia voltar a ser encontrado pela polícia. Talvez fosse melhor retornar à prisão, pois suas buscas por trabalho remunerado na gigantesca cidade de edificações verticalizadas não lograram êxito, visto que não havia vagas na construção, além do que ninguém empregaria um sujeito tão maltrapilho, raquítico e fichado pela polícia.

Fraco e desencorajado, na friagem da garoa respirou o que poderia ser o seu último quinhão de ar. Cada minuto lhe parecia ser o seu derradeiro. Ruminou na solidão como a sua vida inteira cabia em um único poema, como Psicologia de um vencido, solidarizando-se com Augusto dos Anjos, tendo sofrido desde a epigênese da infância a influência má dos signos.

Entretanto a vida segue caminhos que parecem tortuosos, mas são, apesar de tudo, caminhos. Na versão de Biu Noá, foi em sua passagem por São Paulo que aconteceu o seu encontro com o meu tio André. O então sargento da polícia alagoana, junto a centenas de outros soldados de diferentes unidades federadas, foi incorporado às forças governistas, em defesa do presidente e contra a força

pública de São Paulo. Nesse ínterim, os dois passaram por tratamentos no mesmo hospital, tornando-se vizinhos acamados por um bom período.

— Tio Dedé, eu conversei com o senhor Biu Noá e ele disse para mim que conheceu o senhor em uma enfermaria de internação em São Paulo — averigui a informação um tanto sem sentido, parecendo uma história criativa e um bocado estranha, talvez fruto da imaginação do narrador. Na verdade, nesse dia eu queria extrair do meu tio a confirmação ou refutação do fato para poder saber se eu deveria confiar, ou não, no velho tachado de mentiroso pelos meus primos. — Disse-me, ainda, que foi o senhor quem o ajudou a voltar para cá e a erguer a casa de taipa lá no final da rua — continuei com a minha averiguação, percebendo o seu semblante sereno. — Ele também garantiu que o senhor é um excelente atirador, tendo a melhor mira que ele já conheceu.

Essa última parte descrita, do elogio à habilidade com a arma, foi o que fez o meu tio gostar da prosa e abrir caminho para conversarmos um pouco. Ele arrastou uma cadeira, sentou-se na posição inversa do assento, com os braços cruzados sobre o encosto, puxou o fôlego e narrou, em voz alta, apesar de estar bem ao meu lado, para que toda a família pudesse ouvir, pela enésima vez, o seu histórico de bravura em outros campos de batalha. Descreveu com todas as minúcias, e talvez muitas fantasias, a sua trajetória no enfrentamento aos soldados paulistas. E pouco falou sobre o encontro com Biu Noá, apenas relatando que o conhecera mesmo no hospital, por pura coincidência; e o trouxe para morar ali a pedido de sua primeira esposa, a falecida mãe dos seus cinco filhos mais velhos.

A partir de excertos colhidos nas histórias contadas por Biu Noá e pelo tio Dedé, entendi que fatores diversos se confluíram para que assim acontecesse o encontro dos dois. Como acredito que isso tenha acontecido? Explicarei nas próximas páginas.

Em São Paulo, na busca por um abrigo para se aquecer na noite fria, Severino e mais alguns desabrigados e mendigos invadiram

um prédio em obra, aparentemente abandonado, e montaram acampamento. Ainda se recuperando lentamente da crise mundial que quebrara a bolsa de Nova Iorque, havia três anos, a cidade estava repleta de retirantes e desempregados moribundos. Agrupados, esses procuravam diariamente pontos para se fixarem próximos ao centro da cidade.

Por outro lado, era comum encontrar nos bairros centrais obras inacabadas, como o prédio invadido pelos desfavorecidos companheiros de Biu Noá. Entretanto, o governo cumpria fielmente o seu papel de guardador do patrimônio dos abastados e não o de ajudador dos desarrimados. Com isso, aquela ocupação durou apenas uma noite. Na manhã do dia seguinte, dezenas de soldados armados despejaram todos os invasores sob tiros e pauladas. Na correria para fugir dos agressores, Severino caiu da janela do mezanino e na queda adquiriu alguns machucados pelo corpo, incluindo uma fratura no pé.

Abandonado pela polícia no local da queda, somente foi socorrido por outros desabrigados muitas horas depois do acidente e tratado ali mesmo por eles próprios. Esse acidente deixara em sua perna um trauma que o impedia de se locomover com desenvoltura. Agora, ainda mais inapto ao trabalho, via como impossível qualquer possibilidade de arrumar um emprego, restando-lhe uma única alternativa para sobreviver: voltar a mendigar, perambulando pelas ruas como outrora.

E assim, acompanhando outros miseráveis, passou a pedir auxílio na porta da igreja durante os dias de missa e à noite a dormir nos bancos da Praça da República. Acordava cedo para ler as capas quando o jornaleiro começava a expor os diários. Em um desses viu a gravura e leu a notícia do falecimento do pintor João Timótheo, apreciando a estampa de um negro apresentada no jornal.

— A gazeta heroifica na morte os esquecidos em vida — protestei ao ouvir tal relato.

Do banco da praça contemplava o jardim e os grã-finos passantes. Também perscrutava o aumento na concorrência de pedintes que pelejavam a cada jornada pela escassa esmola. Dia após dia passou no calor infernal da tarde e no frio cortante da madrugada. Viu

de lá outros retirantes das bandas de cima, naturalizando a inópia com valentia. Invejou-os. Não se sentia com a força de um sertanejo nortista, mas com o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral. Euclides da Cunha tinha razão.

Certa vez, no que seria mais uma sossegada noite de sono, acordou com o intenso barulho de uma multidão que se aproximava, com muitos jovens eufóricos gritando palavras de ordem. Alheio ao movimento e às algazarras, permaneceu quieto em seu canto, aproveitando o sono dos justos empobrecidos, deitado no banco ao lado do jardim. Instantes depois, os gritos animados foram suprimidos pelo som de muitos tiros. Então viu vários rapazes correndo em todas as direções, procurando as árvores como escudo ou fugindo para as ruas mais distantes.

Atorreado, Biu Noá não entendeu o que estava acontecendo e muito menos o que deveria fazer, mas, espelhando-se nas pessoas que fugiam dos disparos, resolveu correr também, mesmo sem saber qual direção tomar. Na dificuldade de se manter de pé, com as fortes dores sentidas cada vez que a perna machucada se apoiava no chão, veio a tropeçar e cair com a cara nas pedras portuguesas do espaço peatonal.

No tombo, foi pisoteado por um punhado de gente e chutado por outros, no que a perna direita, já escoriada, ficou deveras ferida pelos choques com os jovens que tentavam na pressa deixar o local em busca de abrigo.

Os tiros continuavam por todas as partes, com alguns dos manifestantes revidando com disparos de revólveres apontados para um prédio adiante. Mais um rapaz caiu ao seu lado, assim como tantos outros que já tinham tombado e se levantado logo em seguida, dando continuidade à fuga. Várias pessoas que passaram em desesperada carreira acabaram tropeçando no magrelo caído no caminho, mas todos se levantaram e foram embora, deixando-o prostrado lá, sem lhe oferecer ajuda. Apenas esse último permanecia ali, deitado ao seu lado. Biu Noá continuou imóvel por não suportar a dor na perna quando se mexia. Parecendo imitá-lo, o jovem deitado ao seu lado continuava inerte e em silêncio.

Passado o tempo e cessado o barulho dos disparos de fuzis e revólveres, também dos pipocos estrondosos, como de explosões de granadas, chegaram alguns rapazes para acudi-los. Os socorristas gritavam cada vez que encontravam algum ferido, chamando a atenção da equipe médica. Examinando o moço caído ao lado de Biu Noá, bradaram aflitos que ali havia mais um morto, o terceiro até então. Em um momento mais sossegado, todos os feridos foram carregados em macas ou suspensos pelos braços e pernas para as ambulâncias da assistência pública. Após exames, os casos mais leves foram atendidos ali mesmo, com curativos de primeiros socorros, e os mais graves conduzidos à emergência do hospital. O paciente esquelético foi transportado à Santa Casa por indicação do médico que observara a sua perna gravemente machucada.

Sendo atendido como gente na Casa de Misericórdia, Severino, inadaptado a esse tipo de tratamento e sentindo-se mais seguro e protegido que nos outros ambientes onde estivera internado, estabeleceu uma relação de confiança e admiração secreta pela mulher que o acolhia no cuidado hospitalar. Ali ficou imobilizado em uma cama, passando dias e noites deitado com a perna pendurada por uma tipoia. E assim deveria permanecer até que ocorresse a sua plena recuperação.

Diariamente, recebia os cuidados da meiga enfermeira, de rosto familiar, que lhe trazia canja, medicação e sorrisos. Tempos depois, o paciente Severino mudou de leito, passando a ocupar o seu tempo em conversas com o jovem enfermo da cama ao lado, esse hospitalizado há menos dias, recuperando-se de ferimento à bala, que atingira o seu pulmão, além dos estilhaços de uma granada que deixaram escoriações em diferentes partes do corpo.

Em meio às conversas reiteradas, descobriram ambos que vieram da terra das alagoas e passaram a partilhar mais informações e atenção um ao outro, tornando-se amigos de longos papos sobre tudo, principalmente sobre os percursos distintos de cada um deles até chegarem ali. Falavam também sobre a vida difícil e desprotegida do trabalhador, tema de maior interesse de Biu Noá, e sobre os desentendimentos entre o governo de São Paulo e o governo da República. Esse último assunto levava aos relatos do conflito

armado, temática sobre a qual o jovem paciente baleado falava com bastante empolgação, enquanto Severino apenas o escutava.

Quando curado da tosse e recuperados parcialmente os movimentos da perna, Severino conseguiu se levantar e, com o apoio de muletas, caminhar até o salão de cuidados, onde fez a barba e teve o cabelo cortado pelo velho barbeiro trazido pelo capelão. De volta à cama da enfermaria, com o rosto limpo e já revigorado da desnutrição, foi identificado pela enfermeira como o garoto que ela conhecera em sua casa no Jaraguá. Com essa declaração da enfermeira, de reconhecimento do paciente internado, Severino também clareou a memória e lembrou-se da garotinha extrovertida, agora a senhora que o auxiliava na recuperação da saúde.

O combatente ferido, que se recuperava ao seu lado, era o sargento André, e a doce senhora que o atendia tão cordialmente era Ana Lúcia. Por ironia do destino, André e Lúcia se conheceram ali mesmo, no hospital, e logo se apaixonaram, quando então decidiram que um dia iriam voltar à terra natal, assim que o rapaz se recuperasse do grave ferimento no pulmão, para o casamento na presença da família dela. O sargento, ao menos dez anos mais jovem que a enfermeira, dizia ao amigo Severino que a batalha o feriu de morte, mas os cuidados da namorada o salvaram. Afirmou que o lado bom de toda essa tragédia foi ter conhecido o amor de Lúcia.

A vida de Ana Lúcia transformou-se bruscamente a partir da morte do pai, quando ela também esteve internada e passou a conhecer o sofrimento dos desassistidos socialmente durante a pandemia. Movida por um sentimento de revolta, encontrou forças para enfrentar a sua mãe possessiva, ao mesmo tempo que se integrava aos movimentos sociais progressistas. Tornou-se militante de uma ramificação local das ligas pelo progresso feminino, movimento voltado à defesa da emancipação intelectual da mulher e à luta pela conquista do direito de voto. Mudara-se de Santos para capital do estado, com o fim da gripe espanhola, quando reduzida a atuação do governo no atendimento aos enfermos nos hospitais de campanha. Na cidade de São Paulo, passou a atuar no socorro aos moribundos e soldados convalescidos.

E como se deu o retorno dos três ao ponto de partida? Creio que essa seja uma curiosidade do leitor a essa altura do texto. Esse também era um questionamento que eu me fazia enquanto ouvia os relatos, mas não me atrevia a perguntar nada mais ao velho Biu Noá, pois esse ignorava qualquer tentativa de atalho ao final do enredo e seguia a contação da história segundo o seu roteiro. Entretanto, para não endossar a agonia da espera, tratarei desse regresso agora mesmo.

Antes do Natal daquele ano, Severino e André receberam alta, quase que no mesmo dia. Foi quando Ana Lúcia pediu dispensa do cargo de enfermeira-chefe e os três viajaram juntos de volta a Maceió, onde Ana Lúcia reencontrou a mãe, ainda bastante magoada pelo enfrentamento da filha, ao desafiá-la quando resolveu permanecer em Santos, cuidando dos contaminados.

O tio André, pela bravura na representação do estado nas forças federais, foi promovido a subtenente da polícia. E por apresentar problemas de saúde, devido aos ferimentos sofridos no conflito, passou para a reserva da corporação. Severino, que acompanhou o casal em todo o tempo da viagem, ficou na casa de Amália, onde assumiu as tarefas antes atribuídas ao cocheiro Jeremias, agora velho e muito doente para o trabalho.

No mesmo mês, André e Lúcia se casaram, como combinado, e como condição para continuarem morando na casa da controladora senhora Amália, que tinha medo de que as vizinhas contassem ao padre que a sua filha e o militar viviam amasiados. Logo depois do casório, por indicação médica, para se recuperar dos problemas respiratórios, o tio Dedé decidiu ir morar em Maragogi, onde poderia respirar o ar úmido e limpo vindo do mar e manter-se ativo com as caçadas na mata, além de poder, com isso, afastar-se das desavenças com a sogra.

Biu Noá continuou vivendo em Maceió, tendo voltado a acompanhar os trabalhos investigativos da polícia em seu novo emprego na inspetoria. Na função de condutor, levava o inspetor ao local do crime a ser investigado, aproveitando para procurar evidências que

pudessem ajudar na identificação dos suspeitos ou na elucidação do caso. Fazia até mesmo as anotações em um caderno próprio sobre os fatos descritos pelos depoentes. Sentia que, com essa ação, tinha voltado à origem de sua vocação, quando acompanhava o delegado Antenor na investigação do desaparecimento da jovem Paulina.

— Espere um pouco — interrompi o meu tio, quando esse me falava do novo trabalho do amigo Biu Noá. — Deixe-me entender uma coisa... O senhor Biu me falou que Antenor tinha morrido da peste. Como é possível que ele estivesse de volta na atuação como investigador da polícia?

Minha inquietação não tinha a intenção de atrapalhar a contação da história e sim compreender o último fato exposto pelo tio André, que parecia romper a linha do tempo.

Ao contrário de Biu Noá, que seguia uma linha contínua na narração de sua história, desde o seu nascimento e entrega aos cuidados da igreja, até a saída da prisão e o retorno ao estado de origem, o tio André economizava palavras e não seguia qualquer roteiro, ora avançando na história, ora voltando na explicação do fato ocorrido. Por isso não entendi de imediato algo que se parecia com um recuo no tempo do episódio descrito.

Sem se incomodar com o meu atrevimento em questioná-lo sobre a linha temporal da descrição, ele compreendeu a minha confusão e explicou-me que, em todo o tempo que morou na casa de Amália, o amigo Biu ficou encarregado da condução da charrete, acompanhando Antônio, o jovem filho de Antenor, que assumira um posto na inspetoria de polícia, trabalhando no mesmo prédio onde o seu pai servira por muitos anos.

Antônio Ermenegildo seguia os mesmos passos do pai e do avô, tornando-se um promissor agente de investigação criminal, um conceituado perito em técnicas e conhecimentos científicos aplicados na resolução de conflitos legais e no desvendamento de crimes violentos, que se tornaram comuns nos centros urbanizados. Cabia ao cocheiro Severino conduzi-lo durante as incursões, em um papel semelhante ao desempenhado por Jeremias quando acompanhava o então delegado Antenor, porém, com uma diferença básica: Severino não aceitava se limitar ao simples trabalho de

condução do policial e tomar conta da carroça e dos cavalos. Ele se sentia um detetive nato, com habilidades outrora reconhecidas por Antenor, com isso desejando se envolver no processo investigativo, procurando ajudar o novato inspetor Antônio na resolução dos casos. Entretanto suas observações eram sempre descartadas pelo jovem, que o via como um simples carroceiro e o intitulara araque de polícia.

Severino também conduzia o rapaz em suas atividades recreativas, fora do expediente de trabalho, sendo manipulado pelo seu chefe como um serviçal qualquer. Em certa ocasião, citou que levou Antônio e sua noiva ao cinema e pediu a ambos para entrar com eles. Queria pisar no cinema pela primeira vez. Foi severamente repreendido pelo casal de jovens. No dia seguinte, dirigiu-se sozinho ao cineteatro da cidade para finalmente poder saber como era aquele espaço por dentro. Assistiu ao filme Onde a terra acaba, ficando impressionado com o tamanho da tela e a desenvoltura dos atores na representação de uma ficção romântica, dirigida por Octavio Gabus Mendes, com a adaptação do livro Senhora, de José de Alencar, obra já lida por ele quando esteve na Ilha Grande.

Em outras ocasiões, muitas na verdade, conduziu o rapaz completamente embriagado para casa, repousando-o no quarto antes que a mãe Amália o visse naquele estado deplorável. Biu Noá não gostava do caráter desonesto do jovem Antônio, que em nada lembrava a postura do pai, tampouco aprovava as suas atitudes discriminatórias, que defendiam a preeminência branca e não apreciavam mérito algum no trabalho do condutor, tratado como um mero boleeiro. Em uma noite, quando estava bebendo com os amigos e aplaudindo a concessão de plenos direitos ao líder alemão, conforme anunciava o noticiário no rádio, o rapaz expressou que desejava algo semelhante ao Brasil, com a formação de um governo forte que promovesse a eliminação de tudo o que representava o modo de vida atrasado do país, incluindo as práticas culturais dos antigos escravizados e seus descendentes.

Os posicionamentos políticos de Antônio já eram preocupantes desde cedo e por isso ele vivia em constantes conflitos com a irmã mais velha, Ana Lúcia. Essa mantinha uma visão exatamente

oposta à postura do irmão, defendendo os movimentos que pregavam a igualdade de direitos aos negros e às mulheres. A emancipação progressista de Lúcia incomodava drasticamente a mãe e o irmão, provocando arengas cotidianas. Certa feita, por pura piraça, a irreverente tirou do piano o Corta-jaca, imitando Francisca Gonzaga, com as irmãs dançando de mãos nos quartos, participando dessa chacota com tamanha afronta, vendo a mãe esbravejando em ódio. Esses conflitos também foram motivadores para que ela e o marido saíssem de casa, quando foram então morar em Maragogi.

A situação do senhor Biu foi alterada quando Antônio trocou a velha charrete por um automóvel, com isso dispensando o chofer, que tomado de desgosto por não poder ser útil no serviço de investigação, abandonou o emprego e deixou a cidade. Ele estava determinado a enfrentar as intempéries da vida, de escassas bem-aventuranças e reveses intensos, sentindo-se assim como uma rocha, formada lentamente de sucessivos sedimentos trazidos do mar, da chuva e do vento, que é bruscamente deformada pela ação desses mesmos elementos, quando enfurecidos. Isso o fez pensar que o mesmo infortúnio atinge o universo inteiro e a todos os viventes, lembrando uma expressão típica: “o que salva, também mata”, como as palavras, segundo Provérbios 18,21, a dose ou até mesmo o voto. Tudo é dialético. Dessa forma, ele já não tinha o que temer e então olhou além do seu horizonte e decidiu mudar-se da capital para a praia, atendendo ao convite feito pelo amigo André e sua esposa Lúcia.

No seu primeiro dia de volta à terra natal, Severino notou a movimentação dos moradores locais na ânsia de acompanhar a passagem do dirigível sobre a vila. O diário do estado vizinho anunciava o dia e o horário programados para a chegada da aeronave alemã à capital pernambucana, onde a descida do gigante charuto voador era manchete que mobilizava a cidade inteira, inclusive com a venda de ingressos aos que pudessem pagar 5 mil réis para assistir de perto ao pouso.

As notícias do jornal circulavam por todas as localidades litorâneas, formando em cada cidade ou distrito uma atração que aglomerava os ávidos curiosos de todas as idades. Em algumas viagens, ao passar por Maragogi, o aeróstato mantinha-se em baixa altitude, quando transportava correspondências a serem lançadas em malas postais durante a passagem sobre Maceió. Diante do espetáculo inusitado, o regressado Biu Noá agradeceu ao amigo André pelo convite e pela ajuda no seu retorno.

O tio Dedé tinha comprado uma casa enorme nas proximidades da praia e ajudado o Severino na construção de sua casinha no mesmo arruado. Ali, o meu tio vivia o tempo perfeito para ele: sem pressa, sem conflitos, com liberdade para nadar, pescar, caçar, olhar a natureza e cuidar de cada filho que nascia, um a cada ano. Ana Lúcia falecera alguns anos depois, de morte natural. O seu coração parou de bater no instante em que todos estavam sentados na calçada, olhando para o céu, outra vez aguardando o Graf Zeppelin sobrevoar a praia, nessa que seria a sua última viagem pelo Brasil, vindo do campo do Jiquiá, no Recife, com destino ao bairro de Santa Cruz, no Rio de Janeiro. Nas palavras do meu tio, ela morreu com o mesmo sorriso de sempre, enquanto amamentava a filha caçula, Ceça.

Quando tocou no assunto da morte de sua primeira esposa, o meu tio mudou a feição e repentinamente parou o diálogo. Não queria expressar diante de uma criança qualquer sentimento de fraqueza, que o fizesse parecer menos valente e herói. Então baixou a cabeça e assim permaneceu por alguns minutos.

Tentando reanimá-lo e retomar o diálogo, sem mexer nesse tema delicado, eu resolvi mudar de assunto, falando amenidades, até que ele se recompusesse, e aí então levantei mais uma indagação sobre o amigo Biu Noá:

— Tio, como se deu o falecimento do senhor Biu? — indaguei, imaginando que, mesmo tratando da morte de um amigo, esse assunto seria menos doloroso para ele que falar da primeira esposa, e com isso eu concluiria o meu interrogatório.

Ele, conhecendo a minha boa relação com o idoso e entendendo a minha curiosidade, corrigiu a postura, aprumando-se na cadeira,

para retomar a fala, agora discorrendo sobre o acontecimento que chocou a comunidade, em resposta à indagação por mim lançada.

Eu sabia que os temas sensíveis maquiam a verdade ao dar vazão às interpretações emotivas sobre os fatos. Ao mesmo tempo, compreendia que as memórias se tornam ainda mais falíveis, quanto mais se distanciam dos acontecimentos. Por isso, eu precisava da informação depressa e estava ciente de que ele era a única fonte viva que conhecia razoavelmente o sujeito da minha pesquisa, podendo elucidar as minhas dúvidas. Ele, por sua vez, não poderia se esquivar tanto da verdade, enquanto cicatriz que precisava ser tratada. Não falar desse assunto seria o mesmo que querer se esconder atrás de sua própria sombra. E o meu tio não era sujeito que fugia ou se acovardava ante os óbices da vida. Costumava dizer que a covardia se alimenta das fraquezas.

Tio Dedé deu sequência à prosa afirmando que os vizinhos arrombaram a porta depois de alguns dias de ausência do velho no entorno da casa. Os moradores da vila relataram que sentiram um cheiro ruim vindo do interior. Ele explicou-me que não estava lá nesse dia, pois tinha ido ao cartório no centro da cidade para registrar a filha recém-nascida e oficializar os papéis do casório com a nova esposa, a mãe da bebê. Acompanhado de outros filhos e da mulher, permanecera no centro resolvendo outras pendências e quando retornou, no final do dia, foi que ficou sabendo de todo o ocorrido.

Os vizinhos lhe contaram que o velho foi encontrado morto e logo levado por agentes da prefeitura para ser enterrado como indigente. Ele não tinha parentes e nenhuma alma bondosa se apresentou interessada em arcar com as despesas do sepultamento. Na localidade onde vivera a velhice, não existia qualquer pessoa, além do meu tio, para apoiá-lo em vida, muito menos na morte. E na paróquia onde passara a infância, não havia ninguém naquele dia para reclamar o corpo, pois todas as devotas tinham partido em um ônibus lotado, em caravana ao Recife, para louvar a visita do Papa. Assim, o velho Biu foi jogado em uma vala comum do cemitério municipal, sem qualquer cerimônia. Sequer foi sepultado no antigo cemitério da velha igreja onde tinha sido criado. Com isso, cumpriu

sua promessa de nunca mais pôr os pés de volta no local de onde saiu aos 15 anos.

Assim que o corpo foi levado embora, acompanhado pelo doutor Cariolando, os vizinhos saquearam a casa à procura da botija de moedas. Aproveitando-se da ausência do tenente André, que teria posto ordem na arruaça para impedir tamanha depredação, os populares intensificaram os atos de vandalismo. Escavaram o chão a cada palmo e seguiram sacolejando tudo o que encontravam pela frente. Nenhum objeto ficou inteiro. Não tendo encontrado nada de valor e ainda envolvidos nessa busca desvairada, dirigiram-se à velha igreja e perfuraram o piso e as paredes na mesma procura pelo tesouro, violando o ossuário com os restos mortais ali depositados.

Após esse episódio, a vida na vila voltou ao normal e ninguém mais falou sobre o assunto, como se nada tivesse ocorrido. A memória seletiva das pessoas fez questão de apagar de vez aquele senhor que nada significava para elas e não se tocou mais no seu nome. O velho foi esquecido como se não tivesse existido. Sumiu como a fumaça do seu cigarro. Creio que isso tenha sido uma providência divina para não castigar aquela gente humilde, pois sei que quando Deus quer punir uma pessoa, mantém viva a sua memória sobre os erros cometidos. Li em *Crime e castigo*, de Fiódor Dostoiévski, que aquele que tem consciência sofre reconhecendo o seu erro. Essa é a sua punição.

Findo essa história acreditando piamente que a resistência pacífica do consciencioso Severino fez de sua vida um protesto e de sua narração uma denúncia, cabendo a este trabalho apenas dar vazão a uma voz que não pode ser represada no tempo.

Quanto a mim, não voltei mais à casa dos meus primos, que poucos anos depois mudaram-se para Maceió, para a antiga residência da falecida senhora Amália, no Jaraguá. Depois disso, minhas férias passaram a ser em casa, no Recife, com os meus pais. Voltei a Maragogi só recentemente, com esposa e filhas, para revistar o espaço da igreja, agora literalmente no chão, em ruínas que em nada lembram a igreja que eu visitei na minha infância e menos ainda a igreja vivida por Biu Noá em sua infância.

Ficha de leitura

1. Escreva sobre o enredo do livro, destacando aspectos relevantes, como: a época em que a história acontece, locais citados pelo narrador, personagens principais e secundários, partes importantes da trama e contextos históricos apresentados.
2. Para você, o que seria diferente na história narrada pelo senhor Severino se ele fosse um homem branco? Nos dias de hoje, a questão racial é tratada de forma diferente daquela vivida por Biu Noá?
3. Na sua interpretação, quais as condições de trabalho dos serviçais da igreja? Compare-as às condições dos demais trabalhadores nos diferentes locais informados no livro.
4. Apresente o trecho do livro que você mais gostou, o personagem que mais chamou a sua atenção e o problema social abordado na história que representa uma causa com a qual você se identifica.
5. Quais as informações geográficas da cidade de Maragogi contidas no livro? Apresente outras características importantes do lugar.
6. Compare a situação de submissão da personagem Maria Paula e as ações de emancipação de Ana Lúcia.
7. Que relação você identifica entre os meios de transporte citados no livro e a distância entre as cidades? Compare as condições de deslocamento da época retratada no livro com os dias atuais.

8. A vida do personagem central da história é marcada por lutas diárias pela sobrevivência. Quais fatores você considera preponderantes para dificultar a ascensão social desse personagem? E o que você mudaria no desfecho da história?
9. Sobre a prisão da Ilha Grande, segundo o narrador, qual o papel desse ambiente hostil na história política do país e quais as condições às quais eram submetidos os aprisionados?
10. Faça uma lista das palavras novas que você conheceu na leitura deste livro e apresente o significado de cada uma delas. Sobre os autores e suas obras clássicas citadas, informe quais você conhece.

Título Esperando o zepelim passar

Organização Eri Carmo

Formato *E-book* (PDF)

Tipografia Tisa Pro (texto), Apparat (títulos)

Desenvolvimento Editora UFPE



Rua Acadêmico Hélio Ramos, 20 | Várzea, Recife-PE

CEP: 50740-530 | Fone: (81) 2126.8397

editora@ufpe.br | editora.ufpe.br



PROGRAD
PRÓ-REITORIA
DE GRADUAÇÃO